

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

FERNANDO LEGÓN GALINDO

ASPECTOS DA DINÂMICA COMPLEXA DO PROCESSO DE TRADUÇÃO ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA DE TRADUÇÃO LITERÁRIA DO ESPANHOL AO PORTUGUÊS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Letras Modernas, Área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientadora:

Profa. Dra. Neide Terezinha Maia Gonzalez

**São Paulo
2005**

**TRABALHO DESENVOLVIDO COM BOLSA DO CNPq, COM INÍCIO EM
MARÇO/2004**

*Ao meu amigo,
exemplo de vida,
guerreiro e lutador*

PAULO ROBERTO CONDÉ PINTO

(in memoriam)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Neide T. Maia González, por aceitar o desafio que desde um início significou esta pesquisa.

Ao professor Nelson Fiedler-Ferrara, pelas horas dedicadas a dialogar e nos fazer entender o fascinante mundo da complexidade.

Ao professor João Azenha, pelo apoio acadêmico e humano, pelas dicas sobre pesquisa em tradução, pelo precioso tempo dedicado.

Ao professor Fábio Alves, pela gentileza de nos facilitar o programa e as instruções do Translog.

A Regina, Beni, Tereza, Angélica e Ari, pela delicadeza, paciência e boa vontade.

À minha amiga Neidoca, por sua incondicionalidade, sua sensibilidade, suas palavras certas no momento certo e o seu sorriso.

À Bethânia, por me acompanhar no pior momento, quando as forças já tinham acabado.

À minha mãe, María Isabel e ao meu irmão, Rafael.

Aos meus amigos, a quem considero a minha família.

RESUMO

Neste trabalho, é analisado o processo de tradução através das diferentes versões que fazem quatro tradutores de um mesmo texto (um conto da autora cubana Zoé Valdés) e dos registros que estes tradutores fazem num diário de tradução. O objetivo é pesquisar os aspectos da dinâmica do comportamento do processo de tradução, observando a natureza dos elementos que entram em interação no momento da tomada de decisão do tradutor e na posterior reestruturação do texto traduzido. Também são analisados os paradigmas e trajetórias que apresentaram alguns dos estudos da tradução com o objetivo de determinar as marcas do surgimento de um novo paradigma nestes estudos.

Palavras – chave: tradução; complexidade; sistema complexo; pensamento complexo; paradigma; auto-organização.

SUMMARY

In this work, the translation process is analyzed through the different versions made by four translators of a same text (a short story by Cuban writer Zoé Valdés) and the records they wrote in a translation diary. The objective is to research the dynamics of the translation process, observing the nature of the elements that interact in the moment of the translator's decision and during the subsequent restructuring of the translated text. At the same time, paradigms and paths arisen throughout some of the translation studies are examined with the objective of determining signs of the emergence of a new paradigm in these studies.

Keywords: translation; complexity; complex system; complex thought; paradigm; self-organization.

RESUMEN

En este trabajo, se analiza el proceso de traducción por medio de las diferentes versiones que hacen cuatro traductores de un mismo texto (un cuento de la autora cubana Zoé Valdés) y de los registros que los mismos hacen en un diario de traducción. El objetivo es el de investigar los aspectos de la dinámica del comportamiento del proceso de traducción, observando la naturaleza de los elementos que entran en interacción en el momento de la toma de decisión del traductor y en la posterior reestructuración del texto traducido. Asimismo, se analizan los paradigmas y trayectorias que han presentado algunos de los estudios de traducción con el objetivo de determinar las marcas del surgimiento de un nuevo paradigma en estos estudios.

Palabras clave: traducción; complejidad; sistema complejo; pensamiento complejo; paradigma; autoorganización.

ÍNDICE	PÁG.
ÍNDICE	6
APRESENTAÇÃO	8
1. Um esclarecimento necessário.....	8
2. Sobre o que vou dissertar e por quê.....	8
3. Um sentido para os termos complexidade, pensamento complexo e sistema complexo.....	11
CAPÍTULO 1. METODOLOGIA DE PESQUISA	
1.1. Introdução.....	17
1.2. A escolha do texto a ser traduzido pelos informantes.....	17
1.3. Aspectos levados em conta no desenvolvimento da metodologia de pesquisa.....	19
1.4. Perfil dos informantes.....	25
1.4.1. Tradutor 1.....	25
1.4.2. Tradutor 2.....	26
1.4.3. Tradutor 3.....	28
1.4.4. Tradutor 4.....	29
CAPÍTULO 2. O PROCESSO DE TRADUÇÃO COMO UM SISTEMA COMPLEXO	
2.1. Um sentido para o termo auto-organização.....	32
2.2. Análise de exemplos selecionados no corpus.....	40
2.2.1. Conclusão da análise dos exemplos.....	67
2.3. Dinâmica do comportamento dos processos de tradução.....	69
2.3.1. Conclusão da análise da dinâmica de comportamento	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75

EXCURSO

OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E O PENSAMENTO COMPLEXO.

UM RECORTE HISTÓRICO

1.	Um sentido para o termo paradigma.....	78
2.	Os estudos da tradução. Trajetórias e paradigmas.....	83
2.1.	As primeiras reflexões sobre a tradução.....	84
2.2.	Os anos 50. O paradigma formal. O Gerativismo e o Estruturalismo.....	85
2.3.	Os anos 70. A Pragmática e a Lingüística Textual.....	88
2.4.	Os anos 80. O enfoque cultural.....	88
2.5.	O Polissistema Literário.....	89
2.6.	Anos 90. Quais foram os novos rumos?.....	93
2.7.	Final dos anos 90. Evolução dos estudos da tradução baseados na Lingüística Textual.....	97
2.8.	A necessidade de um Novo Paradigma para os estudos da tradução.....	99
2.9.	Os estudos da tradução no Brasil com características do Pensamento Complexo.....	102
3.	Considerações finais sobre a análise dos estudos da tradução.....	105

BIBLIOGRAFIA

5.1 - Referências bibliográficas.....	106
5.2 - Bibliografia de apoio.....	108

ANEXOS

Anexo A: Instruções para os tradutores informantes.....	111
Anexo B: Conto em espanhol.....	115
Anexo C: Versões finais das traduções.....	120
Anexo D: Tabela de exemplos.....	141
Anexo E: CD contendo diários de tradução, gráficos e versões consecutivas	

APRESENTAÇÃO

1. UM ESCLARECIMENTO NECESSÁRIO

Este trabalho foi concebido a partir de algumas leituras feitas durante o tempo em que assisti aos cursos do Mestrado, leituras essas que me levaram a estabelecer uma relação entre sistemas complexos e linguagem humana. Foi assim como nasceu a idéia de estabelecer um nexos entre sistemas complexos e o processo de tradução. Pesou, certamente, nesta escolha o fato de eu ter uma formação inicial em ciências exatas e de estar cursando um mestrado no campo dos estudos da linguagem. Para poder estabelecer essa ponte, foi necessário dialogar com vários especialistas de diferentes campos: física, tradução, aquisição de línguas, lingüística, daí o caráter mais do que nunca polifônico do trabalho.

Assim, pela sua própria natureza transdisciplinar¹, em virtude do modo como foi concebido e pelos múltiplos diálogos e vozes presentes em cada decisão tomada, as formas de enunciação do texto desta dissertação vão oscilar entre o "eu" e o "nós". Por vezes aparecerão também formas impessoais que remeterão a um conjunto de vozes que circulam sobre algo. Talvez não seja de praxe num trabalho deste tipo a escolha feita, mas ela foi fruto de uma atitude deliberada e teve como objetivo deixar transparecer no texto quando alguma decisão foi tomada em conjunto ou foi apenas pessoal ou quando assumimos alguma coisa já claramente expressada por outros.

2. SOBRE O QUE VOU DISSERTAR E POR QUÊ

Quando comecei a idealizar esta dissertação, quis formular uma série de perguntas que me permitissem estruturar e perfilar o esqueleto do trabalho. Algumas delas pareciam óbvias demais, outras meio absurdas, mas foi exatamente tentando dar uma resposta a elas que, durante os últimos meses,

¹ Para uma melhor compreensão dos termos "transdisciplinaridade" e "interdisciplinaridade" e dos gestos que cada um deles implica no campo da Lingüística Aplicada veja-se Signorini & Cavalcanti (1998)

tenho conseguido organizar algumas idéias sobre o processo de tradução e os aspectos que o caracterizam.

Algumas destas perguntas foram:

- O que significa traduzir?
- Pode-se teorizar sobre uma atividade que se constitui na prática?
- Como é que estão relacionadas teoria e prática no processo de traduzir?
- Quando analisamos o processo de tradução, pode-se dizer que cada caso é um caso?
- Pode-se regularizar ou regulamentar o processo de tradução?

Sempre gostei de formular uma idéia em forma de pergunta, por simples ou ambígua que esta fosse. Assim deixava mais claras as coisas e a busca pela resposta, mesmo que fosse uma não-resposta, já constituía um esclarecimento para o problema em questão. Como se a busca por respostas criasse o caminho que ia ser trilhado. Mas, caberia, então, perguntar se não seria este um caminho pré-determinado, e se, ao colocar como objetivo final dar uma resposta a uma determinada questão, não estaria induzindo desde já o ponto final deste caminho.

Coloquei-me, então, o firme propósito de que a minha pesquisa trilhasse um caminho questionado o tempo todo, que não se propusesse um fim a alcançar, e se constituísse sim numa análise crítica, num pensar indagador e não pré-determinante.

Assim sendo, me proponho, nesta dissertação, a analisar se o processo de tradução pode ser considerado um processo linear, governado por leis do tipo determinístico, em que o resultado da atividade de traduzir e o próprio processo que leva a uma tomada de decisão podem ser interpretados de alguma forma previsível. Ou se, ao contrário, esse processo é um sistema do tipo não-linear, no qual a relação causa-conseqüência é determinada por leis do tipo complexo, onde a imprevisibilidade tem um papel importante e determinante e onde existe um grande número de fatores interagindo, com resultados imprevisíveis.

Para cumprir com esse objetivo do trabalho, foi idealizada uma metodologia de pesquisa que incluiu a constituição de um corpus composto pelos diários de tradução de quatro tradutores, traduzindo um mesmo conto¹. Mediante a observação desses diários, e a comparação das soluções dadas pelos quatro tradutores para alguns fragmentos do texto escolhidos a posteriori, pela problemática que apresentam, analisarei, como se verá, se através deles é possível detectar aspectos característicos de sistemas complexos e quais são esses aspectos. Ao começar a pensar nesses termos, nos perguntamos quais seriam, então, esses aspectos de complexidade que poderiam estar presentes no objeto de estudo analisado: o processo de tradução e, concretamente, será focalizada a questão da **auto-organização**, fenômeno típico de sistemas complexos.

Uma das primeiras dúvidas que apareceram foi se este assunto já não tinha sido tratado por outros pesquisadores anteriormente. Quer dizer, era importante também saber se o fato de analisar o processo de tradução sob o paradigma do pensamento complexo constituía realmente uma novidade no campo dos estudos da tradução ou se essa visão já tinha sido abordada anteriormente.

Por essa razão, foi realizada uma análise de alguns trabalhos que focalizam o processo de tradução. Os resultados dessa pesquisa serão apresentados num **excurso** desta dissertação. Nessa pesquisa, foi estabelecido, obviamente, um recorte nos trabalhos analisados, recorte esse determinado por escolhas pessoais bem como pelos limites que o tempo e a disponibilidade de bibliografia me impuseram. Aqui serão analisados não só os pressupostos teóricos ou o paradigma seguido pelo pesquisador para estudar e analisar o processo de tradução e teorizar sobre ele, mas também quais mudanças foram aparecendo nesses pressupostos teóricos ou paradigmas ao longo do tempo. A partir dessa análise, tratarei de observar se alguns aspectos de complexidade já foram aparecendo nesses estudos, ainda que não estivessem rotulados explicitamente dessa forma. Com esses dados, será formulado o que entendo

¹ Mais detalhes sobre o corpus coletado e pesquisado, ver capítulo 1 deste trabalho.

por paradigma da complexidade, como esta visão influi na interpretação do processo de tradução e se essa visão representa realmente uma novidade nos estudos da tradução. Este **Paradigma da Complexidade** será também chamado de **Pensamento Complexo**.

3. UM SENTIDO PARA OS TERMOS COMPLEXIDADE, PENSAMENTO COMPLEXO E SISTEMA COMPLEXO

Para todo mundo que já lidou com tradução, em maior ou menor grau, parece uma verdade absoluta dizer que o processo de tradução é um **processo complexo**, é difícil, é complicado, exige concentração, conhecimento e preparação. Portanto, qual é a novidade em dizer que o processo de tradução tem um comportamento complexo?

Complexidade, no sentido como vai ser usado este termo neste trabalho, não é só isso. **Complexidade** não é só um substantivo semanticamente abstrato que abrange tudo o que é difícil e complicado. Complexidade é, na minha concepção, antes de tudo, **instabilidade**, **incerteza**. A instabilidade que está presente nas incertezas, nos fenômenos imprevisíveis, a instabilidade do mundo de modo geral. Mas complexidade também é, na minha opinião, **organização**, a organização que aparece nos sistemas altamente complexos, e mais do que organização, diria que a complexidade é **auto-organização**, ou talvez, mais precisamente, nos termos de Debrun (1996), **reestruturação**, considerando esta última como característica emergente, produto, muitas vezes imprevisível, da interação dos elementos integrantes do sistema complexo e que será definida detalhadamente no capítulo 2.

As idéias sobre complexidade partiram do campo da Física e estão presentes nos trabalhos de Gleick (1987-1989), Prigogine (1993) e Atlan (1994). Neles fala-se de uma ciência de processos, mais do que de uma ciência do estado, fala-se de uma ciência que lida com o imprevisível, observando e não descartando. Mais tarde, essa tendência foi observada em outros trabalhos que abrangiam todas as áreas do conhecimento, desde a Física até as Ciências

Políticas, as Engenharias, a Economia, a Biologia, a Sociologia, as Relações Internacionais, a Teoria dos Jogos, a Religião.

Dito nas palavras de Vasconcellos (2003: 119),

"(...) quando as questões da desordem e da auto-organização foram reconhecidas pela Física, isso teve uma repercussão enorme em todas as áreas da ciência, parece que todos estavam esperando uma autorização da Física para tratar aberta e cientificamente essas questões".

A partir de então, o conceito de **complexidade** começou a ser tratado de um ponto de vista mais filosófico, começou a ser encarado como visão de mundo, como organização do conhecimento, como forma de pensamento e de (nova) abordagem "científica", e não é por acaso que coloco "científica" entre aspas, já que até agora o "científico" vinha tendo uma abordagem absolutamente oposta. Nesse sentido, não posso deixar de fazer referência aos trabalhos de Morin (1999, 2001, 2003), que tanto marcaram a minha opção por aplicar esse novo olhar ao processo de tradução.

Nessa lista de áreas do saber que começaram a trabalhar com essa nova visão do mundo, podemos e devemos incluir também os trabalhos que levam esse novo pensamento à Lingüística e à Literatura, trabalhos esses que, como já afirmei antes, influíram sobremaneira na escolha do percurso desta pesquisa. Entre eles, o que mais influenciou a minha opção foi o trabalho de Larsen-Freeman (1997), que aplica vários dos conceitos da teoria do caos e da complexidade, à linguagem humana, de um modo geral, e à aquisição de segundas línguas, em particular. O trabalho de Larsen-Freeman (ibid.) cria um paralelo muito interessante entre os fenômenos da aquisição de línguas e os sistemas complexos com dinâmicas caóticas, embora deva reconhecer que a autora se empenha demais em usar conceitos que não eram necessários, chegando a enumerar todas as características que estão presentes nos sistemas caóticos e a aplicar cada uma delas ao seu objeto de estudo.

Esse fato também marcou inicialmente o meu questionamento e o meu comportamento na hora de avaliar e caracterizar o meu objeto de estudo, chegando a me provocar certa insegurança quando não conseguia detectar no meu sistema – o processo de tradução – alguma das características listadas por

aquela autora. Mais tarde, percebi que, de fato, a complexidade não é uma lista de características que têm que estar presentes em todos os sistemas para serem chamados de **sistemas complexos**. A **complexidade** não tem uma definição *a priori*, ela é definida em cada caso, *ad hoc*. Nesse sentido, é importante lembrar as palavras de Morin (2003:17) quando, ao tratar do conceito de método, diz que:

"(...) nada mais distante da nossa concepção de método do que aquela visão composta por um conjunto de receitas eficazes para chegar a um resultado previsto. Essa idéia de método pressupõe o resultado desde o início."

Essa idéia de Morin (ibid.) vai ser aplicada à análise do processo de tradução que será feita neste trabalho e de fato retornarei a ela quando for tratada a suposta **linearidade** do processo de tradução, uma linearidade que vem dada pelo aparente percurso que faz o tradutor, ao traduzir um determinado texto, partindo da primeira frase até a última.

A esta altura, entretanto, o que me interessa é a aplicação que têm as palavras de Morin (ibid.) para a definição do próprio conceito de **complexidade** como termo que deve ser definido em cada caso, para cada sistema, e não seguindo uma série de parâmetros pré-definidos que devam cumprir todos os sistemas para serem considerados **sistemas complexos**.

Assim, podemos entender que a complexidade, da mesma forma que a idéia de método proposta por Morin (ibid.), não é caminho a ser trilhado marcado de antemão, ela não é um modelo ao qual devem se adaptar as nossas observações, ela emerge da nossa própria observação, da própria descrição dos fatos, ela emerge da experiência do processo analisado e é nessa experiência que ela se define. Talvez a maneira mais clara de entender o que é **complexidade** seja a de contrapor este conceito ao seu antagônico por excelência: a **simplicidade**. Morin (1990), ao definir o que entende por **paradigma** e o que seria o **paradigma da complexidade**, nos dá bons exemplos do que poderia ser o conceito de complexidade contraposto ao de **simplicidade**. Quando Morin (2001: 20) define o que entende por

complexidade, se vale da expressão **tecido de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados**, lembrando que o termo *complexus* se refere a tudo aquilo que é tecido em conjunto. E coloca como constituintes dessa "trama" o conjunto de ações, interações, retroações, determinações, acasos que constituem o nosso mundo fenomenal.

Daí surge, aparentemente, a primeira preocupação, já que à primeira vista a complexidade se apresenta com traços inquietantes de confusão, do inextricável, de desordem, de ambigüidade, de incerteza. E, como acreditamos a partir do que aprendemos na tradição científica clássica, o conhecimento precisa pôr ordem nos fenômenos e rejeitar a desordem, afastar o incerto, retirar a ambigüidade, clarificar, distinguir e hierarquizar.

A **simplicidade**, então, para Morin (1999:20), não é mais do que isto:

"(...) a necessidade de pôr ordem no universo e expulsar dele a desordem. A ordem reduz-se a uma lei, a um princípio. A simplicidade vê quer o Uno quer o Múltiplo, mas não pode ver que o Uno pode ser ao mesmo tempo Múltiplo. A simplicidade quer separa o que está ligado (disjunção), quer unifica o que está disperso (redução)."

Um exemplo claro desse tipo de pensamento, no campo da Lingüística, é possível ver no trabalho de Possenti "Um cérebro para a linguagem" (1992), no qual o autor manifesta uma postura claramente "complexista". Ao definir o seu objeto de estudo, a linguagem humana, Possenti (ibid.: 76) mostra que:

"(...) é necessário assumir uma posição teórica que tente entender como um sujeito possuidor de um cérebro e que fala em condições históricas tem que se mover 'gerativa e interpretativamente' para ser sujeito na linguagem, isto é, para funcionar dentro de parâmetros sociais mais ou menos comuns, sendo as diferenças entre um e outro falante suficientemente suportáveis para que nenhum tenha comportamentos completamente incompreensíveis num determinado momento histórico apesar de provavelmente não ter um comportamento completamente previsível."

Quer dizer, o autor, cuja obra se inscreve num âmbito teórico claramente típico da Análise do Discurso, que se diz transdisciplinar, não deixa de reconhecer que, para o funcionamento da linguagem humana, é necessário levar em consideração não só um aspecto da língua, mas as interações entre os diferentes subsistemas que compõem a linguagem e a comunicação humanas. E deixa clara essa postura quando argumenta:

"(...) penso que fica claro que: **(a)** - um falante, por mais imerso que esteja na cultura e por mais que os discursos (sentidos) sejam determinados, mesmo que apenas em última instância, pela ideologia, deve manipular estruturas lingüísticas; **(b)** - que as estruturas lingüísticas sempre convivem com sistemas heurísticos de outra natureza, cuja cooperação é sempre necessária nas tarefas de compreensão e interpretação; **(c)** - que não é suficiente, na interpretação, levar em conta o sentido literal; (...); **(e)** - que o funcionamento meramente gramatical da língua parece não poder dar conta do funcionamento da linguagem; **(f)** - que, sem ele, no entanto, ela também não funciona. Assim é necessário conceber um cérebro que sedie uma gramática, sim, mas que faça funcionar simultaneamente outros sistemas."

Esse posicionamento de Possenti (ibid.) ao analisar a interpretação na comunicação humana é perfeitamente aplicável à visão do processo de tradução que será discutida neste trabalho e um bom exemplo do que significa uma análise baseada no Paradigma da Complexidade, embora o autor não explicita em momento algum essa posição.

Uma das melhores oportunidades em que consegui explicar quando é possível dizer que um sistema pode ser considerado um **sistema complexo**, o que seria a complexidade e em que momento ela é aplicável como forma de pensamento foi no final de uma aula do curso de mestrado (sobre aquisição de segundas línguas como processo complexo) em que foi apresentado o conceito de complexidade e de sistemas complexos. Convidado para fazer um seminário sobre o tema, um colega de turma me perguntou se uma bola colocada no início de uma ladeira e deixada cair poderia ser considerado um processo complexo.

Analisemos essa pergunta e o exemplo colocado em questão:

O colega perguntou: "(...) mas, será que a bola sempre não vai cair até o final da ladeira, parando ali?"

Evidentemente, se fossem eliminados alguns dos possíveis elementos de interação nesse sistema, poder-se-ia chegar a um sistema simples, um sistema ideal, no qual a bola desça pela ladeira quando for solta e pare no final dela. Por exemplo, se o solo da ladeira não tiver nenhuma saliência que interrompa a descida da bola, ou se não começar a ventar o suficiente para deter a bola na descida, ou ainda se não chegar uma *tsunami* que em poucos segundos alague o local e deixe a bola flutuando ao invés de ela descer a ladeira.

Pode-se deduzir, então, que para alguns estudos é necessário simplificar o sistema de forma a permitir fazer algumas generalizações. Por essa razão, convém não considerar o sistema da bola descendo a ladeira como um sistema complexo, multicomponente, em que as interações entre os elementos possam trazer conseqüências imprevisíveis, como a possibilidade de que a bola interrompa bruscamente a descida ou ainda comece a subir, em lugar de descer.

No caso do estudo do processo de tradução que será realizado neste trabalho, o objetivo é determinar quais seriam os possíveis elementos que podem vir a integrar este sistema, interagindo entre si de forma a levar a considerá-lo como um sistema complexo e determinar quais seriam as conseqüências dessas interações, em cada caso específico.

Na seqüência, naquilo que defini como o primeiro capítulo desta dissertação após todas estas preliminares, passarei a descrever como se gestou a metodologia de pesquisa do trabalho que ora apresento e como se constituiu o corpus a partir do qual será feita a análise do processo de tradução, nos termos em que acabo de explicar.

CAPÍTULO 1. METODOLOGIA DA PESQUISA

1.1. INTRODUÇÃO

Na concepção da metodologia para a montagem do corpus deste trabalho e sua posterior análise, a influência do acaso esteve presente. No momento em que era concebida a idéia de como devia ser montado um corpus que permitisse cumprir os objetivos propostos, ainda não tinha conhecimento amplo de como eram realizadas, de forma geral, as pesquisas em tradução. O guia foi, mais uma vez, a intuição.

1.2. A ESCOLHA DO TEXTO A SER TRADUZIDO PELOS INFORMANTES

A primeira questão a ser resolvida era escolher um texto que permitisse observar, no seu processo de tradução, os diferentes aspectos que se pretendia analisar. Com o objetivo de montar um corpus que fizesse possível o estudo e análise do processo de tradução buscando os aspectos que mostrassem a dinâmica desse processo como um sistema complexo, era necessário, em primeiro lugar, escolher um texto que, por si mesmo, tivesse um grau de complexidade elevada e, ao mesmo tempo, era necessário que fosse um texto que funcionasse como um todo, com princípio, meio e fim. Para isso, foi escolhido um conto da autora cubana Zoé Valdés intitulado "**Retrato de una infancia habanaviejera**"¹, que vai em anexo.

Hoje, à luz já dos resultados da pesquisa, concluo que essa escolha não foi exatamente a mais feliz, sobretudo porque a experiência me demonstrou que, quaisquer que sejam as características do texto a ser traduzido, seja ele da natureza que for, do gênero que for, da extensão que for, teriam me permitido chegar a conclusões semelhantes, sendo que o custo de ter solicitado a tradução de um texto literário complexo para os informantes, acrescido do tempo que tiveram que empenhar nos comentários, fez com que o volume de informações obtido fosse muito superior aos objetivos colocados neste trabalho

¹ Valdés, Z. *Retrato de una infancia habanaviejera*. In *Nuevos Narradores Cubanos*. Madrid: Ediciones Siruela, 2000.

e exigiu limitar a análise a alguns exemplos escolhidos, que pareceram mais significativos. No entanto, a escolha estava feita e tive de trabalhar com alguns dados obtidos a partir dela, descartando outros não menos valiosos. Isso foi necessário para que o trabalho chegasse ao fim.

Cabe explicar, no entanto, que a escolha deste conto e desta autora não foi um mero acaso. Desde o início do Mestrado sempre esteve presente nos meus projetos a idéia de analisar alguma coisa da sua obra e como tinha sido traduzida ao português brasileiro. Talvez, inclusive, a idéia de começar a trabalhar com a tradução tenha vindo a partir da leitura dos seus romances e dos de outros autores cubanos contemporâneos publicados em português.

Não são muitos os autores cubanos contemporâneos que são traduzidos ao português para serem publicados no Brasil. Dentre eles, sempre gostei particularmente do estilo irreverente e desafiante de Zoé Valdés, uma autora que não goza exatamente de prestígio entre aqueles que se dedicam à “grande literatura”, uma figura no mínimo polêmica no mundo da dita “boa literatura”. Usando uma linguagem típica do submundo de Havana, impregnada de gírias e coloquialismos e, sobretudo, atrevida, com a qual me sinto identificado, ela consegue estabelecer uma certa cumplicidade com o seu leitor, em especial com um certo tipo de leitor, diria. Zoé mostra, nas entrelinhas dos seus romances e contos, muitos dos fenômenos sociais, culturais, históricos ou religiosos da realidade e do dia-a-dia do cubano, que coincidem com a realidade vivida por mim. Por isso me pareceu, então, um grande desafio para um tradutor enfrentar uma tarefa dessa natureza.

No conto escolhido, aparece uma menina de treze anos de idade conversando com um turista estrangeiro que está fazendo fotos pelas ruas de Havana. No texto aparecem só as falas da menina, como se fosse um monólogo, mas na verdade estas permitem inferir as perguntas e respostas do turista. Pelas falas da menina, é possível reproduzir também toda uma época da história de Cuba, supostamente na atualidade, só que pelos dados que aparecem, seria coincidente também com a infância da própria autora: um caso claro de polifonia. Essa mistura polifônica é justamente um dos traços marcantes

da obra de Zoé Valdés. Não faltam no texto exemplos de intertextualidade, fragmentos de músicas e poemas usados pela autora para reconstruir o contexto do cubano, além das gírias e jargões característicos do cotidiano de Havana e da reprodução de formas típicas da oralidade no texto escrito. O falar da menina de treze anos também é a visão, numa mistura de vozes, da realidade histórica de toda uma geração.

Com todo este jogo de vozes, textos em diálogo, palavras e frases da linguagem de uma geração, a autora cria uma certa cumplicidade com um determinado tipo de leitor com o qual sempre me senti identificado, e é por isso que achava interessante e desafiadora a idéia de traduzir essa autora.

1.3. ASPECTOS LEVADOS EM CONTA NO DESENVOLVIMENTO DA METODOLOGIA DE PESQUISA

Comento aqui como foi, de fato, concebida a metodologia desta pesquisa, mas, por entender que é importante que um trabalho contribua também para o aperfeiçoamento dos instrumentos de pesquisa, mostrarei neste relato quais foram os aspectos que funcionaram de forma adequada e os que não, sobretudo tendo em conta a especificidade do trabalho.

Ao idealizar a metodologia desta pesquisa, foram levados em conta os seguintes aspectos:

- Trabalhar com vários tradutores traduzindo um mesmo texto. Isto permitiria ver a influência que as **condições iniciais**¹ teriam sobre o processo e se essas diferenças eram ou não significativas. Foram escolhidos cinco tradutores, dos quais foi descartado um, pelas características muito particulares de seu trabalho em relação aos demais, e pela especificidade do seu perfil. Trabalho, então, com a produção de apenas quatro dos informantes escolhidos inicialmente. No item 1.4. aparecerão detalhados os perfis desses informantes. A principal conclusão que foi tirada desta decisão é que a escolha de tradutores

¹ Como será visto posteriormente, a definição de condições iniciais para o processo de tradução e o seu papel nesse processo precisaria ser estudada com maior profundidade.

- inexperientes, trabalhando ao lado de outros muito experientes não foi exatamente um fator positivo, embora tenha permitido detectar também os efeitos, positivos ou não, dessas características de cada informante.
- Elaborar uma espécie de memória do processo de tradução, sob a forma de um diário do tradutor, onde este devia deixar registrados todos os detalhes relacionados com o seu trabalho. Para tanto, foram dadas a cada um dos tradutores instruções sobre como devia ser elaborado esse diário e, além disso, que tipo de informações era necessário registrar. O objetivo principal desse diário era obter dados sobre a dinâmica do processo de tradução. Assim, os tradutores deviam registrar os intervalos de trabalho e a sua duração, paradas efetuadas e a sua duração, assim como também o motivo das paradas. Também foi-lhes sugerido que registrassem qualquer comentário sobre o processo de tradução, como se estivessem falando consigo mesmos. As instruções para os tradutores aparecem em anexo.
 - Os tradutores deveriam salvar a versão anterior toda vez que decidissem fazer alguma mudança nela. Isto permitiria confrontar os dados registrados no diário com as mudanças registradas nas diferentes versões da tradução, para que eu pudesse, a partir dessa confrontação, tirar conclusões sobre o processo de escolha de cada opção. Na prática, este recurso não apresentou a efetividade que julgue que teria, dado o volume do material a ser analisado.
 - As consultas feitas a qualquer outra pessoa também deviam ficar registradas, seja em forma de *e-mail* ou de transcrição no diário do tipo de consulta feita e a resposta recebida. Estas informações, no entanto, foram usadas no trabalho de uma forma muito genérica e não com a riqueza de detalhes que o corpus coletado apresentou.
 - Após a entrega da versão considerada como final, seria realizada uma entrevista com cada tradutor, visando esclarecer questões não elucidadas no diário. Esta entrevista seria gravada e sua transcrição faria parte do corpus do projeto. No entanto, de fato, só foi possível fazer a entrevista

com um dos tradutores e, mesmo assim, a transcrição não foi anexada a este trabalho, mas apenas as conclusões que dela foram extraídas são objeto de comentários de minha parte.

Depois de entregar as instruções a cada um dos tradutores participantes da pesquisa e quando o trabalho já estava praticamente terminado, minha orientadora e eu soubemos da existência de um grupo da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação do Prof. Dr. Fábio Alves, que trabalhava com um *software*, desenvolvido por pesquisadores da *Copenhagen Business School*, chamado *Translog*, que permitia registrar a dinâmica do processo de tradução no tempo, registrando as paradas feitas pelo tradutor, intervalos de duração, e consultas feitas a dicionários acoplados ao programa¹.

O uso deste programa, sem dúvida, teria ajudado muito no trabalho, mas o manejo do *software* exigiria um treinamento específico que, naquele momento, já não era possível. Por outro lado, o *software* só permitia registrar dados durante, no máximo, uma hora de trabalho, e o texto escolhido para ser traduzido ia exigir muito mais tempo de trabalho. Talvez o programa permitisse registrar a dinâmica do processo durante uma hora, fazer uma parada e retomar após um intervalo de tempo, mas este era um detalhe que não estava claro para nós e que, por outro lado, podia interferir no resultado da pesquisa, uma vez que a parada não era opção do tradutor e sim exigência do programa.

Não obstante, foi interessante saber que o programa oferecia uma possibilidade que estava implícita nas instruções que foram dadas aos tradutores participantes da pesquisa para a elaboração do diário. Eles deviam registrar a hora em que fizessem alguma parada e a hora da retomada do trabalho, registrando, além disso, o motivo da parada.

Outro fator de surpresa ao entrar em contato com o grupo da UFMG foi a leitura do livro *Metodologias de Pesquisa em Tradução*, organizado por Adriana

¹ Mais detalhes sobre o programa *Translog* são oferecidos em artigo, publicado na revista *Copenhagen Studies in Language* 24.

Silvina Pagano, no qual são apresentados, como seu nome o indica, os diferentes métodos que os pesquisadores em tradução usam.

Nos capítulos do livro são discutidos os seguintes métodos:

- Protocolos verbais ou introspecção: é usado um gravador ao mesmo tempo em que é realizada a tradução para registrar os comentários do tradutor enquanto traduz. Considero que os textos dos Diários do Tradutor solicitados nesta pesquisa cumprem um papel equivalente.
- Softwares de medição em tempo real: através de programas como *Translog* ou *PC Anywhere* que registram os toques no teclado e o tempo de duração das pausas, assim como dicionários consultados, se estes estiverem acoplados ao programa. Considero que alguns dos aspectos solicitados aos informantes desta pesquisa cumprem este papel, em particular o fato de salvar num novo arquivo cada mudança feita no texto e também ao registrar a hora em que foram realizadas as paradas e retomadas da tradução.
- Retrospecção: relatos retrospectivos do tradutor sobre a tarefa de traduzir após o término da mesma podem ser gravados e posteriormente transcritos ou anotados pelo pesquisador quando presente à sessão de relatos. Isto também estaria em parte coberto pelo Diário do Tradutor e também pelas entrevistas que estavam planejadas para realizar nesta pesquisa.
- Questionários estruturados e entrevistas dirigidas: submete-se aos tradutores informantes um questionário previamente elaborado, que uma vez tabulados podem configurar um banco de dados e receber tratamento estatístico. No caso desta pesquisa, esta parte estaria coberta também pelas entrevistas planejadas com os tradutores, muito embora elas não tenham sido feitas com todos eles.
- Vídeo: são usadas câmeras de vídeo para filmar o tradutor enquanto traduz. Não se previu nesta pesquisa este recurso.

- Julgamento por especialistas: trata-se de um procedimento que procura, através de critérios previamente estabelecidos, avaliar a qualidade de um conjunto de traduções efetuadas por um grupo de informantes. Em algum momento foi cogitado submeter as traduções do corpus à avaliação de especialistas, porém isso faria crescer demais o projeto e exigiria muito tempo. Por outro lado, contar com especialistas para fazê-lo não é tarefa fácil, evidentemente.

O fator de surpresa aqui veio com a descoberta de que a metodologia de pesquisa concebida para meu trabalho, como se pode ver, tinha suas bases em muitos dos métodos descritos no livro organizado por Pagano.

Em especial, o autor do capítulo 3, Fábio Alves, desenvolve a proposta do uso da técnica de **triangulação** como uma opção metodológica consistente, respaldada por parâmetros de intersubjetividade, para fins da investigação do processo de tradução. Esta técnica consiste na aplicação conjunta de métodos quantitativos e qualitativos dentro de uma perspectiva de complementaridade. No caso da tradução, o uso desses seis instrumentos descritos anteriormente, ou de parte deles, pode possibilitar a obtenção de recortes diferenciados que, de forma complementar, contribuem para o esclarecimento e a compreensão de processos constitutivos na hora de traduzir.

A origem do termo, segundo explica Alves (ibid.), está nas técnicas de navegação e na estratégia militar, e por analogia, ele conclui que:

"(...) investigar um mesmo objeto por meio de dados coletados e interpretados através de métodos diferentes aumenta as chances de sucesso do pesquisador em sua tentativa de observação, compreensão e explicação do fenômeno" (Alves, ibid, pág. 71).

Alves (ibid.) descreve, em particular, o trabalho do Grupo TRAP da *Copenhagen Business School* da Dinamarca na utilização desta técnica. Os resultados dos estudos realizados por este grupo foram publicados no livro *Probing the process in translation: methods and results* (Gyde Hansen, 1999 ,

apud Alves, 2001). Nele os autores demonstraram a utilidade da técnica de triangulação para a análise de fenômenos cognitivos em tradução, dentre os quais se destacam: a tradução de metáforas, o uso de dicionários, a tradução automática *versus* a tradução reflexiva, questões de complexidade em processos de compreensão e produção de textos (o grifo é meu), a pressão do tempo sobre a tarefa de tradução, a segurança de tradutores profissionais contraposta à insegurança de tradutores novatos, etc.

Faço especial ênfase neste livro citado por Alves (*ibid.*) no seu trabalho por incluir um item entre os aspectos pesquisados pelo Grupo TRAP que, pelo título, parece ter relação com o meu trabalho (o tema da pesquisa foi grifado por mim no parágrafo anterior). Não obstante, nos contatos estabelecidos com o núcleo da UFMG dirigido por Alves, não foi possível obter, até o momento da entrega dessa dissertação, uma cópia do capítulo do livro que trata, em particular, desse ponto, já que o livro não estava por inteiro com eles. Embora não aparecesse o nome de **triangulação**, a metodologia concebida para meu trabalho tinha, como vimos, muitos pontos em comum com as técnicas aqui descritas.

Para a análise dos dados, contava, como já afirmei, com o registro feito pelos próprios participantes no Diário do Tradutor, com data e hora, das pausas da tradução e a causa da pausa efetuada: dúvida, cansaço, agentes externos (telefone, visitas), etc. Estes dados permitiriam criar um gráfico da dinâmica de trabalho de cada um deles quanto ao tempo dedicado ao trabalho de tradução em suas várias etapas (leitura, pesquisa, tradução, revisão, modificações nas versões inacabadas ou modificações na versão final). No entanto, optei por não apresentar esses gráficos um a um, porém elaborei, como se verá, a partir deles, uma tabela que retrata de modo geral a maneira como se comportou o processo de tradução nos quatro informantes. Essa tabela será apresentada no capítulo 2 desta dissertação.

1.4. PERFIL DOS INFORMANTES

Optei por registrar aqui as informações passadas pelos próprios tradutores, em muitos casos usando diretamente o seu texto, entre aspas. Prescindo, por razões éticas, de revelar os seus nomes.

1.4.1. TRADUTOR 1

- Código: T1
- Idade: 37 anos
- Sexo: feminino
- Nacionalidade: brasileira
- País de residência: Brasil
- Trabalho que desempenha atualmente: Professora de língua espanhola
- Formação e títulos obtidos:
 1. Bacharel em Economia (1989)
 2. Licenciada em Letras Espanhol (1998)
 3. Especialista em Língua e Literatura Espanhola (2000)
 4. Mestranda em Língua Espanhola (2002)
- Formação complementar na área de tradução:
 1. Técnicas de Tradução em Santander (Espanha) em 1995.
 2. Disciplinas de tradução e versão na graduação da carreira de letras em espanhol.
 3. Vários seminários, organizados pelo NUT – Núcleo de Tradução da UFPR – Universidade Federal do Paraná.
 4. Disciplina de tradução no mestrado na USP – Universidade de São Paulo, com crédito aprovado em 2003, “Lingüística e Tradução: A Tradução como Subsídio para os Estudos Lingüísticos Contrastivos”.
- Experiência como tradutor:

Traduções desde 1999, incluindo tradução consecutiva e simultânea, na área de economia, administração, recursos humanos e marketing. Também

traduziu propaganda comercial para uma empresa de sapatos e manuais de *software* para a área de recursos humanos.

- Línguas que conhece e grau de domínio:

1. Português: avançado
2. Espanhol: avançado
3. Inglês: intermediário
4. Galego: intermediário

- Contatos que teve com o contexto da sociedade cubana em geral:

Segundo as próprias palavras da tradutora:

“Escuto muita música cubana, tenho alguns amigos cubanos, uma professora cubana trabalhou na mesma escola de espanhol por quase 3 anos, sempre fui uma simpatizante de Cuba, então tudo o que caí na minha mão eu leio, sempre escutei muitas histórias que os meus pais (que são galegos) contavam dos espanhóis que retornaram de Cuba. Leio tudo o que consigo sobre Cuba. Também assisti alguns filmes cubanos. Sei de histórias do tipo que o fundador das lojas El Corte Inglés, imigrou pra Cuba, onde começou o seu aprendizado e sua fortuna. Acompanho também a política cubana e etc Leio tudo o que consigo sobre Cuba. Também assisti alguns filmes cubanos.”

- Outros dados que o próprio tradutor julgar relevante:

Segundo as próprias palavras da tradutora:

“É a terceira vez que faço uma tradução literária, a primeira foi para um professor da UFPR, que apresentou um trabalho sobre literatura comparada para um congresso no Chile, a segunda foi uma coletânea de poesias, para um concurso de poesias no México.”

1.4.2. TRADUTOR 2

- Código: T2
- Idade: 40 anos
- Sexo: masculino
- Nacionalidade: brasileira
- País de residência: Brasil

- Trabalho que desempenha atualmente: Professor de espanhol no curso extracurricular mantido pelo Departamento de Letras Modernas da FFLCH/USP.

Formação e títulos obtidos:

1. Graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal da Paraíba (1986);
 2. Especialização em Engenharia de Estruturas Marítimas, na então Divisão de Ensino da Petrobras (1987);
 3. Graduado em Letras (Espanhol/ Português) pela FFLCH/USP (2000);
 4. *Diploma de Estudios Hispánicos*, na Universidade de Barcelona: curso de aperfeiçoamento em língua e cultura espanhola, com duração de 8 meses (2002);
 5. *DELE Superior*, pela Universidade de Barcelona (2002);
 6. Licenciatura em Espanhol pela FEUSP (Faculdade de Educação da USP) (2002).
 7. Ingresso no Programa de Pós-Graduação do DLM, Área de Língua Espanhola, sob orientação da Prof^a Dr^a Neide T. Maia González (2003).
- Formação complementar na área de tradução: nenhuma
 - Experiência como tradutor:
 1. Tradutor/revisor no *DiBU: Dicionario Bilingüe de Uso Español-Portugués Portugués-Español*, de autoria dos Professores Francisco Moreno e Neide González, Arco/Libros (Madrid, 2003). Tempo de experiência: um ano e meio (2001);
 2. Versões para o espanhol de resumos de trabalhos elaborados por professores/alunos da FAU-USP (Faculdade de Arquitetura da USP). Tempo de experiência: um mês (2002);
 3. Versões do português para o espanhol de catálogos de equipamentos da empresa SUNNYVALE. Tempo de experiência: um mês (2003).

- Línguas que conhece e grau de domínio:
 1. Português: língua materna;
 2. Espanhol: superior (compreensão de textos, escrita e fala);
 3. Francês: avançado (compreensão de textos, escrita e fala);
 4. Italiano: avançado (compreensão de textos); intermediário (escrita e fala);
 5. Inglês: avançado (compreensão de textos); intermediário (escrita e fala);
 6. Catalão: intermediário (compreensão de textos).
- Contatos que teve com o contexto da sociedade cubana em geral:

Segundo as próprias palavras do tradutor:

"Música: Audições de cantores cubanos: Celia Cruz, Compay Segundo (e demais artistas que figuram no disco *Buena Vista Social Club*), Pablo Milanés, Silvio Rodríguez, Orishas, Lucrecia."

"Cinema: Filmes cubanos (títulos em português): Retrato de Teresa, Guantanamera, Morango e Chocolate. Posso citar também o *Buena Vista Social Club* que, apesar de americano, contém cenas filmadas em Cuba e entrevistas com cubanos. Citaria o filme do Julian Schnabel baseado no livro do autor cubano Reinaldo Arenas, *Antes que anoiteça*: mesmo falado majoritariamente em inglês e filmado fora de Cuba, tem muita informação sobre o país."

"Literatura: Conhecimento de alguns autores cubanos, lidos em sua maior parte no meu curso de graduação: José Martí (alguns poemas), Alejo Carpentier (*El siglo de las luces*, *Guerra del tiempo*, *El reino de este mundo*), Lezama Lima (*A expressão americana*), Virgilio Piñera (*Contos frios*), Reinaldo Arenas (*Antes que anochezca*), Zoé Valdés (*La nada cotidiana*, *Te di la vida entera*). Li relatos de brasileiros que visitaram Cuba no final dos anos 70: *A Ilha*, de Fernando Morais; *Cuba de Fidel*, de Ignacio de Loyola Brandão."

"Reportagens: Ensaio fotográfico da revista francesa *Photo*, de 1985, com belas imagens de Cuba e dos cubanos. Reportagem sobre o "underground" em Havana, saída na revista espanhola *Ajoblanco* em 1999."

1.4.3. TRADUTOR 3

- Código: T3

- Idade: 36
- Sexo: feminino
- Nacionalidade: brasileira
- País de residência: Brasil
- Formação:
 1. Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990);
 2. Letras, Português/Espanhol, Universidade de São Paulo (2000).
- Formação na área de tradução:
 1. Curso de Especialização em Tradução no Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia da FFLCH/USP (1999).
- Línguas que conhece e grau de domínio:
 1. espanhol: bom
 2. francês: bom
 3. inglês: médio
- Contatos com o contexto da sociedade cubana: artigos de jornal; informações de pessoas que visitaram o país; alguns textos literários e/ou sobre literatura.

1.4.4. TRADUTOR 4

- Código: T4
- Idade: 51 anos
- Sexo: masculino
- Nacionalidade: brasileira
- País de residência: Brasil
- Trabalho que desempenha atualmente: Psicanalista, editor (Garamond), tradutor.
- Formação e títulos obtidos: Licenciatura em Psicologia, Buenos Aires.
- Formação complementar na área de tradução: nenhuma.
- Experiência como tradutor: (vide abaixo)

Traduções publicadas do francês:

1. Jacques Lacan, *O avesso da psicanálise* - O seminário/livro 17, (J. Zahar)

2. Alain Badiou, *Ética, um ensaio sobre a consciência do mal* (Relume-Dumará)
3. Jacques-Alain Miller, *Percurso de Lacan* (J. Zahar)
4. Michel Silvestre, *Amanhã, a psicanálise* (J. Zahar); Catherine Millot, *Freud antipedagogo* (J. Zahar)
5. Serge Cottet, *Freud e o desejo do analista* (J. Zahar).
6. Edgar Morin, *O pensar complexo* (Garamond) (EM COLABORAÇÃO COM PAULINA WACHT)
7. Alain Robe-Grillet, *A retomada* (Record)
8. Michel Huellebecq, *Plataforma* (Record)
9. Amélie Nothomb, *As catilinárias* (Record)

Traduções publicadas do espanhol

(Em colaboração com Paulina Wacht):

1. Júlio Cortazar, *Obra crítica* (Civilização Brasileira, 3 tomos);
2. Julio Cortázar, *Os reis* (Civilização Brasileira - TRADUÇÃO E PREFÁCIO);
3. Julio Cortázar, *Divertimento* (Civilização Brasileira);
4. Mario Benedetti, *A borra do café* (Record);
5. G. Torrentes Ballester, *A ilha dos jacintos cortados* (Record);
6. G. Torrentes Ballester, *O casamento de Chon Recalde* (Record);
7. Antonio Skármeta, *Não foi nada* (Record);
8. Antonio Skármeta, *A velocidade do amor*, (Record);
9. Federico Andahazi, *O anatomista* (Relume-Dumará);
10. Luís Sepúlveda, *O mundo do fim do mundo* (Garamond);
11. Luís Sepúlveda, *Nome de toureiro* (Garamond, no prelo);
12. Zoé Valdez, *O nada cotidiano* (Record);
13. Almudena Grandes, *Malena é um nome de tango* (Record);
14. Mempo Giardinelli, *O décimo inferno* (Record); *Nossa Senhora da Solidão* (Record)
15. Marcela Serrado: *O amor inteligente* (Objetiva) (Sob o pseudônimo coletivo José Maria Cançado).
16. Gabriel García Márquez, *Notícia de um seqüestro* (Record) (revisão da tradução).

- Línguas que conhece e grau de domínio:

1. português
2. espanhol (bilíngüe)
3. francês (leitura e escritura fluentes)
4. italiano (só leitura)

- Contatos que teve com o contexto da sociedade cubana em geral:

Alguns filmes, bons livros (Lezama, Cabrera Infante etc.), uma tradução, intenso interesse desde a juventude pela experiência política e social de Cuba.

CAPÍTULO 2. O PROCESSO DE TRADUÇÃO COMO UM SISTEMA COMPLEXO

2.1. UM SENTIDO PARA O TERMO AUTO-ORGANIZAÇÃO

Para definir a postura que adotarei ao falar sobre o termo **auto-organização** neste trabalho, gostaria de fazer referência, fundamentalmente, ao livro publicado por Michel Debrun (1996) intitulado *Auto-organização*. Nesse livro, Debrun formula, de um ponto de vista filosófico, a definição desse conceito, e inclui nele outros trabalhos, de diferentes áreas do conhecimento, que ele chama de **estudos interdisciplinares**, pelo fato de que se trata de especialistas de diferentes áreas falando sobre o assunto e aplicando os conceitos ao seu objeto de estudo, estudos esses que abarcam os campos tanto da filosofia como das ciências naturais, humanas e as artes.

Muito embora o termo **auto-organização** seja usado desde a década de 50, caracterizado de diversas maneiras, existe sempre uma idéia em comum de que "novas estruturas podem emergir mais ou menos espontaneamente em certos domínios" (Debrun, 1996: XII), ou seja, certas organizações podem emergir, se desenvolver ou se reestruturar essencialmente a partir delas próprias.

No seu livro, Debrun define **auto-organização** como o advento ou **reestruturação** de uma forma, devido principalmente ao próprio processo, e só em menor grau às condições de partida ou do entorno, ou a um **supervisor**, em cujo caso se trataria de um processo **hetero-organizativo**. É importante esclarecer que essa **reestruturação** não se produz por geração espontânea, mas a partir do que ela já começa a ser e da forma como essa reestruturação vai se constituindo gradualmente.

Nesse sentido, Debrun (ibid.) distingue entre a **auto-organização primária**, um **processo sem sujeito**, no qual os elementos que interagem são totalmente distintos e passam a sedimentar uma forma ou a constituir um sistema sem supervisor nem objetivo global; e **auto-organização secundária**, caracterizada pela **aprendizagem** que ocorre entre as partes de um organismo já constituído, que interagem, mas que podem estar subordinadas a um

elemento mais hegemônico, que ele chama de "face-sujeito", isto é, "(...) uma parte entre outras, cujo papel (e a natureza) é particularmente importante, mas não de ordem diferente dos outros papéis." (Debrun, *ibid*: 11).

A partir deste ponto de vista, o processo de tradução, focalizado neste trabalho, poderia ser considerado um processo de **auto-organização primária** se considerarmos os elementos que interagem na tomada de decisão como elementos de natureza diferente: a cultura, o meio social, os conhecimentos lingüísticos, pragmáticos e de mundo, a experiência de vida, a experiência como tradutor, os estudos realizados etc. No entanto, é importante esclarecer que este processo não é, por uma questão lógica, um processo **sem sujeito**, ele é um processo que acontece dentro do sujeito – o tradutor – e a auto-organização é dada na leitura do texto, na interpretação, na significação e na posterior escolha de tradução. Daí, interpretar o processo de tradução como um processo de auto-organização primária pode nos levar a um lugar perigoso: o de considerar que não existe sujeito nesse processo.

Cabe considerar que o processo de tradução poderia ser interpretado também como um processo de **auto-organização secundária**, em que o tradutor é visto como uma das partes que interagem, sendo ele o elemento "mais hegemônico", embora seja importante esclarecer que o tradutor não é considerado, neste caso, um "supervisor", o que caracterizaria esse processo como hetero-organizativo. Nesse processo, em que vão ocorrendo, como veremos nos registros feitos do corpus coletado, reestruturações sucessivas, pode-se dizer que tais reestruturações implicam ou supõem um processo de **aprendizagem**: aprende quem traduz, aprende, nos termos de Morin, o método, aprende o próprio texto, aprende a língua, que não deixa de ser afetada por essa reestruturação. Vê-se, então, que se trata de um processo **emergente**, emergência essa que não termina quando o tradutor conclui a sua tarefa, já que haverá novas reestruturações na recepção, na leitura e até mesmo na realização de novas traduções.

O conceito de **auto-organização** de Debrun (*ibid.*), à primeira vista, parece adequar-se bastante, em primeiro lugar ao processo de **leitura** e

significação que antecedem a **tomada de decisão** por parte do tradutor num **processo de tradução**, e em segundo lugar à **posterior reestruturação** do texto a partir da decisão tomada e das mudanças, da mais variada ordem, que são feitas num texto já traduzido por parte do tradutor, muitas vezes já sem recurso ao texto de partida. O objetivo de discutir o conceito de auto-organização neste trabalho é determinar se realmente acontecem mecanismos de auto-organização no processo que antecede uma tomada de decisão ou no processo de revisão do texto, no qual acontecem reestruturações do texto já traduzido, nem sempre atendendo a cotejos com o texto original. A partir da verificação da ocorrência desses mecanismos, chegaremos a algumas conclusões sobre a natureza do processo de tradução como sistema complexo com auto-organização primária ou secundária.

O primeiro passo desse processo de auto-organização, que nesta pesquisa se dá na passagem do espanhol para o português, será focalizado no item 2.2. em vários exemplos do corpus constituído, escolhidos pela relevância, do meu ponto de vista, das questões que apresentam. O segundo passo, o da reestruturação do texto a partir das decisões tomadas será focalizado no item 2.3., quando se observará a dinâmica do comportamento de cada um dos processos e de suas diferentes etapas.

Considero, por isso, necessário aprofundar a definição que faz Debrun (ibid.) do termo auto-organização e olhar alguns aspectos que, na opinião dele, é preciso levar em consideração para determinar a presença de um **sistema complexo auto-organizativo**. Vejamos, então, algumas das especificações que Debrun (ibid.) coloca para entender melhor o conceito de auto-organização.

Quando se fala em auto-organização é preferível usar o termo "forma" e não "organização" propriamente dita, ou ainda melhor "ajuste-organizatório" entre os elementos que compõem o sistema, já que entre eles verificam-se relações de interdependência, dependência ou simples justaposição, denominadas também **reestruturação**. Essas formas de reestruturação do sistema não são sempre explicáveis em termos tradicionais. Nesse sentido,

Debrun (ibid.) aponta que, no caso de um processo de **auto-organização**, muitas vezes pode-se verificar que:

- esse ajuste organizatório não é planejado de cima para baixo ou realizado com uma finalidade consciente ou inconsciente que lhe é exterior;
- o ajuste ocorre aqui e agora, quer dizer, ele não é planejado e não obedece a leis determinísticas;
- dificilmente esse ajuste pode ser visto como o término da evolução de um sistema dinâmico comum;
- esse ajuste pode ser considerado o resultado do livre jogo das leis da natureza e dos acasos que nela surgem, embora a possibilidade de que um processo auto-organizativo seja o resultado de acasos surgidos na encruzilhada de múltiplas seqüências determinísticas fique cada vez menor com o aumento da complexidade do sistema;
- esses ajustes não são eventos repetíveis, ou seja, eles não obedecem a uma "lei de construção" que permitiria reproduzi-los a uma infinidade de exemplos. Se fosse assim, haveria **hetero-organização**, programa, algoritmo etc. Quer dizer, mesmo que uma dada reestruturação seja o resultado de uma mistura cega de acasos e determinismos, a reprodução banal de uma situação análoga seria impensável¹.

Assim, Debrun (ibid.) separa **quatro núcleos fundamentais** que orientam os trabalhos e estudos interdisciplinares que analisam a problemática da **auto-organização**:

- **Núcleo 1. O impulso inicial.**

O **impulso inicial**, também chamado "ponto de amarração", é o que assegura o aspecto "auto" da auto-organização, e ele desempenha um duplo

¹ Cabe fazer aqui uma breve digressão apenas para lembrar o conto de Jorge Luis Borges "Pierre Ménard, autor del Quijote", em que o narrador quer reescrever literalmente o conto e se vê diante da impossibilidade de fazê-lo. Esse conto é analisado por Arrojo em seu *Oficina de Tradução* (1986) e poderia ser dado como exemplo desta irrepetibilidade de que fala Debrun. Essa preocupação ou desejo de prever tudo fica claro, particularmente, nas preocupações manifestadas nos diários dos tradutores de garantir a compreensão do texto pelo leitor, como se ela pudesse ser controlada.

papel. Por um lado, constitui um corte em relação ao passado e ao contexto e, por outro, aponta para o futuro, fornecendo uma orientação que não será necessariamente seguida adiante, que no entanto define um perfil para eventuais tentativas de **reestruturação**. Esse impulso inicial pode ser, por exemplo, segundo Debrun (ibid.), uma **decisão**, uma decisão em relação a quem a toma e tenta, assim, uma auto-organização.

Debrun, no seu livro, ao tratar do conceito de **impulso inicial**, coloca um exemplo que toma das teorias de Prigogine & Stengers (1979-1984) para descrever os sistemas longe do equilíbrio e que ele chama também de "sistemas em vias de decomposição" (ampliando o conceito e levando-o para os sistemas sociais, econômicos e políticos). Nesses sistemas em vias de decomposição, multiplicam-se as flutuações, que podem ficar pequenas, neutralizando-se entre si, quer dizer, o sistema esboça tentativas de estruturação ou reestruturação, mas não tem fôlego. No entanto, pode ser que eventualmente surja uma flutuação um pouco maior do que as outras, a qual, se estiver apoiada por outros fatores disponíveis ao redor, poderá, em certos casos, se constituir no ponto inaugural de um novo movimento.

Interpretamos que esse primeiro impulso ou "ponto de amarração" de um processo de auto-organização, típico de sistemas complexos, se dá, no processo de tradução, em dois momentos:

- 1- o processo de estabelecimento do sentido a partir da leitura e interpretação do texto em espanhol e de busca da solução em português para a tradução pode ser interpretado como um processo de auto-organização, que leva à tomada de decisão do tradutor:
- 2- a própria tomada de decisão sobre a tradução pode constituir um ponto de amarração a partir do qual é estabelecido, em muitos casos, um outro processo de auto-organização do texto já traduzido, e que leva a futuras tentativas de reestruturação do texto já em português.

Alguns casos dos exemplos analisados no item 2.2., assim como a própria análise da dinâmica do comportamento que será feita no item 2.3. exemplificam este ponto de vista.

- **Núcleo 2. Multiplicidade real e igualitária dos elementos da auto-organização.**

Debrun (ibid.) considera que, na base de qualquer processo auto-organizativo, existe uma multiplicidade de elementos, sim, mas que eles devem estar dotados basicamente de duas características:

- 1- os elementos não são redundantes entre si, as afinidades, relações de causa-efeito ou oposições estruturais que mantêm entre eles devem ser reduzidas a um mínimo;
- 2- deve reinar certa "igualdade de forças" entre os elementos que vão entrar em interação; essa igualdade, mesmo aproximativa, deve ser tal que nenhum elemento ou conjunto de elementos possa dominar unilateralmente sobre os outros, senão se recai na **hetero-organização**. O que, sim, pode ocorrer é que, no decorrer do próprio processo, a própria auto-organização leve à dominação de certos elementos sobre os demais.

No momento em que apresento os exemplos, será possível ver como tanto na tomada de decisão quanto na reestruturação do texto já traduzido operam, de diferentes maneiras, fatores de mais variada natureza, sem que nenhum deles prevaleça nem se aplique com absoluta previsibilidade em nenhum dos tradutores.

- **Núcleo 3. A natureza do processo auto-organizador.**

Assim, com relação à natureza dos processos de auto-organização, Debrun (ibid.) destaca quatro aspectos:

- 1- a auto-organização é um processo que demanda tempo, o que se pode verificar, no caso desta pesquisa, no registro dos processos de cada tradutor, o que será analisado no item 2.3;
- 2- esse processo consiste numa interação, a partir de um "ponto de amarração", entre elementos distintos e não comporta necessariamente uma finalidade nem uma tendência global;
- 3- a dinâmica do processo "absorve" outros fatores, tais como: condições de partida, acaso, sujeito, ambiente. Essa absorção pode se caracterizar como uma neutralização parcial, como por exemplo, o acaso, que é importante no início do processo como eventual ponto de amarração, mas que perde peso à medida que acontece a endogenização do processo, tornando-o menos vulnerável a impactos externos;
- 4- no decorrer do processo, pode surgir um **atrator**¹, ou ainda **atratores** provisórios, até aparecer um **atrator** definitivo. Na análise dos exemplos, item 2.2, ficará evidente, em alguns casos, como diferentes tipos de **atratores** surgem na passagem do espanhol para o português e que efeitos provocam.

- **Núcleo 4. Auto-organização e ruído.**

Os trabalhos mais importantes que consideram as relações entre **ruído** e **auto-organização** são os de H. Von Foerster (1960-1984) e H. Atlan (1979-1992), citados por Debrun (ibid.). No seu livro *Entre o cristal e a fumaça*, Atlan (1979-1992) define que se um sistema, sob o impacto de perturbações aleatórias, em vez de ser destruído ou desorganizado reage por um acréscimo de complexidade e continua a funcionar, pode-se dizer então que é auto-organizador.

¹ O termo **atrator**, aqui, é utilizado com o sentido que o filósofo Debrun (1996) lhe dá no seu trabalho e não com o sentido que o termo tem nos estudos sobre a Teoria do Caos, concretamente no trabalho de Gleick (1987-1989). Debrun define como **atrator** o **centro** ao redor do qual o sistema complexo começa a se reestruturar, tal e como será visto a partir de aqui.

Nesse sentido, Debrun (ibid.) considera importante esclarecer que, para poder considerar que o ruído está exercendo um papel na auto-organização, ele só pode intervir em dois papéis. Caso contrário, a **auto-organização** se transformaria em **hetero-organização**. Esses dois papéis seriam:

- 1- o ruído como **provocador** ou **catalisador** de transformações, cuja efetivação se situa na dinâmica interna do sistema, ou também como **modelo** externo para que essas transformações ocorram;
- 2- o ruído pode se incorporar a um processo de auto-organização como **mais um dos seus elementos**. Esta possibilidade torna o conceito de ruído problemático, já que sem ele, ou antes de ele se manifestar, o processo ainda não é definido e, portanto, falta o referencial em relação ao qual algo poderia aparecer plenamente como ruído.

De qualquer modo, Debrun (ibid.) recusa um terceiro papel para o ruído: o de colaborar, enquanto ruído, na própria dinâmica do processo de auto-organização. Por esse motivo, ele propõe uma idéia de auto-organização em que o processo auto-organizado, embora se nutrendo de matéria, energia, informação, símbolos exauridos do "lá fora", permanece na sua dinâmica essencialmente centrado sobre si mesmo.

Contudo, a principal condição que propõe Debrun (ibid.) é que qualquer definição que se faça do termo auto-organização não pode ser incompatível com a idéia que o **senso comum** tem em relação ao prefixo **auto**. Ou seja, basicamente, Debrun (ibid.: 13) trabalha com um conceito de auto-organização que propõe que "há **auto-organização** cada vez que, a partir de um encontro entre elementos realmente (e não analiticamente) distintos, desenvolve-se uma interação sem supervisor (ou sem supervisor onipotente), interação essa que leva eventualmente à constituição de uma forma ou à reestruturação, por **complexificação**, de uma forma já existente." E complementa com duas definições auxiliares:

1. há **auto-organização primária** quando a interação, seguida de eventual integração, se realiza entre elementos totalmente distintos (ou havendo,

- pelo menos, predominância de tais elementos), num processo sem sujeito nem elemento central nem finalidade imanente, onde as possíveis finalidades estão situadas nos próprios elementos do sistema;
2. há **auto-organização secundária** quando, num processo de aprendizagem (corporal, intelectual ou existencial), a interação se desenvolve entre as partes (por exemplo mentais e/ou corporais) de um organismo, sob a direção hegemônica, mas não dominante, da "face sujeito" desse organismo.

A partir dessas considerações, é finalidade deste trabalho interpretar, primeiramente, se o processo de tradução é um sistema complexo **auto-organizador** ou **hetero-organizador** e, segundo, se, no caso de interpretar que o processo é auto-organizador, essa **auto-organização** é do tipo **primário** ou **secundário**. Procurarei apontar essas características na análise dos exemplos, sem, no entanto, fechar a questão por completo, o que não teria condições de fazer no espaço desta dissertação, dada a complexidade do tema.

2.2. ANÁLISE DE EXEMPLOS SELECIONADOS NO CORPUS¹

É preciso deixar claro, neste ponto, que o corpus coletado tornou-se por demais volumoso e que, para cumprir a contento os prazos e limites desta dissertação, foi necessário fazer recortes significativos. Muito mais haveria a destacar e a dizer, a princípio eram mais de 150 os exemplos que apresentavam questões relevantes para o trabalho (veja-se tabela em anexo), exemplos esses que poderão ser objeto ainda de novos trabalhos, assim como todo o material produzido pelo quinto informante, que descartei para esta dissertação pelos motivos já explicitados. Aqui apresento apenas 10 exemplos que, a meu ver, são ilustrativos de algumas – não todas – das características dos sistemas complexos.

¹ Os trechos focalizados nos fragmentos usados como exemplos aparecem em negrito.

Exemplo 1

"(...)Todo esto lo digo con las manos partidas, en jarra, una pierna cruzada sobre la otra, el pie descansando en punta, una sonrisa cubanísima, de exportación, los hombros desnudos y acentuados hacia adelante, desafiantes como los de la Cecilia Valdés en la novela de Cirilo Villaverde; la pobre mulatona fue una **jinetera** del siglo XIX, allá en la Loma del Ángel; todo el bendito tiempo empinando hombros, boca y culo, ¡oyéee, con el dolor que da eso en la cervical!"

Para a tradução do termo **jinetera** neste contexto, observam-se as seguintes soluções dadas pelos tradutores:

- T1 - prostituta
- T2 - puta
- T3 - prostituta
- T4 - piranha

Os tradutores registram os seguintes comentários em seus diários de tradução:

- T1: "Poderia ser amazona, porém pelas indicações de Cecilia Vadés deve ser uma prostituta, vou pesquisar mais...pesquisei em dicionários de americanismos diz que é *prostituta para estrangeiros*."
- T2: "Mais uma nota de rodapé vai ser necessária para comentar as alusões ao romance do Cirilo Villaverde e sua personagem [Cecilia Valdés]. Nunca ouvi falar desse escritor e nem faço idéia de que romance se trata." Na versão final deste tradutor encontra-se a seguinte nota: "*Cecilia Valdés*, editado pela primeira vez em Havana ,1839, tendo sua edição definitiva em 1888, New York."
- T3: "*Jinetera*: consulta em M Moliner: persona que se dedica a la prostitución - prostituta."
- T4: não há comentários

A frase em espanhol apresenta várias problemáticas. A primeira é a intertextualidade com o romance de Cirilo Villaverde, como ficou registrado por T2. No entanto, nenhum dos tradutores pesquisou sobre as características da personagem Cecilia Valdés. Ao mesmo tempo, os próprios termos: *jinetera*, *jinetero* e *jinetear*, tal e como aparecem registrados em vários dicionários de americanismos¹, não remetem somente à problemática da prostituição e sim ao fato da obtenção de recursos financeiros, materiais e afetivos que permitam ter uma vida melhor através do relacionamento, nem sempre e necessariamente sexual, com estrangeiros.

A própria estrutura do sintagma nominal, com o elemento que determina o termo *jinetera* (*una jinetera del siglo XIX*) e o uso registrado nos dicionários para o termo *jinetera* indicam a necessidade da escolha de um vocábulo próprio da Cuba atual, já que alude a um tipo que se gesta na situação político-econômica que se cria em função do regime vigente e das limitações de toda natureza que ele impõe, num contexto do século XIX. Esta questão não fica resolvida com a opção pelos termos "prostituta" (T1 e T3) e "puta" (T2), em primeiro lugar por não serem termos "fora de época". Nesta escolha é possível observar também uma diferença no peso semântico das palavras "prostituta" e "puta", sendo esta última mais pejorativa; no entanto, ambas só se referem ao sexo por dinheiro. Além disso, como é sabido, a personagem Cecilia Valdés, no romance supra-citado, nunca fez sexo por dinheiro, sendo, portanto, necessário relativizar as soluções tradutórias ao referir-se a tal elemento literário. Evidentemente, quando a autora do conto chamou a personagem de Cirilo Villaverde de *jinetera* não se referia ao aspecto do sexo por dinheiro, também incluído nesse termo, em determinadas circunstâncias. Referia-se, sim, a um aspecto da personagem que se devia às suas características físicas— mulata bonita, insinuante, de andar provocador, tal como aparece no fragmento do conto —, características essas, assim como a gestualidade e o porte, que coincidem em grande parte com as das *jineteras* atuais, mas de realidade, objetivos e propósitos bastante diferentes dos daquela personagem do século

¹ Ver *Diccionario del español de Cuba*. 2000: 316, 317

XIX. Todos esses elementos são facilmente captáveis na leitura dos dois textos, mas também no contexto do próprio fragmento em que aparece o termo. O que vemos aqui é uma decisão baseada em um significado dicionarizado, numa perspectiva contemporânea à da tradução, embora exista a crença generalizada de que, em casos de intertextualidade, as soluções devam levar em conta, sobretudo, a pesquisa. Ainda ficam no ar, entretanto, algumas perguntas: uma pesquisa desse porte teria levado a uma melhor solução? Haveria uma solução “ideal”? O termo teria um “equivalente” perfeito no português? Existe uma tradução apropriada, correta?

No caso de T4, a opção pela palavra "piranha" resolveria a problemática da adequação de um termo fora de época, entretanto, chamar a personagem Cecilia Vadés de "piranha" mantém a característica do sexo por dinheiro, além de introduzir outro elemento questionável, que é o da quantidade elevada de parceiros sexuais, própria do que se entende hoje por "piranha" no português do Brasil. A escolha, porém, aproxima-se do que ocorre no original, no sentido de que também lá se capta apenas uma parte do complexo significado e dos sentidos que a palavra *jinetera* comporta. Trata-se ainda, no entanto, de figuras de duas sociedades, com sua história e sua cultura necessariamente diferentes, o que desfaz, uma vez mais, a possibilidade, sempre remota, de equivalência. T4 revelou, posteriormente, numa entrevista pessoal ao pesquisador, que na decisão de tradução do termo pesou a sua experiência anterior de traduzir romances cubanos, assim como a estrutura do sintagma nominal analisado acima.

Talvez o conhecimento sócio-cultural do fenômeno do *jinetismo* em Cuba pudesse ter induzido a outras opções de tradução. Do mesmo modo que, possivelmente, o conhecimento do texto literário com o qual é estabelecida a intertextualidade levasse a escolhas diferentes. Contudo, neste exemplo, prevalece a tomada de decisão baseada no sentido dicionarizado, em especial nas escolhas de T1, T2 e T3, e em experiências de tradução e em leituras anteriores, como no caso de T4.

Em síntese, entendemos que o termo *jinetera*, neste contexto, abrange um universo semântico e uma pluralidade e peculiaridade de sentidos que os termos "prostituta", "puta" e "piranha" não cobrem plenamente. Tais termos, além de não alcançarem esta abrangência, introduzem acepções alheias à personagem e ao paralelo criado pelo intertexto. Essas escolhas, quase inevitáveis não se podendo contar com a equivalência, provoca, assim, uma **reestruturação** no texto traduzido, que leva a novas associações, a novos sentidos, nem sempre infelizes como resultado final em termos de coerência textual ou, pelo menos, de incoerências não facilmente perceptíveis pelo leitor comum, não especialista nem crítico, da tradução.

Neste sentido, temos, ao que parece, uma decisão de tradução ou **ponto de amarração**, nos termos de Debrun (1996), provocada pela interação de múltiplos fatores, entre os quais não há nenhum que possua uma relevância preponderante (*auto-organização primária*), contrariamente ao que dizem os manuais de tradução no que se refere à necessidade de o tradutor levar em conta certos aspectos no caso de intertextualidade. A partir desse "ponto de amarração", são criadas novas estruturas que passam a ter "vida própria" e a se auto-organizarem, possibilitando novas interpretações. Quer dizer, muitas vezes a impossibilidade de recobrir certos sentidos, pela inexistência dos mesmos tipos ou fenômenos sócio-culturais, conduz a soluções como as observadas neste exemplo. Como lidar com essas situações perante as quais, com tanta frequência, nos coloca a atividade de tradução? Como avaliar as escolhas? haveria erro, em algum desses casos? O que é erro em tradução?

Exemplo 2

"(...) Escúchame bien, ¿ves a esa mujer sentada con el perro, y al otro tipo que mira pallá, y al negro de punta en blanco que hasta la cabeza la tiene blanquita en canas? -dicho sea de paso, ese negro debe de ser viejo como loco, porque pa que a un negro se le vean las canas es porque es de un siglo de antes de nuestra era-, pues ese conjunto de personajes tú los ves y los fotografías y ya, y

luego te largas a tu país, pero lo bueno de la foto, lo que tú te pierdes, es ese más allá que hay de la puerta padentro, **detrás del niche canoso.**"

Para a tradução do fragmento "**detrás del niche canoso**" observam-se as seguintes soluções:

- T1 - por detrás do nêgo grisalho
- T2 - por trás da cabeleira branca
- T3 - atrás do nicho envelhecido
- T4 - atrás do topete grisalho

Com relação a este fragmento, que contém um termo altamente depreciativo para referir-se aos indivíduos de raça negra, que hoje certamente seria tachado de politicamente incorreto, os tradutores registram os seguintes comentários em seus diários de tradução:

- T1: primeiro registrou: "Procurar **niche canoso**: em nenhum dicionário encontrei a palavra niche." Procurou, depois, em dois dicionários, não registrou a fonte das consultas. Os resultados foram: **niche canoso 1.** adj. despect. coloq. *Cuba, Hond. y Ven.* Dicho de una persona: De raza negra. U.t.c.s. **2. niche.**- Persona de color negro.
- T2: não registra nenhum comentário ou dúvida sobre esta expressão.
- T3: optou, segundo o registrado no diário, por consultar o pesquisador sobre diversos "cubanismos", entre eles **niche canoso**, mas decide, depois, ir ao dicionário María Moliner¹ e registra o seguinte comentário: "**niche canoso** – [M.Moliner – nicho: concavidad hecha en el espesor de un muro, donde, generalmente, se coloca una imagen, una figura de adorno, un jarrón etc] – suponho que 'niche' seja 'nicho', cavidade que há em algumas casas antigas (como a da minha avó), onde se colocavam imagens de santos – nicho envelhecido." Aí fica registrada sua decisão de tradução, sobre a qual se tecerão comentários posteriormente.

¹ Diccionario de Uso del Español (DUE), publicado pela Editora Gredos, Madrid, 2002.

- T4 não registra nenhum comentário ou dúvida sobre esta expressão.

Até esse ponto, T4 – como já vimos, tradutor experiente, mesmo sem cursos específicos na área, nem estudos lingüísticos, tal como relatou em entrevista dada posteriormente – vinha dando soluções à tradução do texto próximas ao registro coloquial do texto original, o que pode ser explicado pela sua longa experiência em traduzir literatura cubana contemporânea, em particular, e pela experiência como tradutor, de um modo geral. Em seu diário, a preocupação com manter o tom coloquial do original é várias vezes manifestada. Sua escolha, no entanto, neste caso particular, não segue propriamente essa tendência, ao optar pelo termo "topete grisalho" para traduzir **niche canoso**. Neste caso, não só se perde a referência ao termo depreciativo para uma pessoa da raça negra, como aparece uma palavra que não existe na frase em espanhol: "topete". Uma provável explicação para esta escolha poderia ser a seguinte: que o tradutor, ao se deparar com o termo **niche canoso**, desconhece o significado do termo **niche**, mas conhece o do termo **canoso**, que traduziu como "grisalho", e a partir disso deduz que **niche** deveria ou poderia ser alguma coisa relacionada com o cabelo, para poder ser "grisalho"; portanto, opta pelo termo "topete".

Em T1 – tradutor muito menos experiente, mas com inúmeros cursos feitos na área – observa-se, no geral, uma tendência oposta: suas escolhas muitas vezes estão coladas na sintaxe do espanhol, o que termina por prejudicar a coloquialidade do texto em português, distante da coloquialidade do espanhol em diversos sentidos, sobretudo no que tem a ver com o uso de pronomes pessoais tônicos e átonos, passivas e construções com formas reflexivas, como comprovam alguns estudos contrastivos, tais como os de González (1994, 1998, 2000). No entanto, no caso deste exemplo, T1 fez uma escolha, no português, mais próxima da coloquialidade presente no texto original ao optar pelo termo "nêgo grisalho".

T2, por sua vez, faz uma escolha que, se poderia dizer, é compatível com traços de sua personalidade discreta, correta, respeitosa no seu modo de tratar

o outro, conservador no que diz respeito à linguagem, sempre mais propensa para um registro formal e culto, embora no diário manifeste constantemente preocupação com manter, na tradução ao português, a coloquialidade do original. Este tradutor possui, como observado anteriormente, pouca formação como tradutor, e pouca experiência também. Na sua solução, desaparece qualquer alusão à raça negra, tal e como aconteceu com T4, e, para referir-se ao velho, lança mão da expressão “cabeleira branca”, muito próxima, no sentido, da solução dada por T4: “topete grisalho”, embora do meu ponto de vista muito mais formal, contida, inclusive elegante. Já que ambos os tradutores, tanto T2 quanto T4, não registram dúvidas com relação ao sentido do termo **niche canoso**, pode-se deduzir que em ambos ocorreu o mesmo fenômeno, muito comum, aliás, em tradutores, que é a dedução do sentido de um termo por outro ou mesmo pelo contexto.

A partir deste caso, pode-se observar que fatores tais como experiência como tradutor e formação específica em tradução participam na interação na hora das escolhas, mas que nem sempre determinam a maior ou menor felicidade dessas escolhas e tampouco a coerência nas decisões tomadas. Ou seja, verifica-se aqui que a previsibilidade, a partir da existência de certos fatores desde o início do processo, é muito relativa. Em casos como os de T1 e T4, por exemplo, essas decisões vão na contramão da tendência predominante em cada um deles, tratando-se de um **comportamento imprevisível** e fora do paradigma seguido em geral por esses tradutores. Observa-se, portanto, que o paradigma seguido pelo tradutor não é um só, necessariamente, e em determinados pontos ele se quebra, de forma imprevisível, com conseqüências, não necessariamente negativas, para o texto como um todo.

Seria possível interpretar que esses dois fatores (experiência vs. formação), que neste caso específico levaram a soluções algo inesperadas por parte dos tradutores T1 e T4, fariam parte das chamadas **condições iniciais** do processo de tradução como sistema complexo? Neste caso, caberia perguntar se uma mudança nelas exerceria alguma influência no comportamento do sistema complexo, o que levaria a questionar o próprio ensino de tradução; no entanto,

esta questão está fora do escopo desta dissertação e fica aqui apenas como uma indagação a ser verificada em outro trabalho.

Se considerarmos as características pessoais de um tradutor como parte das **condições iniciais** de um processo de tradução, é possível observar que elas também influem nas decisões tomadas e repercutem no texto como um todo, tal e como foi observado no caso do T2, na análise deste exemplo, mas que não foi observado nos tradutores T1 e T4, ao irem suas decisões contra as tendências observadas no texto como um todo.

Ainda tratando deste exemplo de número 2, merece especial atenção a escolha de tradução de T3 para o sintagma nominal **niche canoso**: "nicho envelhecido". Em primeiro lugar, o tradutor duvida da palavra no texto original, perguntando-se se não seria **nicho**, em lugar de **niche**, o que o leva a optar por pesquisar a palavra que considera que seria a correta, isto é, **nicho**. A opção provoca uma reação em cadeia: a palavra **nicho** pode ser traduzida ao português por "nicho" e essa possibilidade evoca-lhe uma situação de infância, registrada no diário do tradutor (a casa de sua avó tinha um nicho, com um santo). Temos, aqui, uma escolha que parte do pressuposto da existência de uma dupla forma para uma mesma palavra (**niche** seria a mesma coisa que **nicho**, em espanhol) ou mesmo de algum tipo de erro no original. A partir dessa decisão ou, dito em outras palavras, a partir desse **ponto de amarração**, o tradutor começa a trabalhar com a palavra **nicho**, por ele conhecida, e inclusive procura em dicionários essa única palavra, segundo se deduz do seu relato. Isso, por outro lado, é alimentado pela existência de uma experiência pessoal profunda e marcante, desencadeada pela lembrança que o termo lhe evocou. O que seria isto: um erro de tradução? Uma leitura equivocada? Ou um **ruído**, nos termos de Debrun (1996), que por sua vez se apóia nos trabalhos de Atlan (1979, 1972)? Segundo esses autores, e como já foi apontado acima, se um sistema, sob o impacto de perturbações aleatórias, em vez de ser destruído ou desorganizado, reage por um acréscimo de complexidade e continua a funcionar, pode se dizer, então, que é **auto-organizador**. A pressuposição de que **niche** é a mesma coisa que **nicho** pode ser considerada, em princípio, um

ruído que provoca ou catalisa transformações cuja efetivação se situa na dinâmica interna no sistema e se incorpora ao processo de **reestruturação**, como mais um dos seus elementos. Mesmo tratando-se de um ruído e mesmo, de outro ponto de vista, podendo-se considerar a solução como um “erro” típico de diversas traduções, cabe destacar que o texto em português, focalizado fora da sua relação com o original, faz sentido e não perde sua coerência interna; a tradução usada para o sintagma não entra em conflito com o todo, simplesmente levando o leitor a outros jogos associativos.

Exemplo 3

“¡No, no, no, tú no te me puedes negar, tienes que hacerle una foto a ese que viene por ahí! Te presento a mi padrino, él es palero, abakuá, y todo lo que tú quieras y mucho más, **¡a su prenda hay que decirle usted!** Cuando lo necesites él te puede hacer un buen trabajo, amarrar a tu mujer pa que no te deje nunca, envolver a tu jefe pa que te aumente el sueldo, lo que tú pidas por esa boca él lo logra, ¡es un puñetero volao! Padrino, no se asuste, quieto ahí que lo van a retratar, vas a salir publicao en el mundo entero. *El mundo entero, el imposible*. Ya se aleja indiferente, cantando un bolero, trafucándole la letra. Ahí se va mi padrino, ajustándose la gorra sudá.”

Para a tradução do fragmento "**¡a su prenda hay que decirle usted!**" observam-se as seguintes soluções:

- T1: “a sua graça tem que se tratar de senhor!”
- T2: “diante do bastão dele você tem que se ajoelhar!”
- T3: “você que tem que dizer pra eles qual é a sua precisão!”
- T4: “tem que tratar esse homem com respeito.”

As soluções encontradas pelos quatro tradutores, como se vê, são bastante diferentes. Mas, curiosamente, nenhum deles colocou questões sobre o fragmento em seus diários, o que faz supor que não tivessem visto o fragmento como demasiado problemático para traduzir. A frase, em si, apresenta dois

aspectos que merecem ser comentados: a sintaxe, que apresenta uma duplicação do objeto indireto (*a su prenda hay que decirle*), que aparece primeiro como sintagma nominal e depois é retomado por um átomo em posição enclítica ao verbo; o segundo é o aparecimento do pronome de tratamento *usted* como índice de respeito no espanhol.

Para esse fragmento, vemos em T1 a reprodução quase literal da sintaxe do espanhol, com a escolha da tradução do termo *su prenda* por “sua graça” (equivalente, no português, com certo grau de formalidade, de “seu nome”) sendo determinada pela manutenção da formalidade exigida pelo tratamento *usted*, traduzido por “o senhor”. Por trás dessa aparente coerência, nota-se que não houve um gesto de dúvida que levasse à pesquisa do valor que o termo *prenda*¹ adquire no contexto desse enunciado. A coerência vem dada por um fator que atua como *atrator* na criação da frase em português, que é o pronome de tratamento formal *usted*, exigido para uma determinada pessoa ou circunstância, neste enunciado. Isso foi determinante também na solução dada por T4, quando este usa a expressão “tem que tratar esse homem com respeito”, solução interessante, que no entanto perde de vista a razão pela qual o homem deve ser tratado com respeito: sua iniciação religiosa. T2 se afasta um pouco da sintaxe do original, porém tenta manter, talvez também por influência do pronome de tratamento de respeito, o tom do original: traduz *prenda* por “bastão”, e coloca o respeito próprio da forma *usted* no gesto de reverência indicado por “tem que se ajoelhar”. No caso de T3, a interpretação do fragmento poderia ser considerada “errada”, já que a interpretação sintática que dela se faz não corresponde ao que se observa no original. T3 interpreta *usted* como sujeito da frase, que no entanto tem um verbo impessoal (*hay*), e além disso parece não detectar a preposição que introduz o sintagma nominal objeto indireto (*a su prenda*), que duplica o clítico objeto indireto *le* que aparece junto ao verbo, preposição que se vê obrigada a suprimir na sua escolha. *Usted*, neste caso, é

¹ *Prenda*, segundo pesquisa feita, neste caso, se refere à “energia” que é entregue aos iniciados na religião iorubá. Às vezes ela vem em forma de objeto (talismã, documento, anel, etc.), outras vezes não, ela é apenas uma credencial, como quando se diz por aqui que uma pessoa teve o seu corpo fechado.

associado ao “você” do português, dois pronomes de tratamento que têm origem comum, porém com valores nem sempre equivalentes nas duas línguas contempladas. No entanto, em que pese a solução diferente em relação às dos outros tradutores, ainda se vê que foi o termo **usted** o que determinou a tradução. É o fato de que todas as soluções encontradas, mais ou menos felizes, tenham passado pela força da presença do pronome de tratamento **usted** que permite considerar que aqui se pode falar na presença de um **atrator** ao redor do qual vão se estruturando todas as soluções dadas para a tradução do enunciado.

Exemplo 4

“¡No, no, no, tú no te me puedes negar, tienes que hacerle una foto a ese que viene por ahí! Te presento a mi padrino, él es palero, abakuá, y todo lo que tú quieras y mucho más, ¡a su prenda hay que decirle usted! Cuando lo necesites él te puede hacer un buen trabajo, **amarrar a tu mujer pa que no te deje nunca**, envolver a tu jefe pa que te aumente el sueldo, lo que tú pidas por esa boca él lo logra, ¡es un puñetero volao! Padrino, no se asuste, quieto ahí que lo van a retratar, vas a salir publicao en el mundo entero. *El mundo entero, el imposible*. Ya se aleja indiferente, cantando un bolero, trafucándole la letra. Ahí se va mi padrino, ajustándose la gorra sudá.”

Para a tradução do fragmento "**amarrar a tu mujer pa que no te deje nunca**" observam-se as seguintes soluções:

- T1: “amarrar a tua mulher para que não te deixe nunca”
- T2: “amarrar a sua mulher pra ela não te deixar nunca”
- T3: “amarrar sua mulher pra que nunca te deixe”
- T4: “amarrar tua mulher pra que ela nunca te largue”

Nenhum dos tradutores registra qualquer comentário ou dúvida com relação a esta frase, porém ela apresenta questões interessantes para este trabalho.

Há dois aspectos particularmente interessantes neste exemplo. Um deles é o problema de como conseguir a coloquialidade na construção sintática que este enunciado pede, bem como na escolha dos termos (verbos, possessivo, forma átona). O outro é a presença, na frase, de uma contração – **pa** – indicadora do uso de formas típicas da oralidade. Vemos que T1, T2 e T3 usam na tradução os verbos "amarrar" e "deixar", tradução literal dos verbos usados no espanhol, e T4, o tradutor mais experiente, opta pelos termos "amarrar" e "largar", dando à frase um tom em princípio mais coloquial.

Com relação à escolha do pronome possessivo, observa-se que T1 e T4 optam pelo uso do pronome possessivo de segunda pessoa – "tua mulher" –, que dá ao texto um tom mais coloquial, e também mantêm o uso do pronome complemento de segunda pessoa na forma átona. Neste sentido, é bom lembrar que T1 mora no Sul do Brasil, onde o uso do pronome de segunda pessoa é mais comum, e que T4 mora no Rio de Janeiro, onde também se observa uma tendência ao uso de pronome possessivo de segunda pessoa num registro mais informal; porém T1 consegue dar, ao menos para os meus ouvidos, uma maior fluência à frase ao optar pelo uso do artigo definido feminino "amarrar a tua mulher", enquanto T4 opta pela frase sem o artigo "amarrar tua mulher". Nesta escolha de T4 pode-se deduzir, ou pelo menos supor, uma tendência, em tradutores experientes, à hipercorreção, ou talvez um certo medo a expor-se e a ver uma solução sua considerada um erro. Uma das hipóteses possíveis é a de que, perante a possibilidade de que na forma "amarrar a tua mulher", o artigo feminino possa ser interpretado como uma preposição que introduz um objeto direto de pessoa, como acontece na frase em espanhol – **amarrar a tu mujer** –, o tradutor decide optar por uma construção sem artigo, correta no português, ainda que talvez um pouco menos coloquial, mas que não leva a pensar que o tradutor poderia ter errado nas regras gramaticais ou na interpretação da construção da língua de partida.

No caso de T2 e T3, ambos moram na cidade de São Paulo há muito tempo, mesmo não sendo paulistanos de nascimento, cidade onde o uso do

pronome de terceira pessoa – "sua" – é, segundo pesquisas, mais comum e considerado de uso coloquial, o que se reflete na opção "amarrar a sua mulher" de T2 e "amarrar sua mulher" de T3, embora ambos optem por misturar as formas de segunda e terceira pessoa ao usar um pronome átono "te" em lugar de "lhe", o que, também segundo estudos sobre o português brasileiro, é típico da fala coloquial na região sudeste do Brasil. Mais uma vez, é possível deduzir, como no caso de T4, que T3, tradutor que fez o maior número de leituras e correções do texto, tal como se pode ver na tabela 1, tem uma tendência a cuidar mais do texto, no sentido de não parecer que o artigo feminino seria uma preposição introdutora de objeto direto de pessoa, num típico caso de hipercorreção ou de cautela, que aparece de forma imprevisível e nem sempre explícita nos diários.

Este tipo de correção do uso de artigo diante dos possessivos foi muito freqüente nos tradutores T3 e T4, sendo que a tendência não foi sempre visível, já que em determinados momentos os tradutores colocavam o artigo depois de o terem tirado e em outros momentos tiravam-no depois de o terem colocado. Foi, como se vê, um ponto de vacilação constante. E no caso do exemplo analisado, ambos coincidiram em tirar o artigo depois de o terem colocado, sem que aparecesse no diário nenhuma explicação para essa decisão.

Com relação ao uso no espanhol da forma **pa**, como contração da preposição **para**, forma típica da oralidade, foi observado em todos os tradutores, menos em T1, a opção pela forma "pra", no português. Vemos, então, que T1, apesar de optar pela forma mais coloquial no fragmento que antecede – "amarrar a tua mulher" – é o único que não opta pela contração, usando a forma "para". Mais uma vez, a **imprevisibilidade** do comportamento do sistema complexo não deixou pré-determinar qual seria a opção preferencial que o tradutor usaria.

Neste ponto, passamos a analisar a segunda parte da frase – **pa que no te deje nunca** – e as opções que os tradutores escolheram. Esta estrutura sintática, comum e típica do espanhol – na verdade, praticamente a única opção nestes casos nessa língua – com o uso de uma locução conjuntiva final – **pa**

que – seguida de um verbo conjugado no presente do subjuntivo, sem pronome sujeito, isto é, com sujeito elíptico – **[tu mujer/ella] no te deje** – convive, no português do Brasil, com outra, talvez mais comum, mais coloquial, na qual se usa a preposição "para" seguida de um pronome sujeito com verbo em infinitivo – *para ela não te deixar*. Essa possibilidade, que se apresenta no português em parte graças a que este possui a possibilidade de flexionar o infinitivo (para elas não te deixarem), não se dá no espanhol, língua na qual o infinitivo não flexiona jamais.

Mesmo considerando-se a frequência dessa forma no português e sua fluidez, chama a atenção que só um dos 4 tradutores – T2 – tenha optado por ela, coincidentemente o tradutor que mais usa formas que, de alguma maneira, tendem a conservar a "pureza" da linguagem. Assim, T2, talvez contrariando nossas expectativas, de forma algo imprevisível, acaba usando uma estrutura sem a conjunção, seguida de verbo em infinitivo e usando pronome sujeito com contração da preposição "para" como marca da oralidade: "pra ela não te deixar".

Com relação ao uso de pronome sujeito, no caso de T1 é observada uma estrutura sintática que fica calcada numa forma típica da estrutura do espanhol, com o uso do conectivo "para que" e sem pronome sujeito: "para que não te deixe". No caso de T3, tampouco é observado o uso de pronome sujeito na forma escolhida: "pra que nunca te deixe", induzida pelo uso da estrutura sintática típica do espanhol, e em T4, embora o tradutor use a estrutura sintática do espanhol, com o conectivo "para que", nota-se o uso de pronome sujeito: "para que ela nunca te largue".

Assim, poder-se-ia dizer que a solução de T2 foi mais feliz, já que o tradutor, apoiado nos seus profundos conhecimentos de gramática contrastiva, soube achar uma estrutura sintática típica do português coloquial do sudeste do Brasil. No entanto, esses conhecimentos de gramática contrastiva também são observados em T3, que optou por uma estrutura sintática calcada na estrutura do espanhol. Ao mesmo tempo, T1, que optou por uma estrutura sintática

também calcada no espanhol, escolhe termos que marcam uma coloquialidade e que resultam numa escolha também feliz.

Portanto, vemos que, apesar de a experiência do tradutor ser um fator que muitas vezes pesa na hora de avaliar a "felicidade" de uma escolha na tradução, ela nem sempre é o fator predominante. Pode-se ver que não existe nenhuma previsão sobre o comportamento do processo de tradução na hora de escolher uma estrutura sintática ou um termo específico. A mesma coisa pode ser dita com relação aos conhecimentos de gramática contrastiva. De qualquer modo, cabe lembrar que a impressão de maior ou menor felicidade em relação a alguma solução adotada nas traduções também passa por outros crivos, neste caso o do pesquisador, que está sujeito a processos igualmente complexos.

Exemplo 5

“ (...) **se ve** que no les gustó que estuviera renguinchá de ti, fotógrafo.”

Para a tradução do fragmento "**se ve**" observam-se as seguintes soluções:

- T1: "se nota"
- T2: "nota-se"
- T3: "dá pra ver"
- T4: "nota-se"

Neste caso, podemos observar como três dos quatro tradutores (T1, T2 e T4) tentam dar soluções formalmente semelhantes à estrutura indeterminada (*impersonal*) do espanhol, optando por soluções nas quais só muda a posição da partícula "se"; só T3 opta por uma outra forma, mas, mesmo assim, tenta usar o verbo "ver", que está presente na estrutura do espanhol.

Podemos ver, assim, que a estrutura impessoal do espanhol cria um **atrator**, um molde, um centro, em direção e ao redor do qual vão começar a se criar as formas traduzidas. Neste caso, a escolha, por parte dos tradutores, de várias formas que mantenham a impessoalidade do espanhol não levou em conta as características da personagem do texto (uma menina de 13 anos que

usa uma fala cheia de gírias); quase todos optaram pela manutenção da estrutura gramatical do espanhol. Só num caso, como foi apontado (T3), a escolha teria sido determinada pelo desejo de aproximar-se da oralidade, e mesmo um tradutor experiente como T4, cuja tendência predominante é tentar manter no português a coloquialidade do texto em espanhol, reproduzindo a oralidade, opta por uma estrutura que respeita a forma padrão ditada pelas gramáticas normativas, com o pronome na posição enclítica: “nota-se que”.

Exemplo 6

"¡Apunta pallá, no te las pierdas, ay qué niñitas tan monas, una en el velocípedo, y la otra con perrito de lo más chulo! Ah, ya las habías visto, por supuesto, el fotógrafo es el que ve más rápido, más hondo y mejor. Cualquiera diría dos típicas habaneritas, graciositas, ahorita te preguntan la hora a ver si eres yuma, primero pa pedir chicles, luego que las saques del país... Pa que tú veas, **la gente engaña**, ellas sólo querían una foto, ya tú ves, todavía quedan niños educados."

Para a tradução do fragmento "**la gente engaña**" observam-se as seguintes soluções:

- T1: “as pessoas enganam”
- T2: “as aparências enganam”
- T3: “a gente se engana”
- T4: “a gente se engana”

Neste caso, observamos em T1 um cuidado especial para não traduzir **la gente** por "a gente", um típico e conhecido caso de confusões entre o espanhol e o português, em que a equivalência entre **la gente** e "as pessoas" é consagrada. Com isto, vemos que o **atrator** que funcionou no processo de reestruturação do sistema foi um caso típico dos ditos falsos amigos.

O tradutor T2, por sua vez, opta por uma solução em que o **atrator** é constituído pelo verbo **engañar**, que facilmente remete em português a "enganar" e modifica o sujeito da frase colocando "as aparências enganam".

Curiosamente, os tradutores T3 e T4 fizeram a mesma escolha, na qual o **atrator** continua sendo o verbo **engañar**, mas decidem manter como sujeito da frase a forma "a gente" que, como se sabe, faz referência, em português, ora à primeira pessoa do singular, ora à primeira pessoa do plural, mas nunca, como no espanhol, à terceira pessoa do plural. Muito embora o que se esperaria nessa situação seria um texto completamente discrepante em relação ao original, já que a tradução de *la gente* por "a gente" é considerada classicamente um erro crasso, que poderia levar a uma perda ou modificação do sentido total do texto, as coisas não se dão dessa maneira quando observamos essas duas traduções como textos autônomos. O uso da forma reflexiva "enganar-se" termina por adequar-se bem ao contexto e nada se perde em termos de coerência. No final das contas "la gente engaña" e "a gente se engana" criam, nos respectivos contextos, efeitos de sentido semelhantes. Então, quando se fala em correto e incorreto, deveríamos pensar: correto em relação a quê? Nova mente pergunto: o que são exatamente um erro ou um acerto em tradução?

Exemplo 7

"Te voy a contar un poco de mí, fotógrafo, dime si te interesa, claro. Yo siempre me he destacado por ser tremenda pandillera, pero sana, sin hacerle daño a nadie. A mí lo que me gusta es estar en la calle, mataperreando, jodiendo, riéndome, de marimacha, arrecostá en cualquier pared **viendo a los turistas pasar.**"

Para a tradução do fragmento "**viendo a los turistas pasar**" observam-se as seguintes soluções:

- T1: "vendo os turistas passar"
- T2: "vendo os turistas passarem"
- T3: "vendo passar os turistas"

- T4: “pra ver os turistas passarem”

Nos diários de tradução não se registram comentários nem dúvidas com relação à expressão destacada no fragmento, que no entanto coloca questões muito interessantes para esta reflexão.

Neste caso, observamos que os tradutores tiveram que enfrentar o problema de escolher entre uma expressão que seria correta gramaticalmente no português, com um infinitivo pessoal concordando com um sujeito em terceira pessoa do plural, e alguma outra forma que talvez lhes soasse mais informal, ainda que mais própria do colóquio e da forma de expressar-se da personagem do conto.

Segundo Perini (2000: 200-202), existem três regras de concordância do infinitivo no português. Uma delas é justamente a que mostra que quando o infinitivo está subordinado ao verbo “ver” a concordância só é admitida se: (a) a oração subordinada é introduzida por preposição, o que não ocorre no caso analisado; (b) se há um candidato possível a sujeito da subordinada, no nosso caso “os turistas”. Perini aponta a existência de uma flutuação nesses casos e dá como corretas ou aceitáveis, no português, as formas: (1) “Vi os cavalos correrem.”, que se segmentaria em [Vi [os cavalos correrem]], seqüência na qual “os cavalos” é interpretado como sujeito do verbo “correrem” e “os cavalos correrem” um objeto oracional do verbo “vi”; e (2) “Vi os cavalos correr.”, mais duvidosa, porque “os cavalos” não poderia interpretar-se como objeto do verbo “correr”, razão pela qual seria incorreto dizer “*Vi-os correrem.”, mas que poderia ser segmentada em [Vi os cavalos [correr]], tornando-se, então, aceitável, segundo o gramático. Perini, no entanto, não faz nenhuma alusão a outra possibilidade de ordenação desse enunciado no português, tal como “Vi correr os cavalos”.

O tradutor T1 opta por uma construção sem infinitivo pessoal, sem concordância, o que pode ser reflexo de sua tentativa de encontrar na tradução formas típicas da oralidade e do linguajar de uma menina de 13 anos de idade, nesse contexto sócio-econômico, ou também pode ser uma simples cópia da

estrutura gramatical do espanhol. T2 opta por uma construção com infinitivo concordado com o sujeito, em harmonia com o tom que mantém em todo o texto. T3 recorre a um artifício interessante, colocando o verbo na frente do sujeito e obtendo uma construção correta gramaticalmente, no que diz respeito à concordância, segundo Perini (ibid.), porém numa ordem não prevista na sua descrição do português. Essa ordem, no entanto, remete a uma que seria possível no espanhol – *Ver pasar a los turistas* –, língua na qual em nenhuma hipótese *los turistas*, precedido da preposição *a* (introdutora, neste caso, de objeto direto), poderia ocupar o lugar de sujeito, sendo sempre um objeto direto. Teria esta possibilidade do espanhol influenciado na escolha de T3? Qualquer que seja a resposta, T3 consegue um tom mais informal com a sua escolha..

T4 opta por uma estrutura gramatical correta, com concordância entre o infinitivo e o sujeito de terceira pessoa do plural, porém usa uma contração da preposição "para" – pra – supostamente com o objetivo de conseguir um registro semelhante ao que seria uma forma típica da oralidade.

Neste caso, vemos como a opção por manter a forma do sujeito em terceira pessoa do plural (“os turistas”), que pode ser considerada como uma espécie de **atrator** da estrutura traduzida que vai se formando, deixa os tradutores perante a dúvida entre usarem uma forma que em português poderia ser considerada incorreta, porque carente de sufixo de concordância, porém que pelo seu uso poderia ser adequado às características da personagem, e optar por uma forma dita gramaticalmente correta. A segunda opção – a de usar uma forma que soe mais correta, mesmo que não seja própria da fala dessa personagem nesse contexto – aparece em dois tradutores: curiosamente, no tradutor mais experiente (T4), aquele que revela permanentemente sua preocupação com manter o tom coloquial na tradução; e aparece também, de forma talvez mais previsível, naquele que mantém o tempo todo um registro mais formal na sua tradução (T2).

Cabe observar também que, apesar de haver outros modos de expressar estas formas genéricas em português, como por exemplo "vendo turista passar", tal como atestam alguns estudos de gramática contrastiva (Gonzalez, N. &

Celada, M.: 2004), nenhum dos tradutores usa esse recurso, tão freqüente na oralidade.

Pode-se concluir, daqui, que mesmo um tradutor experiente, na hora de usar uma construção gramaticalmente errada ou duvidosa, por mais que esta esteja em consonância com as características da personagem e da situação, titubeia, duvida e faz escolhas nem sempre coerentes com as intenções que expressa e nem sempre mantém o tempo todo o mesmo padrão de escolha. O paradigma seguido não é sempre o mesmo, embora a intenção manifestada seja outra. É difícil violar as leis da língua, é difícil ter claro que a voz da personagem e sua fala não se confundem com a voz de quem a traduz, que não gosta, evidentemente, de "errar". Mas o que é, pergunto outra vez, errar ou acertar em tradução?

Exemplo 8

"Y sin embargo, la vida tiene cada cosa, porque así y todo la ciudad luce simpaticona. **Yo he chancleteao este barrio que tú no tienes ni una idea**, de cabo a rabo, este niño, no hay familia decente ni bandolero que yo desconozca."

Para a tradução do fragmento " **Yo he chancleteao este barrio que tú no tienes ni una idea** " observam-se as seguintes soluções:

- T1: "Eu já andei tanto por esse bairro que você não faz idéia"
- T2: "Você não faz a mínima idéia de quanto eu já perambulei por este bairro"
- T3: "Eu andei por este bairro de um jeito que você não tem nem idéia"
- T4: "Eu já palmilhei tanto este bairro que você nem faz idéia"

Neste caso, observamos que os tradutores T1 e T3 tentam procurar uma forma que se assemelhe, em coloquialidade, à do original em espanhol, sem nenhuma alusão ao fato de que apareça neste fragmento um verbo – **chancletear** – que é derivado da palavra **chancleta**¹, que se refere a um tipo de

¹ Tipo de chinelo.

calçado de uso caseiro e informal – verbo que traz implícito em seu significado um determinado modo, talvez displicente, descompromissado, sem objetivo específico, de andar pelas ruas da cidade e de se portar nessas caminhadas, estabelecendo contato com as pessoas que encontra pelo caminho, de ir parando em todo e qualquer lugar que desperte interesse. Estes dois tradutores optam, neste caso, por usar o verbo "andar", escolha com a qual a frase, mesmo perdendo algumas nuances do comportamento aludido por *chancletear*, não perde, a meu ver, fluência nem perde a coloquialidade típica da fala da personagem que a está enunciando.

O tradutor T2 opta por usar o verbo "perambular", que no contexto faz alusão não só ao fato de andar, como dá uma idéia de andar sem direção específica, como alguém que vaga sem rumo e não se preocupa com o lugar para onde vai, alguém descuidado, distraído ou sem horizonte. Neste caso, como nos outros tradutores, não ficou registrado nenhum comentário no diário do tradutor sobre a opção escolhida, no entanto, é possível ver uma preocupação do tradutor por usar um verbo que não só dê a idéia de andar, como também a de andar sem nenhum objetivo preciso, que se, por um lado, recobre uma parte do significado de *chancletear*, por outro introduz novos efeitos, sobretudo no que se refere ao comportamento da personagem.

O tradutor T4 opta por usar um verbo que, como no espanhol, remeta não só ao fato de andar e escolhe o verbo "palmilhar", que alude a uma parte do calçado (palmilha) e neste contexto remete à idéia de “andar por, percorrer a pé detidamente; palmear”, segunda acepção do vocábulo segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2001). Com esta escolha, mostra o seu especial cuidado em encontrar equivalentes que recuperem todas as nuances que o texto em espanhol apresenta. No entanto, o seu texto perde em coloquialidade ao usar uma palavra que, ao meu ver, dificilmente seria ouvida na boca de uma garota de 13 anos, com todas as suas marcas sociais.

Vemos, assim, como é difícil recobrir plenamente todos os significados da língua de partida ou introduzir novos efeitos a partir das escolhas feitas na língua de chegada, escolhas essas ora determinadas por um fator, ora por outro,

sujeitas, portanto, a muita instabilidade. Esses pontos de atração – encontrar o equivalente mais próximo, não ferir a gramática, ser fiel a um estilo – colocam o tradutor permanentemente numa espécie de gangorra que o leva ora para um lado, ora para outro nesse equilíbrio instável que representa o processo de traduzir. Vemos, assim, novamente, como é quase impossível encontrar equivalências perfeitas, se é que elas existem mesmo, como lembra Snell Hornby (1988-1999).

Por outro lado, curiosamente, ainda que todos os tradutores manifestassem nos seus diários uma preocupação com o tom coloquial, próprio da oralidade, próprio da fala dessa narradora, nenhum deles recorreu a expressões como “bater perna”, “gastar sola de sapato”, “arrastar o chinelo” e outras do mesmo gênero. Traduziram um verbo por outro verbo, não por uma expressão, o que deixa ver quão apegados, por mais que digam o contrário, trabalharam com o texto de partida, seguindo-o quase que palavra por palavra, mesmo que o resultado se levasse na direção contrária à pretendida.

Esse comportamento, marcado pela imprevisibilidade (não se segue sempre um único padrão), é típico de um sistema complexo, já que as interações que possibilitam a construção do sentido num processo de leitura são múltiplas e de diferente natureza e, na hora em que esse(s) sentido(s) se constitui(em), elas podem se manifestar com igual força, de forma imprevisível. Neste caso, é possível ver que um tradutor com grande experiência, como é o caso de T4, que se preocupa em manter no seu texto o mesmo tom do original em espanhol, às vezes opta por soluções que, baseadas nos mais diversos fatores, levam à aparição de efeitos diferentes dos que se propõe, pelo menos verbalmente, nas intenções expressas no seu diário e na entrevista concedida. Entre o desejar obter e o obter parece haver alguma coisa que está totalmente fora do controle de quem traduz, assim como de quem escreve ou fala, ao não perceber que o processo de auto-organização ou de reestruturação do sentido é estabelecido por cada leitor ou interlocutor, em alguns casos independentemente da vontade de quem produz o enunciado.

Exemplo 9

"Yo he chancleteao este barrio que tú no tienes ni una idea, de cabo a rabo, este niño, no hay familia decente ni bandolero que yo desconozca. Soy socia, ambia, vaya, hasta de los curas de la iglesia de la Merced y del Espíritu Santo. **Si supieras la suerte que tengo para las amistades mayores.**"

Para a tradução do fragmento " **Si supieras la suerte que tengo para las amistades mayores** " observam-se as seguintes soluções:

- T1: "Se você soubesse a sorte que eu dou para as melhores amizades"
- T2: "Se você soubesse a sorte que eu tenho para as grandes amizades"
- T3: "Se você soubesse a sorte que tenho para fazer amizade com gente importante"
- T4: "Se você soubesse como sou boa pras amizades"

Neste contexto, e como fica claro pela frase que antecede à que destaco para analisar, a personagem se refere à sua capacidade de fazer amizade facilmente com as pessoas mais velhas. Costuma-se ensinar nos primeiros dias de qualquer curso de língua espanhola que **el hermano mayor** não é necessariamente **el hermano más grande**, já que neste caso, **mayor** faz referência à idade, e não ao tamanho, para o qual temos que empregar **más grande**. Como fica claro no perfil dos tradutores, apresentado no capítulo 1, que os quatro tradutores conhecem profundamente o espanhol, três deles pela sua formação e profissão, já que dão aulas dessa língua, possuem publicações e desenvolvem pesquisa, o quarto quer por ter morado durante muito tempo em país de língua espanhola, onde desenvolveu estudos, quer pela sua experiência de tradução nessa língua. Seria de se esperar, então, que não caíssem nessa "armadilha" quase banal e, muito provavelmente, em outras situações que não a de traduzir um conto que lhes produz tanto efeito de estranhamento, inclusive com seus conhecimentos do espanhol padrão, não cairiam nela. No entanto, nenhum dos quatro tradutores percebe esse detalhe e todos eles procuram

soluções que possam transmitir uma idéia do que seriam essas **amistades mayores**.

Assim, vemos que T1 opta por "melhores amizades", T2 opta por "grandes amizades", T3 opta por "amizade com gente importante" e T4 não registra nenhuma característica especial para essas amizades. No entanto, em todos os casos, se deixarmos de lado a comparação com o texto de partida, a tradução faz sentido, ainda que se perca a idéia da facilidade da jovem para conquistar amigos mais velhos.

Daqui pode-se deduzir que não há como prever, em nenhum caso, qual vai ser o comportamento do tradutor num processo de tradução em que o sentido não está, ao menos sempre, contido no significado dicionarizado das palavras, por mais conhecidas que estas sejam, nem no contexto, por mais obvio que este seja. Por outro lado, nem sempre a experiência como tradutor, nem o fato de ter passado por cursos de tradução, nem os conhecimentos lingüísticos adquiridos em estudos, pesquisas, experiências docentes, leituras, por mais vastos que sejam, permitem prever o que fará o tradutor na hora de tomar uma decisão. Poderiam ser considerados alguns dos casos vistos como erros de tradução? Esses novos sentidos que aparecem na tradução, produtos das interações estabelecidas entre os múltiplos elementos que fazem parte do sistema definido aqui como processo de tradução, essas novas significações que se estabelecem, essas leituras imprevistas que o tradutor faz e que pode desencadear nos futuros leitores; tudo isso pode ser classificado como erro de interpretação ou de tradução? Novamente, o que seria erro?

Exemplo 10

"Yo me considero única y desinteresadamente devotísima de Babalú Ayé, que no es otro que san Lázaro. A mí nadie me obligó, con ese don se nace, es muy natural. **Aquí el que no tiene de congo tiene de karabalí.** Acto seguido podrás interpretar que a todo lo largo y ancho de esta islita, por delante, por detrás y por los cuatro costados, **toditos tenemos nuestra cosa hecha, su cuestión preparada.**"

Para a tradução do fragmento "**todos tenemos nuestra cosa hecha, su cuestión preparada**" observam-se as seguintes soluções:

- T1: "todinhos, temos nossa coisa feita, sua questão preparada"
- T2: "pra nós todinhos a coisa já está feita, as perguntas prontas"
- T3: "todos temos a coisa feita, sua questão preparada"
- T4: "todo mundo tem sua coisa feita, seus trabalhinhos preparados"

Neste caso, parece ficar evidente a referência que a personagem faz ao aspecto religioso em Cuba, ao dizer que lá todos têm alguma coisa em comum com a religião de origem africana. É interessante observar que todos os tradutores fizeram a mesma pergunta relacionada com a frase que antecede a esta e que diz "**aquí el que no tiene de congo tiene de karabalí.**" A todos os quatro tradutores foi explicado o significado da frase, que alude a dois dos mais importantes povos africanos dos quais descende a maioria dos negros vindos a Cuba como escravos. A frase em questão, como lhes foi dito também, é uma espécie de provérbio ou ditado popular, que se difundiu a partir de um poema de Nicolás Guillén¹ estudado nas escolas cubanas, poema que faz alusão a esses povos africanos.

No caso dessa primeira frase, foi traduzida da seguinte maneira:

- T1: "aqui quem não tem alguma coisa de congo, tem de carabali"
- T2: "*aquí el que no tiene de congo tiene de carabalí*" (com nota de rodapé dizendo: N.do T. "Mantemos no original por tratar-se de fragmento de um poema do escritor cubano Nicolás Guillén, no qual se faz referência ao fato de que em Cuba todos têm algo de negro no sangue. Congo e karabalí eram duas das tribos africanas de onde vieram os negros levados a Cuba como escravos.")
- T3: "aqui quem não veio de uma tribo africana veio da outra"
- T4: "aqui, quem não é do congo é de carabali"

¹ "Balada de los dos abuelos"

É interessante, neste caso, o fato de que, apesar de que em português existem ditados ou provérbios que talvez pudessem expressar uma idéia parecida (por exemplo: “todo o mundo tem um pé na cozinha”), nenhum dos tradutores optou por buscar uma solução dessa natureza, e sim por traduzir, o mais fielmente possível, o provérbio cubano. Inclusive, chama especialmente a atenção o fato de que T2 decide deixar o provérbio em espanhol, colocando em nota de rodapé o seu significado. A existência no Brasil de situações comparáveis à de Cuba no que se refere à presença de negros e ao peso de sua cultura e religião parece não ter pesado muito neste caso, em que as relações não foram estabelecidas.

Por outro lado, parece ficar clara para os quatro tradutores a idéia de que no fragmento se faz referência à origem africana de quase todos os cubanos. No entanto, na tradução da frase que segue a esta, foco desta análise – **“tener su cosa hecha, su cuestión preparada”** –, vemos que T2 opta, ao traduzir, ao menos pelo que parece, por fazer alusão ao regime do país: "pra nós todinhos a coisa já está feita, as perguntas prontas", sem comentar nada no diário com relação a essa escolha.

Sem dúvida, esta seria uma leitura possível, no entanto, podemos observar que os outros três tradutores optaram por soluções quase literais na tradução, que mantêm a estrutura sintática e as mesmas metáforas literárias do espanhol, e que equivalem a ser iniciado numa religião de origem africana. Apesar dessa literalidade, por vezes criticada, pelo que parece, as soluções pelas quais eles optaram em português também podem passar a idéia de se referir ao processo de ser iniciado na religião iorubá ou ter alguma coisa em comum com esta religião de origem africana, já que, segundo as consultas feitas a este respeito, parece ser que nos meios em que se fala sobre este tipo de religião em alguns lugares do Brasil também costumam ser usados termos como os usados pelos tradutores T1, T3 e T4, tais como "coisa feita", "questão preparada" ou "trabalhinhos preparados".

Por que, no caso de T1, T3 e T4 a relação entre os dois fragmentos destacados neste exemplo foi estabelecida e o mesmo não se deu com T2? Novamente um erro de interpretação? Ou podemos falar aqui na força de diferentes **atratores** pesando sobre as decisões e levando à reestruturação do texto e dos seus sentidos possíveis?

2.3.1. CONCLUSÃO DA ANÁLISE DOS EXEMPLOS

Como foi possível observar através da análise dos exemplos escolhidos, num processo de tradução interagem múltiplos fatores, dentre os quais podemos mencionar: os conhecimentos lingüísticos da língua de partida e da língua de chegada, a experiência – ou não – como tradutor, o tipo de formação, que pode ser na área específica ou em outra, ou até em nenhuma, as características pessoais, a visão de mundo do tradutor, o seu conhecimento geral, a capacidade e os recursos de pesquisa, as experiências pessoais de vida, a origem e o meio em que o tradutor se desenvolve e outros elementos da mais variada natureza.

Da interação desses elementos e de outros tantos, associados também às condições de produção e à ordem própria das línguas, surge a interpretação do texto na língua de partida, e dessa interpretação advém uma escolha de tradução a partir de um ponto de amarração ou de uma decisão, cuja base nem sempre tem uma explicação clara e muito menos pode ser totalmente previsível. Neste processo de reestruturação, é possível observar como aparecem **atratores** que induzem, de certa maneira, a opção de tradução; no entanto, é impossível determinar qual vai ser o **atrator** ao redor do qual começa a se formar a nova estrutura e que fator leva a que o **atrator** seja um e não outro.

Da mesma maneira, é impossível prever qual dos elementos do sistema vai ser o determinante na reestruturação. Na pesquisa que ora apresento, vemos que, num mesmo tradutor, às vezes é a busca pela coloquialidade que o leva a tomar a decisão de usar uma construção ou um termo típico da oralidade; no entanto, outras vezes, é o respeito pelas regras gramaticais normativas o que leva esse mesmo tradutor a usar construções ou termos que se afastam dessa

mesma oralidade que, de modo explícito, pelo que aparece nos diários, ele fazia questão de recuperar.

Outro aspecto importante, que foi possível observar na análise de um dos exemplos, foi a influência e o papel que o ruído tem em algumas reestruturações do sistema, embora entendamos que a definição de ruído e o estudo do seu papel num processo de tradução é um tema que deva ser muito aprofundado ainda.

Um outro aspecto a ser aprofundado é a definição de "condições iniciais" para um processo de tradução e a sua influência na dinâmica do comportamento do sistema. Neste trabalho, a análise de alguns dos exemplos parece mostrar que o processo de tradução apresenta pouca dependência das condições iniciais, embora, como foi apontado, seria necessário definir melhor o que se entende, para este sistema, por "condições iniciais". Alguns dos fatores mencionados acima, tais como a formação do tradutor, seu grau de conhecimento das línguas, sua experiência e até as condições em que deverá desenvolver o trabalho poderiam estar entre elas, no entanto, isso ainda não está suficientemente esclarecido, assim como não está suficientemente claro que peso teria tudo isso.

Da análise de cada um dos exemplos destacados do corpus, é possível concluir com uma mesma pergunta, à qual chegamos como conclusão lógica da linha de raciocínio seguida: que elementos é necessário levar em consideração para determinar o que é um erro de tradução? Esta é uma pergunta recorrente, apareceu a cada análise, a cada questionamento, o que me leva a pensar que este é um tema importante de pesquisa no campo da tradução. Assim como hoje tanto se questiona o que é erro no campo da aprendizagem de línguas, seria importante pensar a fundo o que é erro – se é que o termo mesmo é legítimo – no âmbito da tradução. Caso se admita a legitimidade do conceito, como ele ocorre, como se classificaria, a partir de que padrão de julgamento algo se define como erro em tradução?

A seguir, será analisada a dinâmica do comportamento do processo de tradução de cada um dos tradutores, com o objetivo de determinar se, a partir da

escolha de tradução, ocorrem outras reestruturações do texto e que aspectos determinam estas reestruturações.

2.3. DINÂMICA DO COMPORTAMENTO DOS PROCESSOS DE TRADUÇÃO

Para começar a análise, será apresentada uma tabela que contém um resumo da dinâmica do comportamento dos processos de tradução nos quatro tradutores pesquisados. Na tabela são apresentados os seguintes itens:

1. **Tempo total de trabalho**: inclui o tempo, desde o início do trabalho até a entrega da versão final.
2. **Intervalos de trabalho**: registram-se aqui só os intervalos em que o tradutor efetivamente se dedicou ao trabalho, seja de leitura ou de tradução ou de revisão. Não inclui os intervalos de descanso ou os intervalos em que o tradutor não trabalhou.
3. **Intervalos dedicados à leitura**: registra-se aqui o número de intervalos que o tradutor dedicou à leitura inicial, sem começar a tradução.
4. **Intervalos dedicados à tradução**: registra-se aqui o número de intervalos que o autor dedicou a traduzir o texto até completar 100% do texto processado, mesmo que tenha deixado palavras ou frases sem traduzir para ver depois.
5. **Número de correções no texto já traduzido**: registra-se aqui a quantidade de correções introduzidas pelos tradutores depois de uma releitura do texto já traduzido, geralmente depois de um intervalo grande sem trabalhar na tradução. A maioria dos tradutores não registrou o número de correções efetuadas, só alguns comentários a respeito de alguma correção em específico.
6. **Intervalos dedicados à revisão**: registra-se aqui o número de intervalos em que o tradutor revisou o texto já traduzido; inclui-se a tradução de palavras ou frases que tinham ficado pendentes de traduzir.
7. **Intervalos dedicados à revisão com cotejo**: registra-se aqui o número de intervalos em que o autor realizou revisões do texto em português,

cotejando-o com o texto em espanhol, procedimento não registrado por nenhum dos tradutores.

8. **Número de versões consecutivas**: registra-se aqui a quantidade de versões que os tradutores entregaram. Teoricamente, eles deviam salvar uma nova versão toda vez que decidissem efetuar uma mudança no texto já traduzido. Porém, na prática, não foi assim, dada a quantidade de texto a ser processado, o que fez com que cada nova versão incluísse várias mudanças de uma vez só, mudanças que nem sempre ficaram registradas, como já foi apontado.
9. **Consultas ao autor do trabalho**: registra-se aqui o número de consultas feitas ao autor do trabalho, sejam palavras, frases ou fragmentos de frases. Como aparece nas instruções em anexo, lhes foi dito que, dada a dificuldade normal em encontrar dicionários de cubanismos, podiam consultar o autor do projeto, que na medida do possível tentaria lhes dar uma definição do termo, sem sugerir escolhas de tradução.

Tabela 1. Resumo da dinâmica dos processos de tradução

	Tradutor 1	Tradutor 2	Tradutor 3	Tradutor 4
1. Tempo total de trabalho	4 dias	61 dias	56 dias	14 dias
2. Intervalos de trabalho registrados	6	16	13	6
3. Número de intervalos dedicados à leitura	1	2	3	0
4. Número de intervalos dedicados à tradução	3	10	6	4
5. Número de correções no texto já traduzido	não registradas	não registradas	intervalo 7 = 52 intervalo 8 = 34 intervalo 9 = 37 intervalo 10=17	não registradas
6. Número de intervalos dedicados à revisão	2	4	4	2
7. Número de intervalos com cotejo	0	0	0	0
8. Número de versões	8	13	10	2
9. Consultas ao autor do trabalho	0	16	14	35

A partir dos dados da tabela acima e da leitura dos diários de tradução, podemos fazer as seguintes observações:

1. Os tempos de trabalho variaram consideravelmente entre os tradutores, o que em parte foi conseqüência de não se considerar o fator "tempo" nesta pesquisa, fator esse que pode ter uma grande influência no processo de reestruturação. Por exemplo, a pesquisa necessária para tomar certas decisões não poderia ser efetuada com o nível de detalhe que muitas vezes foi feito por parte de alguns dos tradutores participantes, embora reconheçamos que nem sempre uma boa pesquisa é garantia de uma boa solução de tradução (lembrando aqui que o próprio termo "boa solução de tradução" nem sempre está claramente definido para quem o usa). Vemos, aqui, que os tradutores menos experientes, – T2 e T3 – demoraram mais tempo na tradução, enquanto o mais experiente – T4 – levou um tempo considerado "razoável" para a entrega de um trabalho de tradução dessas dimensões.
2. Os tradutores T2 e T3, que tiveram intervalos de tempo muito compridos entre os intervalos de trabalho, registraram um maior número de releituras do texto já traduzido e, conseqüentemente, um maior número de mudanças no texto já traduzido. Nestes casos, curiosamente, observa-se que as reestruturações que sofre o texto já traduzido surgem como resultado de interações no novo texto, como se este começasse a ter "vida própria" e a se auto-organizar a partir do que ele já vem sendo, confirmando-se a força de certos **atratores** (certas estruturas sintáticas ou alguns significados de certos enunciados no "novo" contexto, mesmo que diferentes do significado dos enunciados em espanhol).
3. Todos os tradutores optaram por traduzir deixando em espanhol as frases ou fragmentos de frases que não conseguiram entender numa primeira tentativa de tradução. Curiosamente, o tradutor que deixou um maior número de frases sem traduzir (35), com dúvida sobre o significado das mesmas, foi T4, o tradutor mais experiente, o que, de certa forma,

- contraria as expectativas supostamente lógicas para este aspecto. Ou seria o contrário?
4. Não foi registrada nenhuma revisão do texto traduzido cotejando-o com o texto em espanhol por parte de nenhum dos tradutores, uma questão que também contraria as normas e procedimentos que a grande maioria dos manuais de tradução recomendam para o trabalho do tradutor. Não seria de esperar que ao menos o tradutor com maior formação na área de tradução a tivesse feito?
 5. Um dos tradutores, T4, não registrou nenhum intervalo dedicado à leitura inicial do texto traduzido, questão que também contraria as regras e procedimentos recomendados em manuais de tradução, embora seja um comportamento que, segundo a minha própria experiência de conversas com outros tradutores, aparece com alguma frequência em tradutores experientes que, por um lado, alegam a importância do fator "tempo" num processo de tradução e, por outro lado, consideram pouco efetivo o fato de realizar leituras detalhadas no texto antes de começar a traduzir, dando mais importância a leituras posteriores, no texto já traduzido. Este aspecto ficou registrado no diário de tradução de T4, ao comentar que depois de terminar de traduzir iria realizar uma leitura final no texto buscando conseguir o tom, de coloquialidade do texto em espanhol.
 6. Todos os quatro tradutores registram comentários nos diários sobre a preocupação com o que poderia ou não poderia entender o leitor, numa clara visão determinista do processo de leitura e interpretação. Mas, esta atitude é vista em maior grau no tradutor T2, que para atingir este fim inclusive inclui na sua tradução 8 notas de rodapé. Os outros tradutores não incluem notas nas suas traduções.
 7. Da análise do diário de tradução de T4, é possível perceber que, uma troca de nome que erroneamente aconteceu numa das frases, na qual coloca o nome do ator como se fosse o da personagem que ele está interpretando, aconteceu no momento exato em que o tradutor registra uma parada, motivada por um telefonema, pausa após a qual ele decide

não retomar a leitura do texto antes traduzido, para não perder tempo, e continuar no ponto em que tinha parado.

A frase em questão dizia:

"Es un serial español, donde actúa Imanol Arias, el que hizo de Leonardo Gamboa con Daisy Granados haciendo de Cecilia Valdés."

E ficou na versão de T4:

"É um seriado espanhol, onde trabalha Imanol Arias, aquele que Leonardo Gamboa interpretou com Daisy Granados fazendo o papel de Cecilia Valdés."

Como vemos, um simples telefonema, um agente externo e imprevisível, unido a uma decisão do tradutor de não reler o texto que acabava de traduzir, fez com que surgisse uma frase ou estrutura que traz uma outra informação, totalmente diferente do original.

2.3.1. CONCLUSÃO DA ANÁLISE DA DINÂMICA DE COMPORTAMENTO

Desta análise, podemos concluir que os tradutores, em geral, têm uma postura determinista ao tentar prever qual seria a interpretação do leitor da tradução, atitude que não é compatível com o próprio processo de leitura, que, como foi visto, pode gerar as mais diferentes significações. Ao mesmo tempo, vemos que o processo de tradução muitas vezes recebe a influência de agentes externos de forma imprevisível, agentes esses que acabam deixando marcas tanto no processo como na reestruturação do texto. Observa-se, também, como acontecem reestruturações do texto já traduzido nem sempre atendendo a cotejos com o original em espanhol, e sim a partir da interação do texto como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de dissertação foi possível discutir vários dos aspectos que caracterizam a dinâmica do processo de tradução.

Primeiramente, foi definido o processo de tradução como um sistema complexo, no qual acontecem interações entre os elementos que formam parte do sistema, com conseqüências mais ou menos imprevisíveis.

A partir dessa definição, foi discutido o sentido do termo **auto-organização** para o processo de tradução, trabalhando-se com duas acepções desse termo: uma primeira que diz respeito ao processo de **reestruturação**; e uma segunda que diz respeito ao processo de **aprendizagem** no sistema, de modo geral. Isto quer dizer que interpretou-se o processo de tradução como um processo de dinâmica complexa, no qual são estabelecidas variadas interações entre elementos de natureza diferente, até chegar a uma **tomada de decisão**. A partir dessa tomada de decisão, verificam-se outros mecanismos de **reestruturação** do texto, mecanismos esses que nem sempre atendem a cotejos com o original, e sim, na maioria dos casos, visam a obter um grau maior de "fluência" (no sentido que cada um dos tradutores dá para esse termo) do texto já na língua de chegada. Nesse processo de reestruturação é que se dá, segundo se interpretou, a fase de **aprendizagem** no sistema e defendeu-se que, nesse momento, aprendem o sistema, o tradutor, a linguagem, o texto e cada um dos elementos que participa da interação.

Por essa razão, o processo de tradução poderia ser interpretado como um processo de **auto-organização primária** – um tipo de processo cuja definição pode levar a um lugar perigoso, já que se considera a auto-organização primária se o sistema for um sistema sem **sujeito**. A partir dessa constatação, interpretou-se que os elementos que interagem para a tomada de decisão têm que ver com o sujeito e fazem parte intrínseca dele, portanto não seria possível dizer que não existe **sujeito** neste processo. Alguns desses elementos são: a cultura, a experiência, os conhecimentos pessoais, as conexões que o tradutor estabelece nas suas pesquisas, etc. Por outro lado, é possível também observar o processo de tradução como um sistema de **auto-**

organização secundária, no qual o elemento que representaria a **fase sujeito** – o tradutor – tem um papel mais hegemônico no processo de reestruturação e aprendizagem.

Nos limites deste trabalho, não foi possível chegar a uma conclusão final a esse respeito, portanto, julgo importante que se aprofunde o estudo desse aspecto, sobretudo no que se refere à definição dos **elementos do sistema** e sua posição no processo de **reestruturação**. Nesse sentido, julgo importante definir, principalmente, o conceito de **sujeito** no caso do **processo de tradução** e, a partir dessa definição, determinar os aspectos que caracterizariam o grau de previsibilidade-imprevisibilidade desse **sujeito-tradutor**. Um outro aspecto que não foi possível definir neste trabalho foi o que se pode entender por **condições iniciais** no processo de tradução, algo que a princípio pareceria fácil de definir mas que não se mostrou dessa forma, bem como a importância que elas têm na dinâmica do sistema, embora tenha sido dada uma primeira tentativa de definição e tenha-se chegado à conclusão de que estas parecem ter alguma influência no processo de tradução, porém não do mesmo tipo de influência que elas têm nos **sistemas caóticos**.

Foi detectada, também, uma grande influência de aspectos do meio externo que poderiam ser considerados como **ruído** e que, no entanto, são incorporados à dinâmica do sistema, com acréscimos de complexidade. Neste sentido, seria necessário chegar também a uma definição mais exata do termo **ruído** para poder chegar a conclusões melhor fundamentadas.

Ficou claro que no processo de reestruturação aparecem **atratores** dos mais variados tipos, alguns de forma temporária, outros de forma definitiva. Mais uma vez é necessário esclarecer que o conceito de **atrator** usado neste trabalho corresponde a um centro de atração ao redor do qual vai se formando a nova estrutura num processo de tradução, segundo a definição usada por Debrum (1996) nos trabalhos sobre auto-organização, e não ao conceito de atrator clássico usado por Gleick (1987-1989) dentro da teoria do caos. O aparecimento de **atratores** parece acontecer de maneira bastante imprevisível e eles podem ser de natureza bem diferente, dependendo do tradutor.

Existe uma preocupação constante, em maior ou menor grau, por parte dos tradutores, com o que podem entender os seus leitores, o que denota uma concepção que poderia ser considerada como determinística do processo de leitura e interpretação. Essa preocupação pode chegar a deixar marcas bem visíveis na dinâmica do comportamento do sistema, como por exemplo as notas de rodapé, o que é reflexo da intenção de manter um controle sobre o processo de interpretação que, no entanto, continua sendo um processo de natureza complexa e, portanto, sujeito a um alto grau de imprevisibilidade.

A esta altura, cabe dizer que esta pesquisa talvez devesse ter sido feita com um grupo de tradutores mais homogêneo e composto de indivíduos mais experientes, de modo a observar quais poderiam ser os paradigmas, as crenças e os valores de um tradutor depois de haver enfrentado e tido contato com a tarefa de traduzir por muito tempo. Ao mesmo tempo, talvez também tivesse sido interessante trabalhar com textos de diferentes tipos e de menor volume, o que talvez teria dado exemplos mais representativos sobre a dinâmica do comportamento real do processo de tradução. Mas o real se impõe e se impôs também nesta pesquisa, que se programou e realizou de outra forma, e é dele, na sua diversidade e contradição, na sua complexidade, que se extraíram as reflexões ora apresentadas. Espera-se ao menos que esta experiência, com seus erros e acertos, possa deixar abertos alguns caminhos possíveis, talvez mais felizes, para novas pesquisas.

EXCURSO

OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E O PENSAMENTO COMPLEXO. UM RECORTE HISTÓRICO

Esta parte do trabalho, como já foi apontado, constitui um apêndice em relação à reflexão empreendida. Vim defendendo desde o princípio, ou tentando convencer o leitor, de que o processo de tradução tem o comportamento de um sistema complexo, para o que tratei de aplicar nas análises do meu corpus algumas das características desses sistemas segundo trabalhos científicos e filosóficos que se dedicam a estudar estes modelos. Fiz, portanto, até aqui, um trabalho de natureza empírica, o estudo de uma experiência à luz de alguns princípios básicos que assumi. No entanto, continuei me interrogando a respeito de como teriam visto o processo de tradução outros pesquisadores e qual teria sido a posição empírica ou de natureza propriamente teórica ao focalizar os diferentes estudos sobre a tarefa de traduzir, ou mais precisamente, se nesses estudos aparecem indícios do chamado Pensamento Complexo, essa outra forma de ver os objetos da ciência, esse novo paradigma, segundo alguns, entre eles Edgar Morin. É o que vou tentar fazer, ainda que timidamente, em forma de um excurso à parte central da dissertação, focalizando, principalmente, alguns dos trabalhos publicados a partir dos anos 80, realizados por pesquisadores estrangeiros e brasileiros.

1. UM SENTIDO PARA O TERMO PARADIGMA

Paradigma é, do meu ponto de vista, antes de tudo, um sistema de pensamento, uma forma de ver, entender, pensar e refletir sobre o mundo, sobre os fatos e as suas causas, sobre o comportamento, sobre a relação causa-conseqüência.

Morin (1999:15) começa definindo como paradigma:

"O conjunto de princípios supralógicos de organização do pensamento ou princípios ocultos que governam a nossa visão das coisas e do mundo, sem que disso tenhamos consciência".

É muito interessante, nessa definição, como ele chama a atenção para o fato de **não sermos conscientes** dos paradigmas que regem o nosso pensamento. Esse aspecto, sem dúvida, é o que mais diferencia a definição de Morin da definição de Kuhn (1962), à qual o próprio Morin (ibid.:162) se refere, esclarecendo que a sua definição "(...) aparentemente se situa como intermediária da definição da lingüística estrutural e da definição *vulgata à maneira de Kuhn*" (grifo meu).

Nesse sentido, também esclarece que a sua definição será bem diferente da de Kuhn (ibid.), que ele considera "hesitante e incerta", ao meu ver um exagero de Morin. E termina definindo que:

"Um paradigma é um tipo de **relação lógica** (inclusão, conjunção, disjunção, exclusão) entre um certo número de noções ou categorias mestras. Um paradigma privilegia certas relações lógicas em detrimento de outras, e é por isso que um paradigma controla a lógica do discurso. O paradigma é uma maneira de controlar simultaneamente o lógico e o semântico" (ibid.:162)

Para entender um pouco melhor esta posição de Morin (ibid.) ao definir o termo **paradigma**, devemos lembrar qual é a posição de Kuhn a que se refere ele.

Vasconcellos (2003) faz uma revisão histórica dos diferentes paradigmas presentes na ciência e no conhecimento humanos ao longo da história e analisa os diferentes conceitos e definições que os cientistas, pesquisadores e pensadores dão para termos como paradigma e epistemologia, contrapondo os conceitos de simplicidade, estabilidade e objetividade às idéias de complexidade, instabilidade e intersubjetividade, e deduzindo que o pensamento científico está entrando num novo paradigma, que a autora chama de **Pensamento Sistêmico**.

No seu trabalho, Vasconcellos (ibid.) se remete às definições dadas por Kuhn (1962) no livro *A estrutura das revoluções científicas*, onde ele usa o termo paradigma com vários sentidos diferentes¹. Posteriormente ele procurou rever esses usos: em 1963 publicou *A fundação do dogma na investigação científica*, e em 1971, *Segundos pensamentos sobre paradigmas*. Basicamente, no entanto, segundo mostra Vasconcellos (ibid.), Kuhn define dois sentidos para o conceito de paradigma:

- 1- o que se refere a uma **estrutura conceitual partilhada por uma comunidade de cientistas**, e que lhes proporciona **modelos de problemas e soluções**. O próprio Kuhn diz que o termo paradigma, neste caso, é inapropriado, e que o mais adequado seria usar o termo **teoria** ou **matriz disciplinar**, já que se refere a algo que é posse comum dos praticantes de uma disciplina particular, que lhes fornece **regras e padrões de prática**. Ou seja, basicamente se refere ao uso **intradisciplinar** do termo, à **teoria** dentro de uma disciplina específica;
- 2- o segundo se refere ao **conjunto de crenças e valores subjacentes à prática científica**. Aqui estariam incluídos os compromissos dos cientistas com crenças sobre o mundo, que fundamentam os modelos e fornecem analogias e metáforas; o sentido inclui também compromissos com **valores** que, sendo amplamente partilhados por diferentes comunidades de cientistas, lhes proporcionam o sentimento de pertencerem a uma "comunidade global". Nesse sentido o termo é, portanto, **transdisciplinar** e se refere mais ao que os cientistas costumam chamar de paradigma, ou seja, **pressupostos transdisciplinares**.

Ainda segundo Vasconcellos (ibid.), Kuhn afirma que esse segundo sentido de paradigma, como **crenças e valores compartilhados**, é o aspecto mais novo e menos compreendido do seu livro, e considera que, por não se

¹ Segundo o próprio Kuhn relata no posfácio à obra, os próprios leitores escreveram depois, mostrando que ele tinha usado mais de 22 sentidos diferentes no mesmo texto.

compreender bem isso, ao se abordarem as dificuldades dos estudantes com os textos científicos, geralmente se enfatiza o conteúdo cognitivo da ciência, a necessidade de o estudante adquirir destrezas **baseadas na teoria e nas regras**. Ou seja, Kuhn considera que, antes de o cientista aprender a pesquisar e a usar as teorias, ele precisa aprender uma visão do mundo específica, ou aprender/apreender um paradigma.

Ao chegar a este ponto, queria organizar as idéias, mais uma vez, em forma de perguntas:

- 1- Pode-se traduzir seguindo um **paradigma**?
- 2- O que significa traduzir seguindo um **paradigma**?
- 3- Que **critérios compartilhados** um tradutor segue quando traduz?
- 4- Que **crenças** ou **valores** estão presentes numa tradução?
- 5- É possível detectar essas **crenças** ou **valores** no texto? Como? Onde?
- 6- Há alguma maneira de traduzir que garanta que essas crenças ou valores com os quais o tradutor está supostamente comprometido fiquem refletidas no texto?
- 7- Pode-se aprender/apreender um paradigma de tradução?

Seria realmente interessante começar a listar cada um dos aspectos em que aprendi a acreditar ao começar a traduzir, observar quais são os aspectos com os quais me sinto comprometido quando traduzo, quais são as minhas "premissas" as minhas "regras" os meus "regulamentos", quais seriam os critérios que eu tinha e quais os que aprendi a ter na minha prática de tradução. Afinal de contas, é por meio dessas perguntas que podemos chegar à conclusão de se realmente temos ou não um paradigma quando traduzimos, se ele é algo que é possível de aprender/apreender ou se ele está **inconsciente** dentro de cada tradutor, criando muitas vezes até mesmo um certo descompasso entre as suas crenças claramente formuladas – por vezes ditas teorias – e o seu fazer.

Responder a cada uma destas questões com a seriedade e o a profundidade de reflexões que o tema requer daria, por si só, um belo trabalho de dissertação, ou pelo menos uma boa troca de idéias a respeito da arte de

traduzir, mas, nos limites deste trabalho, me restringirei a tecer alguns comentários que, baseados na análise dos estudos da tradução, me permitam elaborar algumas idéias sobre a estabilidade/instabilidade das crenças ou valores que julgamos estarem refletidos no texto quando traduzimos. Algumas dessas idéias já foram discutidas através da análise dos exemplos do corpus escolhidos, no capítulo 2.

A análise que será feita neste capítulo visa detectar, como já foi apontado antes, se existem traços do surgimento de um novo paradigma nos estudos da tradução e qual seria esse paradigma, ao mesmo tempo em que esta análise se propõe questionar a efetividade de afirmar que existe um paradigma a seguir para traduzir ou para refletir sobre o processo de tradução.

Neste ponto não poderia deixar de lembrar as palavras de Morin et alii (2003) ao fazerem referência ao "método como caminho no qual se aprende", e não como caminho pré-determinado que devemos seguir. Morin et alii (ibid.: 21) dizem que "o método como caminho que se experimenta seguir é um método que se dissolve no caminhar". E ao lembrarem os versos de Antonio Machado – "*Caminante no hay camino, se hace camino al andar*"¹ – ressaltam que, apesar de o verso ser muito conhecido, talvez não tenha sido totalmente compreendido, e comentam que:

"A simplicidade expressiva de Antonio Machado esconde a experiência de uma dolorosa e lúcida percepção da complexidade da vida e do ser humano (...) Machado sabe que, se existe um método, este só poderá nascer durante a pesquisa; talvez no final poderá até ser formulado, e até em alguns casos formalizar-se." (ibid.: 22)

E lembram também que essa idéia já foi afirmada por muitos outros, como por exemplo: "o método vem no final" (Nietzsche), "chamamos caminho os nossos titubeios" (Kafka).

Quais seriam, então, os paradigmas que os estudos da tradução têm tido ao longo da história? Eles existem? Eles foram sempre explicitados? É possível

¹ Fragmento de poema do escritor espanhol Antonio Machado, retirado de *Obras, Poesías y Prosa*. Buenos Aires, Losada, 1964, estrofe XXIX.

deduzir, a partir das idéias expostas pelos estudiosos da tradução, qual é o paradigma seguidos por eles?

Vamos lançar um breve olhar nos estudos da tradução e nas trajetórias que eles seguiram ao longo da história e analisar se realmente eles seguiam algum tipo de paradigma, alguma crença em valores, e quais poderiam ser essas crenças ou esses valores. Será que esses valores mudaram? Ou eles foram sempre os mesmos, independentemente da "teoria" que defendiam ou seguiam os estudiosos da tradução que foram pesquisados?

2. OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO. TRAJETÓRIAS E PARADIGMAS

No começo da pesquisa, parti da idéia de que o pensamento complexo, com os aspectos que o definem e que foram descritos no item 3 da Apresentação, era uma nova visão dos estudos da tradução que foi surgindo nas últimas décadas, a partir das novas interpretações e tendências existentes, como resultado da evolução do pensamento humano, não só nas ciências humanas, sociais, na lingüística e na filosofia, mas também, e sobretudo, nas chamadas ciências exatas. Mas foi com grande surpresa que constatei a presença de traços do pensamento complexo, em diferentes proporções, em vários dos trabalhos sobre estudos da tradução consultados, às vezes convivendo com outras formas de pensamento e outros paradigmas.

Seguindo tanto o conceito de paradigma de Morin (1999), no que se refere à visão de "princípios ocultos de organização do pensamento", quanto a visão de Kuhn (1962) no que se refere à "sensação de pertencer a uma comunidade global", passo a analisar como é que foram vistos o processo de tradução e os estudos da tradução, de modo geral, através da história, para observar quais foram as mudanças de paradigma desses estudos e que trajetória eles seguiram.

O primeiro ponto a esclarecer é que, nesta análise, vou fazer um recorte delimitado pelas leituras que fiz durante o tempo da pesquisa. Não pretendo, e nem seria possível no escopo deste trabalho, abranger todos os estudos da tradução. Dentro dos limites de tempo e de disponibilidades de leituras, gostaria

de dar uma visão geral dos percursos e modelos que os autores consultados observaram e como esses estudos foram conformando certos paradigmas de visão e análise do processo de tradução, nem sempre com contornos claramente delimitados. Neste sentido, será dada uma especial ênfase àqueles autores que têm falado sobre a necessidade de uma mudança de paradigma para os estudos da tradução e, portanto, será seguido o recorte que esses autores realizaram nos seus trabalhos.

2.1. AS PRIMEIRAS REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO

A tradução sempre foi uma das primeiras preocupações do ser humano, desde que este começou a produzir textos. Assim, vemos que já na antiga Babilônia, há mais de 3000 anos atrás, eram traduzidos textos de todo tipo. Ao mesmo tempo, parece ser que uma grande parte das preocupações sempre esteve na questão do "como traduzir". Desde aquela época, as discussões em torno ao assunto "tradução" se resumiam a acalorados debates sobre a preocupação do "modelo" a seguir para fazer uma tradução, ou mais concretamente sobre o "como se deveria traduzir", questão esta que continua até os nossos dias.

Assim, temos, por exemplo, **Cícero**, no século I a.C., que partia do dogma de que a tradução consistia inevitavelmente numa versão palavra por palavra e formulou **sua visão** da tradução na conhecida frase "*Non ut interpre... sed ut orator*".

Outro exemplo dessas acaloradas discussões da Antiguidade sobre o "como se deve traduzir" podemos ver na carta 57 de **São Jerônimo**, que hoje é considerado o santo padroeiro dos tradutores, a *Pamachius*, Epistola LVII. *Ad Pammachium. Liber de optimo genere interpretandi* (405), onde ele afirma que, quando traduzia do grego, não costumava traduzir palavra por palavra, e sim sentido por sentido e, numa posição muito interessante, coloca como exceção as Sagradas Escrituras.

Como mostra Noguera (2003) ao analisar a relação dos estudos lingüísticos com as unidades de tradução ao longo da história, este tipo de

discussões tem suas origens nas próprias reflexões sobre a linguagem que imperavam naquele momento. Assim, na Grécia Antiga, as reflexões sobre a linguagem, ligadas ao pensamento filosófico e à lógica, tomavam como unidade central a palavra, tanto na forma como no significado e a gramática, nesse contexto, é concebida como uma "arte das letras", de maneira que passaram alguns séculos até que, no próprio mundo grego, se chegasse a um conceito de gramática que determinasse as diferentes classes de palavras como constitutivas da unidade lingüística maior, a oração. A elaboração dessa gramática, feita por Dionísio de Trácia (século I a.C.), cuja influência no pensamento lingüístico posterior foi determinante, foi transmitida ao pensamento gramatical latino e, finalmente, a toda a reflexão lingüística ocidental.

Na opinião de Noguera (ibid), não é estranho, então, que na prática da tradução e nas reflexões sobre ela, durante a Idade Média, na hora de julgar traduções ou de analisar o processo de tradução, o interesse ficasse centrado na adequação das "palavras" e na precisão – fidelidade – quanto à sua significação concreta na língua de origem.

2.2. OS ANOS 50. O PARADIGMA FORMAL. O GERATIVISMO E O ESTRUTURALISMO

Segundo apontam a maioria dos estudos consultados de caráter histórico sobre tradução, é nesta época que se começa a constatar o estabelecimento de uma Teoria Moderna da Tradução, que obviamente estaria em completa relação com os estudos lingüísticos e literários que imperavam naquele momento. Por esse motivo, os estudos da tradução revelaram uma rápida evolução, que reproduz, de certa forma, a longa evolução que no campo dos estudos gramaticais e lingüísticos existe, desde a Antigüidade até os nossos dias, que vão desde a palavra até o texto e o discurso, incluindo, no enfoque textual, aspectos de caráter sociocultural e, no enfoque discursivo, aspectos de caráter histórico e ideológico.

O termo "evolução nos estudos da tradução", utilizado em muitos dos trabalhos consultados deixa a sensação de que cada trabalho publicado é qualitativamente "superior" aos que o antecedem, significando, então, uma subida, um progresso no raciocínio ou nas idéias que são explicitadas. Esta idéia parece acompanhar e permear quase todo o pensamento teórico quando se analisa a problemática do traduzir. Como se o aparecimento de uma nova visão, de uma nova **Teoria de Tradução** (propositalmente escrevo com maiúsculas) deixasse sem valor, por velhas e antiquadas, as antigas **teorias de tradução** (propositalmente escrevo aqui em minúsculas).

Nos séculos XIX e XX, como mostra González Nieto (2001:42), começa-se a assistir a emergência de uma ciência lingüística autônoma. No XIX, a partir do momento em que os neogramáticos propõem uma ciência histórico-positivista das línguas para conhecer a fundo sua evolução e estabelecer filiações e parentescos. No século XX, prossegue o autor,

“(...) los diversos estructuralismos norteamericanos y europeos, por encima de sus diferencias, mantienen o refuerzan el principio de autonomía o ‘inmanencia’ de la lingüística, concebida ahora como descripción sincrónica, formal y sistemática de la lengua, frente a preocupaciones de carácter psicológico, literario o pedagógico; la lingüística generativa no es una excepción a este modelo, a pesar de su vinculación expresa con la psicología (Bierwisch, 1966).”(ibid.: 42)

Nesse grande quadro teórico – no qual se dá essa preocupação com a "imanência", no qual se buscam constantes, regularidades, deixando-se fora o que é da ordem do uso, da fala, para garantir uma lingüística científica – , no campo da tradução, chama a atenção, entre outros, o trabalho do lingüista e tradutor norte-americano **Eugene Nida** em obras como *Toward a Science of Translating* (1964) e *The Theory and Practice of Translation* (1969). Neste sentido, e embora o próprio Nida afirme que sua teoria foi desenvolvida de modo independente à teoria de Chomsky, é evidente que os fundamentos da gramática gerativo-transformacional deram uma nova força às idéias que ele expõe. Nida trabalha basicamente com traduções da Bíblia e desenvolve uma

descrição do processo de traduzir que postula a existência de estruturas profundas, motivo pelo qual é considerado tributário das idéias da então chamada gramática gerativo-transformacional de Chomsky.

Em 1963 sai publicado o trabalho de **Georges Mounin** dedicado a discutir o que ele chamou de "problemas teóricos da tradução". O trabalho de Mounin parte da idéia de ver a tradução como contato de línguas. Neste sentido, ele destaca que o lugar de ocorrência desse contato é no indivíduo bilíngüe, no falante individual que usa alternadamente as duas línguas. Portanto, não é possível deixar de lado as interferências particulares que acontecem em cada indivíduo na hora de caracterizar um processo de tradução. Essa visão da tradução na qual não é possível prescindir do aspecto individual e em que não se deixa de lado o detalhe da influência que o aspecto individual pode exercer ao entrar em interação com qualquer outro elemento do sistema é, a meu modo de ver, um dos traços complexistas mais fortes do trabalho de Mounin.

Talvez valha a pena mencionar neste item também o trabalho de Vinay & Darbelnet (1958), que, segundo Aubert (1998:102), propuseram um conjunto "(...) do que denominavam *procedimentos técnicos da tradução*.", procedimentos esses que,

"(...) organizados em forma de uma escala partindo de um 'grau zero' da tradução (o *empréstimo*) e atingindo, em seu outro extremo, o procedimento mais distante do texto-fonte (*adaptação*), tinham como intenção original de constituir uma referência didática, no quadro da formação de tradutores profissionais."

Como mostra Aubert (ibid.), o modelo, em que pesem as suas eventuais limitações, popularizou-se muito no Brasil e foi várias vezes adaptado e reformulado, inclusive por ele, no trabalho aqui citado. Nesse trabalho, Aubert fala em "modalidades" de tradução, principalmente por focalizar produtos e não processos, o que constitui um marcado traço de simplificar a problemática do traduzir, ao considerar que um determinado tipo de tradução pode ser encaixado numa modalidade ou em outra.

2.3. OS ANOS 70. A PRAGMÁTICA E A LINGÜÍSTICA TEXTUAL

Segundo González Nieto (2001: 42-43), desde mediados do século XX,

“(…) sin perder sus pretensiones científicas, los estudios lingüísticos han trascendido el estudio del sistema de la lengua y el nivel sintáctico de la oración para atender a la actividad comunicativa de los hablantes, al texto, al discurso y al contexto. Este último cambio es, en parte, una evolución o una transformación ‘interna’ del anterior, pero también se debe a la convergencia de la filosofía, la psicología y la sociología en atención a esas cuestiones (...).”

O autor citado fala, referindo-se a esse percurso dos estudos da linguagem, que nessa “evolução” é evidente o predomínio das preocupações “externas” sobre a autonomia ou “imanência” dos modelos anteriores, bem como torna-se evidente, cada vez mais, uma volta a modelos **interdisciplinares**. Como se vê, o sujeito e a fala, antes alijados dos modelos descritivos em função de uma “cientificidade” disciplinar, são agora reintroduzidos, chegando a ganhar por vezes um espaço central nas descrições e análises. Em função desse movimento, fala-se hoje na existência de dois “paradigmas” ou modelos que, segundo Dik (1978, apud González Nieto, *ibid.*:46) foram denominados **paradigma formal** (ou lingüístico) e **paradigma funcional** (ou comunicativo). Essa mudança de paradigma, ou pelo menos a coexistência deles, tem conseqüências importantes para os estudos no campo da tradução, que, nos anos 70, são caracterizados pelos avanços e desenvolvimento das teorias de uso da linguagem: a pragmática e a lingüística textual, mudando o enfoque do nível da palavra ao nível do texto. Mas, o aspecto mais interessante desta questão é como os pesquisadores e pensadores ficam empenhados sempre em sistematizar, dividir, separar, explicar, dizer "eu estou aqui e você está lá"

2.4. OS ANOS 80. O ENFOQUE CULTURAL

A partir dos anos 80, aparecem os trabalhos que começam a dar um enfoque cultural aos estudos da tradução. Neste sentido, as análises vão priorizar o texto e a cultura de destino, em lugar de prestarem atenção ao texto

de origem, numa perspectiva em que é concedida uma maior importância aos fatores extralingüísticos ou extratextuais. Aqui se destaca a chamada análise "de cima para baixo" (*top down*), que consiste em partir das categorias mais amplas e complexas (o macronível do texto situado no seu contexto cultural) e ir descendo até as categorias mais simples (o micronível da palavra e da frase), procedimento que é o inverso do que até o momento era realizado.

Mesmo considerando um grande avanço o fato de reconhecer que novos elementos possam estar formando parte do processo de tradução, como o aspecto cultural, por exemplo, os trabalhos que aparecem nesta linha mantêm um marcado caráter normativo, dizendo o que "deve" o tradutor fazer para conseguir uma "boa tradução".

Destacam-se, nesta linha, os trabalhos de Newmark (1988), com o sugestivo título de *A Textbook of Translation*, onde as frases "o tradutor deve" ou "o tradutor tem que" são constantemente vistas.

2.5. ANOS 80. O POLISSISTEMA LITERÁRIO

Por outro lado, nos anos 80 aparecem também os primeiros trabalhos dos estudos da tradução como disciplina da Literatura Comparada. Segundo nos mostra Snell-Hornby (1988-1999), esta escola, basicamente representada pelos teóricos André Lefevere, José Lambert, Theo Hermans, Susan Bassnett e alguns teóricos israelenses como Gideon Toury, recebeu o nome de ***Manipulation School***, o que caracteriza corretamente a natureza das idéias teóricas propostas por eles. A teoria da ***Manipulation School*** é baseada no conceito de **polissistema literário**, que tem sido desenvolvido em particular pelo teórico de Tel Aviv Itamar Even-Zohar.

Esse **polissistema** não só é caracterizado pelas mudanças contínuas, mas também pelas oposições internas. Nele se diferenciam tipos e modelos de textos primários (aqueles inovadores, que introduzem novas idéias, métodos e formas de contemplar a literatura e o mundo) e secundários (conservadores, que confirmam e mantêm o sistema existente).

As teorias literárias e semióticas formuladas em 1978 por Lotman (Lozano, 1979), para quem determinados sistemas possuem a faculdade de conservar e acumular informações, coincidem em muitos aspectos com as noções de polissistema.

Para Lotman e a Escola de Tartu (Lozano, 1979:21-22),

“Información, comunicación, memoria, son los grandes ejes que caracterizan el desarrollo de las sociedades humanas. Estas (en las que subyace la base comunicativa), tienden a intercambiar y conservar la información, la memoria; la historia de las sociedades es la historia de la lucha por la memoria.”

Por outro lado, a cultura, para Lotman (Lozano, *ibid.*:25) aparece como um sistema de linguagem cujas manifestações concretas são textos dessa cultura. E representa, por outro lado, um mecanismo plurilíngüe, já que nenhuma cultura pode ser definida como uma só língua. A Semiótica da Cultura, assim proposta por Lotman, se ocupa, então, de explicar a necessidade funcional do plurilingüismo cultural, mostrando que cada escolha pressupõe a existência de uma hierarquia de linguagens de uma época dada, uma cultura dada. Nesse modelo, aponta Lozano (*op. cit.*: 26):

“La elección de una lengua, la sustitución de una lengua por otra, la transcodificación de una lengua a otra, están en la base del funcionamiento comunicacional de una cultura.”

Assim, qualquer fenômeno cultural pode ser explicado nesta linha.

A semiótica, definida como "o estudo das relações entre o código e a mensagem e entre o signo e o discurso" (Eco, 1973:19), tem um destacado papel no desenvolvimento da **Teoria do Polissistema**. Assim, os fenômenos semióticos, como modelos de comunicação humana que estão governados por signos (a cultura, a literatura, a arte etc.), devem ser considerados como sistemas em vez de como conglomerados de elementos díspares.

A idéia de "sistema" traz um enfoque funcional baseado na **análise das relações que são estabelecidas entre os diferentes componentes semióticos**. Para Even Zohar, essa análise permite identificar as pautas que

regem o funcionamento dos fenômenos **conhecidos e desconhecidos**, máxima aspiração da ciência. Desse modo, a literatura traduzida é considerada como um elemento mais (como um sistema) dentre aqueles que participam na luta constante pela sobrevivência e o domínio no sistema literário como um todo (como um polissistema), e nesse sentido os teóricos israelenses consideram a literatura traduzida como um tipo de texto com identidade própria, como parte integrante da cultura-meta e não só como reprodução de outro texto.

A ênfase no texto-meta nos estudos realizados por esses grupos leva naturalmente a um **enfoque descritivo** que rejeita de maneira explícita as atitudes normativas e avaliativas da teoria tradicional da tradução de orientação lingüística. Outra inovação lógica desses estudos é a mudança de ênfase do **processo** de tradução e os problemas que nele estão presentes para o **resultado**, o texto traduzido como fato histórico. Os escritos do grupo da *Manipulation School* vão dirigidos, sobretudo, a descrever e analisar traduções, comparando diferentes versões da mesma obra, pesquisando a recepção de traduções ou realizando extensos relatórios históricos, mas sempre sobre uma base mais **descritiva** do que **avaliativa**.

Um dos pontos mais interessantes que podem ser observados na concepção de Polissistema de Even Zohar é que o sistema formado pela literatura traduzida não ocupa, em princípio, uma posição previsível ou imutável. O texto traduzido pode ocupar uma posição primária ou secundária dentro da cultura de chegada, e isto dependerá das circunstâncias específicas que operem no polissistema.

A hipótese de que a **literatura traduzida** deva ser ou um **sistema primário** (aquele que ocupa uma posição hierárquica equivalente à literatura canonizada, ou também chamada de "autêntica" literatura, aquela que se conserva como a herança cultural de uma comunidade) ou um **sistema secundário** (aquele que é considerado como literatura não canonizada, ou também chamada de "subliteratura", considerada como fora do campo tradicional da literatura por carecer de "valor estético", como romances de entretenimento, de detetives, literatura rosa e ficção científica) não implica que

necessariamente ela seja totalmente ou um ou outro. Ou seja, como sistema, a literatura traduzida estaria, por sua vez, também estratificada, o que significa que enquanto um setor pode assumir uma posição primária, e passar a ter uma força inovadora, outro pode manter uma posição secundária.

Assim, parece ficar evidente que os princípios de seleção das obras a traduzir são determinados pela situação que governa o polissistema: os textos são escolhidos segundo o grau de compatibilidade com as novas perspectivas e o suposto papel inovador que devem assumir na literatura meta. Esta idéia leva a concluir que não só o *status* social e literário da tradução vai depender da posição que ela ocupe dentro do polissistema, mas também que este *status* vai condicionar, inclusive, a própria prática da tradução.

Na minha opinião, esta questão tem uma especial atualidade e pode ser vista em inúmeros exemplos, se olharmos ao nosso redor; também pode ser estendida não só à tradução de literatura, mas também à tradução de textos de todo tipo, e quando me refiro a textos estou tendo em consideração a acepção mais ampla do termo ou, nas palavras de Koch (2000:22)

"(...) qualquer manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos selecionados pelos falantes, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a depreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais."

Assim, para compreender a significação de uma obra traduzida, seria necessário ter em consideração tanto o seu contexto quanto as operações que governam o polissistema, ou seja, a tradução não é um fenômeno cuja natureza e limites possam ser estabelecidos de modo único, sem levar em conta que ela é uma atividade com uma relação de dependência em relação a outros fenômenos do sistema cultural e social. Daí que vários conceitos, como adequação e equivalência, não possam ser avaliados plenamente sem se levar em consideração as implicações sistêmicas.

2.6. ANOS 90. QUAIS FORAM OS NOVOS RUMOS?

De modo geral, muitos dos estudos da tradução hoje em dia consideram que a ampla panorâmica do polissistema literário, que serve de base às idéias da *Manipulation School*, representa um reajuste necessário e desejável nos estudos e pesquisas desenvolvidos no campo dos estudos da tradução.

Nesse sentido, considero especialmente significativo o posicionamento de Snell-Hornby (1988–1999:45), que reafirma que, na verdade, aquilo que Hermans chama de **Novo Paradigma para o estudo da tradução literária** parece ter um grande potencial nos estudos futuros sobre a tradução, sempre que seja possível desenvolvê-lo plenamente, não só para a tradução literária, mas para todas as traduções. Na época em que fez a primeira edição do seu livro, em 1988, a autora concluía que, basicamente, o que podia ser previsto para um futuro, baseando-se nas próprias palavras de Theo Hermans, era:

"...a view of literature as a **complex and dynamic system**, a conviction that there should be a **continual interplay between theoretical models and practical case studies**; an approach to literary translation which is descriptive, target-oriented, functional and **systemic**; and an interest in the norms and constraints that govern the production and reception of translations, in the relation between translation and other types of text-processing, and in the place and role of translation both within a given literature and in the interaction between literatures"

A autora considera que, desse modo, a tarefa do tradutor é tratada por eles não só do ponto de vista puramente descritivo, mas que também são levadas em consideração questões ideológicas e o papel que exercem as instituições de poder que influem na produção de textos traduzidos.

Na edição posterior do seu livro, publicada em 1999, Snell-Hornby destaca que a previsão que ela fizera para o desenvolvimento dos estudos da tradução parecia finalmente estar se realizando, e que era possível visualizar isso, por exemplo, na enorme influência que algumas teorias, como a *Skopostheorie* (teoria do *skopos*, do grego *skopos*: objetivo) de Hans Vermeer (1984) e a **Teoria dos Polissistemas**, estavam tendo no traçado do perfil atual

dos estudos da tradução. Também coloca como exemplo o desenvolvimento de conceitos como o de "**scenes and frames**", de Vermeer e Witte (1990).

A teoria do *skopos* (objetivo, finalidade) de Reiss & Vermeer (1984/1996), citados por Snell-Hornby (1988–1999), traz uma grande novidade ao propor analisar o texto traduzido como fruto de uma **decisão "dinâmica"**, quer dizer, uma **decisão que vai depender da finalidade** do texto traduzido e não do tipo de texto em si, eles defendem a idéia do que chamam de "destronamento do texto origem, que agora se torna para o tradutor num meio para um novo texto".(op. cit.: 69)

Quer dizer, o mais importante, nesse modelo, é a idéia de que o texto não é mais visto com uma atitude estática e absoluta e, portanto, a decisão a tomar na hora de fazer a tradução de um texto qualquer vai depender da situação particular que se tem, mais concretamente, da finalidade dessa tradução. Por conseguinte, este é considerado um **posicionamento dinâmico** para a análise do processo de tradução.

Na revisão dos trabalhos teóricos sobre tradução que Snell Hornby (1988-1999) faz no seu livro, destaca especialmente o trabalho de Lakoff (1982), no qual é feita referência ao princípio holístico de *gestalt* (ou visão de conjunto), que ela considera "fundamental para o enfoque integrador da tradução, que durante muito tempo foi considerada só uma questão de palavras isoladas" (op. cit.: 48).

Snell Hornby, ao fazer alusão aos trabalhos de Lakoff, destaca que:

(...) o principio essencial da escola da psicologia Gestalt, baseada nos estudos experimentais realizados por Max Wertheimer, Wolfgang Kohler e Kurt Kofka (Wertheimer, 1912), é que **o todo é mais do que a mera soma das partes e uma análise das partes não pode dar um conhecimento veraz do conjunto.**" (op. cit.: 49) (grifo meu)

A autora considera, ainda, que este princípio foi, até pouco tempo atrás, completamente ignorado pelos filólogos e lingüistas, motivo pelo qual o estudo da língua e a teoria científica de orientação lingüística ficaram "atomizados, fragmentados e desconectados da língua na sua realização concreta" (op. cit.: 49).

A mudança, segundo ela, teve lugar nos anos 70, através de outras disciplinas, como a sociologia, a sociolinguística, a filosofia, a teoria dos atos da fala de Austin e Searle, a etnologia, a psicologia, e considera que fundamentalmente "com o desenvolvimento da lingüística textual foi possível realizar um questionamento mais holístico da língua". Nesse sentido, esta autora considera que o princípio holístico está dominando progressivamente o estudo da língua e pode ser considerado de grande importância também para os estudos da tradução.

Snell Hornby (1988–1999), então, vê neste princípio a base principal que dá sustentação ao objetivo fundamental do seu trabalho: obter uma visão integradora para os estudos da tradução, não só de um tipo de tradução (tradução literária, tradução científica, tradução juramentada, tradução técnica etc), mas uma visão da tradução como processo único, com as suas especificidades em cada caso, mas com a noção de que todas estas variedades são parte de "um único todo" e não é possível chegar a um entendimento do comportamento desse "todo", ou seja, desse "sistema" (o processo de tradução, numa visão integradora), sem levar em consideração que todas as "traduções" apresentam um comportamento que as caracteriza por igual.

Ou seja, poderíamos concluir que, neste caso, é fundamental a visão dos estudos da tradução a partir de um **pensamento complexo**, um pensamento que tenha em consideração tanto as diferentes variedades de tradução como todas as possíveis interpretações que são feitas sobre o próprio processo de traduzir, sem excluir ou estabelecer que determinada visão é mais importante que a outra, ou que determinada variedade de tradução é mais completa que outra.

O **pensamento complexo**, neste caso, estaria presente ao apresentar essa visão integradora como opção para a realização de uma análise do processo de tradução mais completa e abrangente, e também no momento de levar em consideração as diferentes teorias e interpretações que sobre esse processo têm sido feitas.

Na revisão do seu livro, em 1999, a autora conclui que, analisando a trajetória das orientações literárias e lingüísticas na história da tradução, chamam a atenção três aspectos fundamentais:

- 1- A contínua repetição de alguns pensamentos e conceitos – por exemplo, a dicotomia histórica representada em distintos termos: fidelidade *versus* liberdade, palavra *versus* sentido, orientação ao texto fonte *versus* orientação ao texto meta – tem basicamente a mesma identidade, inclusive no novo paradigma da **Manipulation School**, e os mesmos princípios e tendências de uma boa tradução têm sido formulados com quase idênticas palavras desde o Renascimento.
- 2- Todos os teóricos, sejam lingüísticos ou literários, formulam teorias segundo a sua área de tradução, no entanto pouco se tem feito para preencher a brecha entre tradução literária e outras traduções.
- 3- Nem a perspectiva dos estudos literários nem os métodos da lingüística têm proporcionado uma ajuda substancial na continuidade dos estudos tradutórios no sentido de um todo unitário.

E conclui que urge uma nova orientação no pensamento, uma revisão nas formas tradicionais de categorização e um enfoque integrador que considere a tradução na sua globalidade, e não só algumas das suas modalidades.

Assim, do meu ponto de vista, esta visão do grupo da **Manipulation School** parece dar as primeiras pistas sobre o surgimento da noção de **sistema dinâmico e complexo** num sistema literário, e concretamente num sistema em que se incluem traduções de textos literários. Sem dúvida isso constitui um grande passo e um marco nos estudos da tradução, tanto que a partir das idéias desse grupo é que se começou a falar de uma **mudança de paradigma para os estudos da tradução**, que provavelmente se encaminharia nessa direção, com a condição de que essas considerações fossem feitas não só para o sistema literário, mas para a tradução de modo geral.

2.7. FINAL DOS ANOS 90. EVOLUÇÃO DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

BASEADOS NA LINGÜÍSTICA TEXTUAL

Carbonell i Cortés (1999: 99), pesquisador catalão com marcada influência da lingüística textual, ao falar sobre a organização do texto aponta que:

"(...) Dentro de uma teoria comunicativa da tradução, um dos maiores esforços, paralelo ao de conseguir a aceitabilidade pragmática, será o de conseguir que o texto terminal se constitua como um instrumento **complexo** e **organizado**."¹

Nesse sentido, o autor nos mostra quais são as disciplinas que hoje em dia estudam a textura do texto, a organização interna do objeto a traduzir e daquele outro objeto que o tradutor produz. Entre essas disciplinas se encontram: a retórica, a estilística, a análise do discurso e a lingüística textual. Portanto, ele considera que o objeto da tradução se sobrepõe ao de todas essas diversas disciplinas e, nesse sentido, defende a necessidade de se realizarem estudos contrastivos partindo dos diversos paradigmas da lingüística do uso.

Analisando concretamente o modelo da lingüística textual, Carbonell i Cortés (1999) diz que o tradutor tem de reconhecer que o texto é um entremeado complexo, no qual a unidade não parte unicamente da concatenação de orações. Nesse sentido, ele aponta que o texto tem de apresentar duas propriedades, sendo uma uma reflexo da outra: **coesão** e **coerência**. Para ele, a **coerência** é um **fato dinâmico**, que resulta de que o texto cumpra as expectativas pragmáticas que o falante tem sobre a estrutura e as características semânticas de uma realização verbal.

Carbonell i Cortés (op. cit.) ressalta que tanto a coesão quanto a coerência não foram sempre tratadas como fatos textuais de natureza dinâmica e que só com o desenvolvimento das teorias científicas que explicam fenômenos naturais complexos, dinâmicos e abertos (quer dizer, formados por um grupo de subsistemas interativos que variam com o tempo e que recebem a influencia do

¹ Tradução minha

entorno, modificando sua dinâmica interna), como podem ser a **teoria de sistemas**, a **teoria das catástrofes** e a **teoria do caos**, a lingüística está modificando seus fundamentos teóricos.

Em função disso, o autor considera que já é possível falar de uma **mudança de paradigma**, e que a tradução, que é parte da linguagem como sistema complexo, dinâmico e aberto, inscrito dentro de culturas como sistemas também dinâmicos, complexos e abertos, **deve ser considerada** desse e não de outro modo. E nesse sentido é importante considerar a tradução como parte de um processo de leitura e reescrita.

O autor aponta também que na tradução existe a idéia de que o receptor identifica os referentes pretendidos pelos falantes a partir de uma interpretação às vezes difusa e vaga dos atributos incluídos nas descrições definidas e que a interpretação de seqüências usadas referencialmente é baseada no nosso conhecimento pragmático da gama de referências de tais expressões. Por esse motivo, a suspensão das referências, tão comum no ato da leitura e compreensão do texto, impõe verdadeiros problemas e dificuldades ao tradutor.

Para Carbonell i Cortés (op. cit.), um aspecto importante para os estudos da tradução é a relação que é possível estabelecer entre estes e a Semiótica. Ele considera que os estudos da tradução, como área multidisciplinar que são, coincidem em grande parte com o que pode ser chamado de "semiótica aplicada", se for adotado o enfoque amplo desses estudos como análise dos sistemas de significação atualizados no texto. A partir dessas considerações, o autor mostra uma postura declaradamente semiótica ao caracterizar o fenômeno da tradução, que ele concebe e define como:

"(...) a relação dialética que se dá entre a produção de um código semiótico num contexto determinado, com suas propriedades de adequação, coerência e coesão e a produção de um segundo código semiótico a partir daquele."
(Carbonell i Cortés 1999:176)¹.

¹ Tradução minha.

2.8. A NECESSIDADE DE UM NOVO PARADIGMA PARA OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

A necessidade de mudança de paradigma para os estudos da tradução, prevista por Snell-Hornby (1988; 1999) como projeção para o futuro, é analisada também num interessante artigo escrito por Barbosa (2001), no qual a pesquisadora analisa a idéia de modelo teórico na prática cotidiana da tradução. Observando os distintos modelos teóricos, ela lembra que os estudos científicos da tradução são muito recentes e que, como sempre foram efetuados no âmbito das ciências da linguagem, eles têm a juventude destas. Barbosa mostra que, a partir da contribuição de Saussure, que foi capaz de causar uma transformação paradigmática nos estudos da linguagem, ao preço de tirar deles tudo o que é humano, a lingüística estrutural e a teoria da informação passam a influir diretamente na reflexão teórica sobre a tradução.

Desse modo, o primeiro modelo científico de tradução, explicitamente colocado como tal, tomaria por base o **modelo da comunicação**. A ligação do modelo da comunicação com os estudos lingüísticos foi apresentada por Roman Jakobson em 1961 e, mais tarde, este modelo foi aplicado por vários teóricos à tradução. Para Barbosa, a aplicação desse modelo da comunicação aos estudos da tradução, refletido concretamente no Brasil nos trabalhos de Zagury (1975) e Aubert (1993), traz um **modelo paradigmático logocêntrico** para a tradução, no qual o significado é visto como um objeto presente e portátil que poderia permanecer depositado num texto sob a determinação das intenções conscientes do seu produtor, o autor, e do seu reproduzidor, o tradutor.

Concluindo suas considerações sobre a visão, do ponto de vista desse modelo, Barbosa (op. cit.: 347) nos lembra que, nele, as línguas humanas são vistas praticamente como "(...) códigos decifráveis, carregando relações biunívocas, e não como **sistemas dotados de redes múltiplas de significação**" (grifo meu). Com esse comentário, a autora mostra uma clara postura complexista, segundo o meu ponto de vista, quando se refere ao conceito de língua como sistema em que a significação vem através das interações entre os elementos desse sistema. E fica evidente esse

posicionamento dela quando critica os estudos da tradução e a forma de traduzir no mundo ocidental vigente nos trabalhos por ela pesquisados. Segundo as próprias palavras de Barbosa (op. cit.: 347):

"(...) o pensamento sobre a tradução que se firmou no mundo ocidental a partir da tradução religiosa faz com que, ainda hoje, se creia firmemente na estabilidade da mensagem, ratificada pelo cânone, e ao traduzir um texto de autor canonizado, o tradutor coloque o autor e a língua de partida em posição privilegiada - às vezes em detrimento da língua de chegada."

Continuando essa linha de raciocínio, Barbosa lembra como outros pesquisadores já vêm modificando a visão que se tem do processo de tradução, e para exemplificar cita as palavras de Arrojo (1993:73), que diz que

"(...) a posição do tradutor dentro deste **paradigma logocêntrico**, em que a tradução supostamente reproduz significados estáveis, não é invejável, e desta visão de tradução derivam também os preconceitos, as noções de inadequação e inferioridade, de traição e de deformação e, sobretudo, a impossível tarefa que se impõe a todo tradutor: a expectativa de que seja não apenas invisível e conspícuo, mas de que possa também se colocar na pele, no lugar e no tempo do autor que traduz, sem deixar de ser ele mesmo e sem violentar a sintaxe e a fluidez de sua língua, de seu tempo e de sua cultura."

Pode-se dizer, portanto, que nesse modelo é o tradutor o elemento que recebe menor ênfase, embora ele represente um duplo papel, como receptor e como emissor da mensagem "original", que nessa visão permaneceria em essência a "mesma" mensagem. Quer dizer, são exigidas do tradutor habilidades suficientes para manter essa mensagem e, mais uma vez, encontramos sempre as palavras "o importante é", "o que deve ser feito pelo tradutor é", "o tradutor tem que" para descrever o trabalho do tradutor e as ações que este deveria ou teria que fazer para que o seu processo de tradução se "adaptasse" ao esquema ou modelo proposto.

Dentro desse modelo logocêntrico, existe uma outra vertente que dá prioridade não ao texto de partida e sim ao texto de chegada. Neste caso, vemos que **o importante** é adaptar o texto a ser traduzido à cultura que o recebe, o estilo ao estilo dominante na língua de chegada, **o importante** é a legibilidade e a fluência na língua de chegada.

Nessa linha, Barbosa nos lembra a popularidade que teve na França do século XVIII as *belles infidèles*, traduções que segundo Georges Mounin (1955:80, apud Barbosa, 2001): "(...) nada pretendiam além de evitar aquilo que repugnasse ao gosto de seu tempo."

Do mesmo modo, a tradição tradutória anglo-americana dá a primazia ao código de chegada e ao receptor da mensagem. Como bem nos lembra Barbosa na sua tese de doutorado (1994): "(...) suas traduções procuram ser legíveis, idiomáticas e fluentes, adaptadas ao gosto dominante da cultura que as recebe." Um fiel representante desse pensamento é o autor Peter Newmark (1987), cuja obra *A Textbook of Translation*, traduzida para o espanhol como *Manual de Traducción* (1999), é considerada por muitos cursos de ensino de tradução como uma das mais completas sobre prática de tradução, e cujo autor se manifesta "contra" qualquer teorização de um processo que é eminentemente prático. A idéia de ensinar a traduzir é outra das questões que merecem uma análise mais detalhada, mas que por enquanto será só abordada no que se refere ao tema em discussão.

Lawrence Venuti (1992), tradutor, autor e pesquisador norte-americano, chama a atenção para a até agora preconizada "invisibilidade do tradutor" e propõe uma forma de traduzir em que o tradutor "**se torne visível**", em que a sua manipulação da mensagem e do código "**seja aparente**"; uma tradução que se opunha à tradição anglo-americana que propunha "acomodar" o texto original aos padrões lingüísticos e literários vigentes naquela cultura.

Venuti quer uma tradução "resistente", ou seja, que ofereça resistência a essa tradução fechada às inovações de fora e que traga inovações a ela. Este modelo lança o foco sobre o tradutor, ao mesmo tempo como receptor e como emissor da mensagem, que Venuti reconhece que é uma mensagem

manipulada pelo tradutor e que, portanto, não permanece a mesma após a tradução. Teoricamente, esse modelo derruba do seu lugar privilegiado o leitor, para quem a tradição procura "facilitar" as coisas, adotando técnicas de tradução explicativas e explicitativas.

Nesse sentido, é importante ressaltar que, ao mesmo tempo em que Venuti repensa a posição do tradutor no modelo de tradução, ele dá a este último uma "**intenção consciente**" que deverá se fixar no texto como uma origem estável e, portanto, **passível de ser resgatada** pelo seu leitor. Ou, em outras palavras, Venuti estaria trabalhando com um **modelo logocêntrico** também, e propondo a idéia de uma mensagem **estável e resgatável**. No modelo de Venuti, o leitor, embora receba uma mensagem diferente da emitida pelo autor, deveria captar até as intenções do tradutor, como se fosse possível resgatá-las mediante um exame do texto.

Essa é uma idéia que aparece na maioria dos tradutores pesquisados, cujos textos constituem o corpus desta dissertação. Ao fazerem as suas reflexões sobre os motivos que os levam a tomar uma decisão, eles sempre dizem frases como "para que o meu leitor possa entender", "para poder passar a idéia para o meu leitor", etc. Essa é a razão que os leva também a colocarem muitas das notas de rodapé.

Esse tema, que diz respeito ao papel do tradutor, tem sido um dos assuntos mais polêmicos e discutidos nas pesquisas sobre tradução nos últimos tempos. A invisibilidade – visibilidade do tradutor, intimamente associada à idéia de (in)fidelidade, está muito longe de ser uma questão bem resolvida e parece ser que, mais uma vez, muitos dos tradutores e pesquisadores divergem sobre como interpretar esta questão, ou não chegaram a um consenso sobre o que significa para um tradutor ser visível ou invisível.

2.9. ESTUDOS DA TRADUÇÃO NO BRASIL COM CARACTERÍSTICAS DO PENSAMENTO COMPLEXO

No Brasil, hoje, vários pesquisadores manifestam nos seus trabalhos não só traços como características marcadas do que seria o Pensamento Complexo

ao analisar o processo de tradução. Entre os trabalhos mais significativos que encontramos, estão os de Fábio Alves (in Pagano, 2000) e Travaglia (2003).

Concretamente, podemos ver que, para definir o que seriam unidades de tradução (UT), Alves propõe que estas não são nem as menores unidades dotadas de significado, como compreendiam **Vinay & Darbelnet** (1957), nem o texto completo, como defendem algumas vertentes da **Análise do Discurso**. Para ele, na verdade, a delimitação das UT depende exclusivamente de cada um dos tradutores e da bagagem pessoal de conhecimentos. Nesse sentido, cada tradutor fará uma tradução diferenciada, exatamente porque parte de unidades diferentes para realizar a tradução. E, segundo ele, não há nada de errado nisso, trata-se apenas da constatação de que os processos cognitivos e, por conseguinte, as estratégias de tradução, têm características predominantemente individuais. Assim, as UT podem mudar de tamanho e de forma. Podem-se acrescentar ou reduzir itens para processá-las de modo mais adequado. Pode-se até mesmo reformulá-las sintática ou semanticamente. O que realmente importa nesta concepção – **paradigma?** – é a percepção do tradutor a respeito do que faz e de como o faz, é saber que caminhos percorrer para transformar uma estrutura **X** na língua de partida em uma estrutura **Y** na língua de chegada.

Outra direção dos trabalhos deste autor que, ao nosso ver, reflete sua postura de olhar o processo de tradução sob o paradigma do Pensamento Complexo é sua recente pesquisa no campo da cognição, tradução e aquisição de línguas estrangeiras sob uma visão conexionista. O conteúdo das suas pesquisas neste campo foi exposto numa palestra¹, e seu direcionamento tem, segundo o observado, muitos pontos de contato com a nossa pesquisa, embora ele trabalhe o conceito de "previsibilidade" como conclusão dos métodos de análise aplicados.

¹ **ALVES, Fábio:** *Cognição, tradução e aquisição de línguas estrangeiras: uma visão conexionista*. Palestra ministrada no CITRAT da FFLCH-USP, organizada pelo Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e literatura Espanhola e Hispano-Americana em 03/08/2004.

Por último, comentando o trabalho de Travaglia (2003) antes citado, é de destacar a abordagem não normativa da análise que da tradução faz a autora, complementando com profundas reflexões e uma visão realista de pesquisadora os comentários que oferece no seu livro. Neste sentido, consideramos de especial interesse a idéia de Travaglia (2003:183) de que "(...) o processo comunicativo e a tradução em especial é algo dinâmico, onde o sentido se constrói à medida que vai evoluindo e que cada texto é único e irrepetível (...)", dado, é claro, seu posicionamento na lingüística textual e sua visão da tradução como retextualização. A autora aponta também que, ao acreditar que a intenção comunicativa é dinâmica e é construída à medida que o autor vai compondo seu texto, então o sentido também é reconstruído a cada leitura de cada leitor, mostrando, assim, que sua visão da comunicação humana e do processo de tradução é complexa e sistêmica.

Sob essa visão, é de particular interesse a abordagem que a autora faz da crítica de traduções, apontando que os critérios da crítica serão estabelecidos em função de cada texto em particular e não como moldes pré-determinados nos quais todo e qualquer texto deve se encaixar, motivo pelo qual considera que qualquer clichê do tipo: "todo romance traduzido deve reproduzir a cor local do original" ou "toda tradução de texto jornalístico deve seguir a linha política do original" não cabem numa crítica sob a perspectiva da tradução como retextualização.

Por fim, nas suas últimas palavras, Travaglia dedica um espaço a discutir a noção de erro de tradução. Neste sentido, fundamenta seu ponto de vista na noção de erro segundo a qual este faz parte integrante do próprio processo comunicativo e, citando Antoine Culioli (1982, apud Travaglia, *ibid.*: 188), diz que "a co-enunciação é precisamente o lugar do jogo, no sentido duplo do termo, isto é, ajustes, desejados ou não, alcançados ou não, deslizes, lapsos, mal-entendidos, ambigüidades, não são parasitas da comunicação ou ruídos num mundo informativo claro, mas também fazem parte integrante da atividade de linguagem". E, ampliando essas palavras, considera que a tradução como processo é também um lugar onde ajustes, ambigüidades e mal-entendidos

acontecem e, por isso, deve-se ter um especial cuidado para definir o que constitui propriamente um **erro de tradução**. Como se vê, a preocupação de Travaglia coincide com aquela que todo tempo esteve presente ao longo desta pesquisa, o que pode indicar que este tema ainda está merecendo maiores questionamentos e maiores investigações.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A ANÁLISE DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

A análise dos estudos da tradução permitiu ver como o **paradigma da complexidade**, ou **pensamento sistêmico**, ou ainda **pensamento complexo** não é um paradigma que está surgindo, como apontam alguns pesquisadores, ele está presente nos tradutores e pesquisadores, muitas vezes em coexistência com outros paradigmas. Ele se manifesta por meio de traços de complexidade na forma de olhar o objeto de estudo ou de encarar a tarefa de traduzir, umas vezes mais explicitamente, outras vezes mais implicitamente. Ele aparece e desaparece e, embora seja apresentado como o resultado lógico de uma evolução do pensamento humano, ele parece conviver com outros paradigmas. Assim, vê-se como, agora e há 2000 anos atrás, as preocupações do tradutor são basicamente as mesmas. Mas, foi possível constatar, sim, que está se dando uma mudança nas reflexões sobre os estudos da tradução, embora vejamos que ainda persistem as reflexões que mantêm uma postura normativa sobre esta atividade, que insistem em estabelecer aquilo que "(não) deve", "(não) pode" ser feito.

BIBLIOGRAFIA

5.1. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATLAN, Henry** (1999): *Nem tudo é genética: Rumo a Novos Paradigmas em Biologia*. Tradução de Antonio Romane (Comunicação Sabesp) do livro publicado pelo INRA (Instituto Nacional De Pesquisa Agronômica Francês).
- BARBOSA, Heloisa Gonçalves** (2001): *A tradução, seus modelos teóricos e sua prática cotidiana*. Cadernos de Letras (16) Departamento de Letras Anglo-Germânicas, Faculdade de Letras, UFRJ, pp. 345-359.
- CARBONELL I CORTÉS, Ovidi** (1999): *Traducción y Cultura: De la ideología al texto*. Salamanca: EDICIONES COLEGIO DE ESPAÑA.
- DEBRUM, Michel** (1996) (org): *Auto-organização*. Coleção CLE (18), Campinas, 1996, pp xii-xxi
- ECO, Umberto** (1990-2000): *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva.
- GONZÁLEZ, N. T. Maia** (1994): *Cadê o pronome? - O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos*. Tese de doutorado defendida junto ao DL da FFLCH/USP, inédita.
- GONZÁLEZ, N. T. Maia** (1998): *Pero ¿qué gramática es ésta? Los sujetos pronominales y los clíticos en la interlengua de brasileños adultos aprendices de Español/LE*. In: *RILCE: 14.2: Español como lengua extranjera: investigación y docencia*, 243-263. Pamplona: Universidad de Navarra.
- GONZÁLEZ, N. T. Maia**: *La expresión de la persona en la producción de español lengua extranjera de estudiantes brasileños: perspectivas de análisis*. In: TROUCHE, A. L. G. & REIS, L. F. orgs. (2001): *Hispanismo 2000*. Brasília: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte/ABH, vol 1, p. 239-256.
- GONZÁLEZ, N. Maia & CELADA, M.** (2001): *El contrapunto de dos lenguas: los argentinos somos así. Brasileiro é assim mesmo*. *Revista Electrónica ELE*. Barcelona: Espasa.
www.esespasa.com/esespasa/sta/html/es/revistaprofesores/inve.../investig_linguistica.htm
- GONZÁLEZ NIETO, L.** (2001): *Teoría lingüística y enseñanza de la lengua (lingüística para profesores)*. Madrid: Cátedra.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça** (2000): *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.

- LARSEN-FREEMAN, Diane** (1997): *Chaos/Complexity Science and Second Language Acquisition*. in *Applied Linguistics*. Oxford, Vol. 18, n. 2, p. 141-165.
- LOZANO, J.** (1979): *Introducción a Lotman y la Escuela de Tartu*. In: Lotman, J. y Escuela de Tartu: *Semiótica de la Cultura*. Madrid: Cátedra, pp. 9-40.
- MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio R.; MOTTA, Raúl D.** (2003): *Educar na era planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e a incerteza humana*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO.
- MORIN, Edgar** (1990): *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MOUNIN, Georges** (1971): *Los problemas teóricos de la Traducción*. Madrid: Gredos.
- PAGANO, Adriana** (2000): *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação / Adriana Pagano, Célia Magalhães, Fábio Alves*. São Paulo: Contexto.
- PAGANO, Adriana** (2001): *Metodologias de Pesquisa em Tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, Estudos Lingüísticos 3.
- PERINI, Mario A.** (2000): *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 4ª ed.
- POSSENTI, Sírio** (1992): *Um cérebro para a linguagem*. In Boletim da Abralim, 13, pp. 75-84.
- PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle** (1987): *A Nova Aliança*, Gradiva, 1987. (tradução brasileira de M. Faria e M. J. M. Trincheira, revista por J. P. Mendes e J. Branco, com tradução do prefácio e dos apêndices da 2ª edição francesa da Gallimard, de 1986, respectivamente por A. M. Baptista e A. I. Buescu).
- RUIZ NOGUERA, Francisco** (2003): *Sobre la relación entre los estudios lingüísticos y las unidades de traducción*. Santiago de Cuba: Actas del VIII Simposio Internacional de Comunicación Social.
- SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda** (1998): *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- SNELL-HORNBY, Mary** (1988-1999): *Estudios de Traducción: Hacia una perspectiva integradora*. Salamanca: Ediciones Almar.

TOROP, Peter (1995-2003): *Semiótica de la traducción, traducción de la semiótica*. In: *Signa. Revista de la Asociación Española de Semiótica*, pp. 37-44. (tradução do russo de Rafael Guzmán)

TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves (2003): *Tradução Retextualização: A tradução numa perspectiva textual*. Uberlândia: EDUFU.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de (2003): *Pensamento Sistêmico: O Novo Paradigma da Ciência*. Campinas, SP: Papirus.

VENUTI, Lawrence (1995): *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. New York: Routledge.

5.2. BIBLIOGRAFIA DE APOIO

ARROJO, Rosemary (1986): *Oficina de Tradução: A teoria na prática*. São Paulo: Ática.

ARROJO, Rosemary (1993): *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed.

BENEDETTI, Ivone C.; SOBRAL, Adail (org.) (2003): *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas*. São Paulo: Parábola Editorial.

BERNÁRDEZ, Enrique (1993-1994): *La coherencia textual como autorregulación en el proceso comunicativo*. Boletín de Filología, tomo XXXIV, FFH, Universidad de Chile, Santiago de Chile, pp. 9-32.

CASTRO, Gustavo de (org.) (1999): *Ensaio de Complexidade*. Porto Alegre: Sulina.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (1995): *Os tradutores na História*. São Paulo: Ática.

DÍAZ MARTÍNEZ, Mario (1997): *Una aproximación polisistémica al concepto de literatura y traducción*. In ORO CABANAS, J.M.; VARELA ZAPATA, J.: *Adquisición y aprendizaje de lenguas segundas y sus literaturas*. Atas do I Congresso Internacional "Aquisição e aprendizagem de línguas segundas e suas literaturas". (Setembro 1995). Universidade de Santiago de Compostela.

FERNÁNDEZ, Purificación; BRAVO, José María (1998): *La Traducción: orientaciones lingüísticas y literarias*. Valladolid: Servicio de Apoyo a la Enseñanza, Universidad de Valladolid.

- GLEICK, James** (1987-1989): *Caos: a criação de uma nova ciência*. Rio de Janeiro: Campus.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça** (1990): *A coerência textual*. São Paulo: Contexto.
- LARANJEIRA, Mário** (1993-2003): *Poética da tradução: Do sentido à significância*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- LEVINE, Suzanne Jill** (1991-1998): *Escriba subversiva: una poética de la traducción*. México, DF: Fondo de Cultura Económica.
- MILTON, John** (1993-1998): *Tradução: Teoria e Prática*. São Paulo: Martins Fontes.
- MORILLAS, Esther; ARIAS, Juan Pablo** (org.) (1997): *El Papel del Traductor*. Salamanca: EDICIONES COLEGIO DE ESPAÑA.
- NEWMARK, Peter** (1987-1999): *Manual de Traducción*. Madrid: Cátedra.
- NUSSENZVEIG, H. Moysés** (org.) (1999-2003): *Complexidade e Caos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/COPEA.
- ORLANDI, Eni Puccinelli** (org.) (1998): *A leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes.
- PENA-VEGA, Alfredo, ALMEIDA; Elimar Pinheiro de** (org.) (1999): *O pensar Complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. Rio de Janeiro: Garamond.
- PRIGOGINE, Ilya** (1993-2002): *As leis do Caos*. São Paulo: Editora UNESP.
- RÓNAI, Paulo** (1987): *Escola de Tradutores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- RÓNAI, Paulo** (1975-1981): *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SIGNORINI, Inês** (1998): *Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Lingüística Aplicada*, in *Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas, SP: Mercado das Letras, p. 99-108.
- VIEIRA, Jorge de Albuquerque** (1996): *Organização e Sistemas*, in *Caos e Ordem na Filosofia e Ciências*. São Paulo: Anais do III Congresso Latino-Americano de Semiótica.
- WYLER, Lia** (2003): *Línguas, poetas e bacharéis*. Rio de Janeiro: Rocco.

ANEXOS

ANEXO A: INSTRUÇÕES PARA OS TRADUTORES INFORMANTES

**Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas
Espanhola e Hispano-Americana**

C O N S T I T U I Ç Ã O D E C O R P U S P A R A P R O J E T O
D E M E S T R A D O

**Instruções para a tradução do conto *Retrato de una infancia habanaviejera*,
de Zoé Valdés¹**

Autor do Projeto: Fernando Legón Galindo

Orientadora: Prof^a Dr^a Neide Maia González

Linha de Pesquisa: Língua Espanhola e Processos Interculturais

Projeto Vinculado: O português e o espanhol nas suas relações de tradução

Introdução

Este projeto tem dois objetivos fundamentais, por uma parte, registrar quais são os passos que o tradutor segue no processo de tradução e por outra, interpretar a natureza desse processo que culminará no produto final: a tradução.

Para cumprir com esses objetivos, propomos que seja elaborado o que decidimos chamar de Diário do Tradutor, uma espécie de descrição do processo de tradução feita pelo próprio tradutor, através da qual pretendemos acompanhar os processos mentais que ocorrem durante a tradução e as ações deles decorrentes. Interessa-nos, portanto, entender o processo de tradução mais do que o produto final, embora reconheçamos que é praticamente impossível separar as duas coisas. Isto é, nosso foco de análise será mais sobre os processos que levaram ao produto e não o produto em e por si mesmo.

Para que isso seja possível, o tradutor deverá guardar todas as versões sequenciais da obra que está traduzindo. Isto é, antes de fazer qualquer mudança num fragmento já traduzido, será necessário guardar sempre a versão anterior, independentemente de ter registrado esta mudança e os motivos que levaram a que fosse feita no diário.

Elaboração do Diário do Tradutor

Gostaríamos que o tradutor escrevesse no diário como se realmente estivesse falando consigo mesmo, registrando todas as suas dúvidas, impressões, decisões, o porquê das decisões. A minuciosidade nos detalhes pode ser muito importante para podermos chegar a resultados satisfatórios na pesquisa. Qualquer dado relacionado com o processo de leitura e entendimento do texto original e de como essas idéias são revertidas para a outra língua será do

¹ *Nuevos Narradores Cubanos*. Madrid: Siruela, 2000. p. 17-24

interesse da pesquisa, por pequeno ou insignificante que pareça. Por este motivo queremos que o tradutor registre no seu diário os seguintes dados:

- Datas e horários em que começou e terminou o trabalho de tradução.
- Intervalos (se teve alguma parada para descanso ou quaisquer outros motivos de interrupção).
- Ponto de retomada da tradução (se foi diretamente à última palavra traduzida ou se fez alguma leitura a partir de um ponto anterior, indicando neste caso o ponto).
- Quaisquer mudanças efetuadas numa palavra ou fragmento já traduzido e o(s) motivo(s) que levou (levaram) a essa mudança (consulta ao dicionário, consulta a alguma outra pessoa, alguma palavra ou frase que foi lembrada depois e que se adapta melhor à situação). No caso de alguma palavra não ter sido traduzida, seja por dúvida sobre a sua tradução mais adequada ou por não ter entendido o seu significado e/ou valor contextual, indicar como e quando foi feita a posterior tradução.
- Condições em que é feito o trabalho (com o original na tela do computador, com o original impresso no papel, à mão, traduzindo texto sobre texto, traduzindo texto ao lado do texto na tela do computador, etc).
- Qualquer tipo de conferência que seja feita do texto traduzido com o texto original, indicando o momento em que ela é feita e se foi feita alguma mudança como consequência dela.

Elaboração das versões seqüenciais

Como já foi dito, o tradutor deverá guardar todas as versões que fizer da obra que está traduzindo. Se optar pelo trabalho no computador, o tradutor deverá salvar sempre a última versão antes de fazer qualquer mudança no texto já traduzido, isto é, deverá salvar antes a nova versão do texto com um número seqüencial ao último gravado e não em cima do arquivo anterior. O trabalho será retomado sempre a partir da última versão.

Exemplo:

Quando o tradutor começar a trabalhar num arquivo chamado "Retrato" e por alguma razão decidir fazer alguma modificação no texto já traduzido deverá primeiramente gravar este arquivo, antes de fazer a modificação, como "Retrato-1" usando a opção **Salvar como** ou **Save as**. O tradutor então retoma o arquivo em que está trabalhando, faz a mudança e continua a tradução. Desta maneira, a versão anterior já ficaria guardada. Se quiser fazer alguma modificação de novo no texto já traduzido salvará primeiro este novo arquivo como "Retrato-2" para depois fazer a modificação e continuar a tradução partindo igualmente deste último arquivo e assim sucessivamente, usando sempre a opção **Salvar como** ou **Save as** e nunca a opção **Salvar** ou **Save**. Isto é, a última versão sempre será gravada com um número seqüencial.

Ferramentas

No caso de ser usada alguma fonte de consulta, o tradutor deverá indicá-la no diário e comentar as impressões sobre o resultado da pesquisa, indicando, por exemplo, se a explicação achada é considerada favorável ou não, se é adequada ao contexto do conto, e qual seria nesse caso a solução dada para a tradução.

Por se tratar de um conto no qual é usada uma grande quantidade de gíria e léxico regional, será possível consultar também o autor do projeto, de preferência através do e-mail, de forma a deixar registro de qual foi a dúvida e da resposta.

Finalização do trabalho

No final do trabalho o tradutor entregará ao pesquisador os seguintes materiais:

- o texto traduzido;
- o diário do tradutor;
- as versões seqüenciais da tradução.

Dependendo do caso, o autor do projeto poderá efetuar uma entrevista pessoal com o tradutor para esclarecimento de eventuais dúvidas. Essa entrevista será gravada e se integrará ao corpus do projeto.

Também será necessário saber alguns dados do tradutor, sobretudo aqueles relacionados à sua experiência na área de tradução. Para isso, pedimos que o tradutor trace seu perfil tendo em consideração os pontos que colocamos no formulário, que incluímos nestas instruções. Este perfil também deverá ser entregue junto aos materiais indicados acima.

Contatos para esclarecimento de dúvidas

Os contatos poderão ser efetuados através de e-mail com o autor do projeto no endereço: **ferlegon@terra.com.br**. Também poderá ser estabelecido contato via telefônica, por meio de ligações a cobrar, através dos números: **(21) -2512-7092** ou **(21)-9646-7483**. Nestes casos tanto a pergunta quanto a resposta deverão aparecer no Diário do Tradutor.

Perfil do Tradutor:

Para a elaboração do Perfil do Tradutor, deverão ser considerados os seguintes pontos:

- Código de identificação (a ser preenchido pelo autor do projeto):
- Nome completo:
- Idade:
- Sexo:
- Nacionalidade:
- País de residência:
- Trabalho(s) que desempenha atualmente:
- Formação e títulos obtidos:
- Formação complementar na área de tradução:

- Experiência como tradutor (especificar as áreas e o tempo de experiência):
- Línguas que conhece e grau de domínio:
- Contatos que teve com o contexto da sociedade cubana em geral (música, cinema, literatura, reportagens, artigos em revistas ou jornais, palestras, visitas ao país, amigos, conhecidos):
- Outros dados que o próprio tradutor julgar relevante (preenchimento opcional):

Ao entregar o trabalho ao autor do projeto (todas as versões do processo de tradução, em disquete e/ou impressas, mais o Diário do Tradutor) o tradutor deverá entregar também o seu perfil, bem como estas instruções e o termo de aceitação que incluímos abaixo, datado e assinado.

Termo de aceitação

Autorizo o autor deste projeto, Fernando Legón Galindo, a utilizar os dados que constam do Perfil do Tradutor, exceto a divulgação do meu nome, que na pesquisa será substituído por um código. Autorizo-o, igualmente, a utilizar as diferentes versões da tradução efetuada por mim, bem como as anotações feitas no Diário do Tradutor, sempre sem a divulgação de meu nome.

Local:

Data:

Assinatura:

ANEXO B. CONTO EM ESPANHOL

Retrato de una infancia habanaviejera

Zoé Valdés

¿Y por qué tendría que negarlo? Sí, soy de La Habana Vieja, y a mucha honra, vaya, ¿quién les dijo a ustedes que voy a avergonzarme por mis orígenes? Yo pertenezco al casco histórico, ¿y qué, tú, qué pasó con eso? (Todo esto lo digo con las manos partidas, en jarra, una pierna cruzada sobre la otra, el pie descansando en punta, una sonrisa cubanísima, de exportación, los hombros desnudos y acentuados hacia adelante, desafiantes como los de la Cecilia Valdés en la novela de Cirilo Villaverde; la pobre mulatona fue una jinetera del siglo XIX, allá en la Loma del Ángel; todo el bendito tiempo empinando hombros, boca y culo, ¡joyéee, con el dolor que da eso en la cervical! Mi caso es algo diferente, yo no soy exclusivamente negra, ni tan siquiera cuarterona, ni china, ni rubia, ni trigueña aindiá, ni jabá. Yo soy más bien un ajiaco de todo ese rebumbio, y más.) Pues sí, mi niño, como mismitico te iba diciendo, yo me crié, desde que abrí los ojos al cielo azul tropicalísimo, estos ojitos que se va a tragar el fango, ¡ay, tú, no, solavaya!, pues di mis primeros pasos, gateé por los adoquines de la ciudad monumento, patrimonio de la humanidad y de todas esas sanacás que inventa la Unesco. ¿Que qué? Ay, mijito, habla claro, con ese acento no se te entiende ni pitoche. ¿Que usted es fotógrafo? Eso ya lo sé, mi vida linda, óyeme, ¿tú crees que soy ciega o bizcorneá? Si desde que te vi con la cámara colgando del cuello me pegué a ti. ¡Claro, corazón de melón, a mí me encanta que me tiren fotos! No, pa que tú veas es la primera vez que a mí me retrata un turista, un gallego. ¡Aaaah! ¿Que tú no eres gallego? ¿Y se puede saber de dónde tú vienes, cosita rica? Porque extraterrestre sí que no, qué va, tú no tienes ni una pizquita así de marciano. ¿De Portugal, y resides en París? ¡Eso está fuerte! Ay, tú estás un poquito raro. Bueno, y qué importa, a ver, ¿cómo quieres que me ponga? ¿Ya? ¡Contrá, qué rápido tú eres, ni los *cupets* te hacen ná! Niño, los *cupets* son los garajes nuevos donde venden gasolina en fulas. En fin, no te demoro más con cuentos del más allá, fíjate, yo soy nacida y criada en un palacio colonial, ¡un palacete, chico! Pero de palacio ya no le queda ni el nombre. Ahora se llama solar, vaya, para ser más concreta, en la calle Muralla 160, entre Cuba y San Ignacio. No te puedo enseñar el edificio porque se derrumbó, hace un tongón de anos, ¡quién se acuerda de aquello! Yo era chiquitica así. Mira, mi abuela me estaba dando la comida, ¡no, y menos mal que todo el mundo estaba en la calle, trabajando, o haciéndose los que trabajaban!, pues mi abuela se dio cuenta de que en el plato estaba cayendo como una boronilla del techo, y cual endemoniá recogió lo principal, es decir, yo y veinte fulas que había comprado en el mercado negro; ¡qué luz la de mi abuela, virgen de la Milagrosa, alabao sea san Lázaro! No bien salimos del edificio, ¡cataplún! Piedra y polvo na má, igualitico al Partenón ese de los griegos que vi en un libro prestado. Luego de la catástrofe nos albergaron dos años; más tarde, bien tarde,

nos dieron un apartamentico, ¡no, pero ahí todavía queda gente esperando porque le den casa! Imagínate, en ese albergue de la calle Monserrate hay mujeres que se han hecho viejas pellejas. Nosotras navegamos con suerte porque la presidenta del consejo de vecinos es tremenda chivatona y tenía un contacto que nos resolvió. Nos otorgaron un apartamentiquito, como ya te dije, muy modesto él, en la calle Empedrado número 505 entre Villegas y Monserrate. La calle Empedrado es famosísima por La Bodeguita del Medio, a la cual no puede ir ningún cubano si no es acompañado de un extranjero. Pero no te vayas a equivocar (miro a todos lados), cuidadito ahí, a mí me priva este país, ¡aquí somos requetefelices y palante y palante! Hace un calor del carajo, pero mira cómo hay playas y arrecifes, las playas pa los turistas y los dientes e'perro pa los nativos. Pinta pallá, ahí viene Maruja, la señora del pañuelo en la cabeza y el bastón, la viejita de la jaba. ¡Ay, verdad, qué torpe, si todas las viejas llevan jabas! Chico, esa que camina apoyándose en la puerta de latón de la bodega. Esa viejuca es de lo más mortalítica, quiere decir superchévere. Ella es hija de isleños, de los de Canarias, pero nació aquí, esa pobre señora se pasa la vida en las colas, del cuarto a la bodega y de la bodega al cuarto. Un día se paró en la esquina, miró a la profundidad, al abismo interior de la jaba vacía y dudó: *Ay, mi madre, Cristo bendito, qué memoria la mía, estoy ya tan arteriosclerótica que ya no sé si es que voy o vengo del mercado.* Con eso te lo digo todo. ¿Qué cosa, mi chino, que cambie el tema? Sí, sí, sí, yo sé que a ustedes los fotógrafos les amargan estos temas. A mí lo que me entristece es ver cómo en las fotos la pobreza se ve así, tan bonita. ¡No, mi amor, eso yo no te lo voy a negar, aquí sí hay pobreza, y mucha! Escúchame bien, ¿ves a esa mujer sentada con el perro, y al otro tipo que mira pallá, y al negro de punta en blanco que hasta la cabeza la tiene blanquita en canas? -dicho sea de paso, ese negro debe de ser viejo como loco, porque pa que a un negro se le vean las canas es porque es de un siglo de antes de nuestra era-, pues ese conjunto de personajes tú los ves y los fotografías y ya, y luego te largas a tu país, pero lo bueno de la foto, lo que tú te pierdes, es ese más allá que hay de la puerta padentro, detrás del niche canoso. Por esa puerta padentro hay una lobreguez que le para los pelos de punta al más pinto. ¡Una miseria que ya quisieran las favelas venezolanas o brasileñas! Cállate boca, ahí llegó la fiana, *brigada central*. A propósito, ¿allá por donde tú vives no pusieron en la televisión *Brigada central*? Es un serial español, donde actúa Imanol Arias, el que hizo de Leonardo Gamboa con Daisy Granados haciendo de Cecilia Valdés. Yo lo conocí, ¡niño, estate tranquilo!, ¡más decente! Me firmó un autógrafo y todo, en la plaza de la Catedral. ¿Te quedaste botao, no entendiste? Bueno, desmaya el chisme. ¿Y cuál es el cuento con estos dos policías que se aproximan como quien no quiere la cosa? *¿Qué sucede, compañero? Usted mismo el de la camarita. Aquí hay mucha dignidad pa que lo vaya sabiendo. ¿La joven lo está molestando? No, porque por acá pululan una cantidad de muchachos malcriados, escoria, vaya... ¿Cómo dijo, una foto de nosotros? ¿Los dos juntos? Estamos trabajando y nos puede costar caro, bien, dale, métele ahí rápido, ¿cómo nos colocamos, nos reímos? Mejor no nos reímos. Chácata. Ya usted sabe, aquí estamos para servirle. Cuba es un eterno verano, venga a vivir una tentación.* A mí me han dado un revirón de ojos, se ve

que no les gustó que estuviera renguinchá de ti, fotógrafo. Sí, aquí hay mucha dignidad, demasiada, sobra, pero la dignidad no se come, cariño, en fin, el mar... Hablemos de los peces de colores. ¡Apunta pallá, no te las pierdas, ay qué niñitas tan monas, una en el velocípedo, y la otra con perrito de lo más chulo! Ah, ya las habías visto, por supuesto, el fotógrafo es el que ve más rápido, más hondo y mejor. Cualquiera diría dos típicas habaneritas, graciositas, ahorita te preguntan la hora a ver si eres yuma, primero pa pedir chicles, luego que las saques del país... Pa que tú veas, la gente engaña, ellas sólo querían una foto, ya tú ves, todavía quedan niños educados. Yo también lo soy, que se sepa que tengo trece años nada más, mi chino, y ni sé en qué etapa de la vida estoy, aquí una se hace tembona en un pestañazo, pero al mismo tiempo no conozco na de la vida. Pa mí el mundo es La Habana Vieja, cuanto más Centro Habana. Una vez me desplazé hasta el Vedado, pero el transporte está en llamas, en candela, vaya, no hay quien se empate con un camello, nombrete que les hemos puesto a las guaguas en la actualidad. ¿A pie? ¡Mi cielo, no hay jama, no hay proteína pa tanto! Tú sí que puedes porque tú estás ranqueo en las grandes ligas con respecto a carnes, vegetales y frutas. Pero aquí una ni ve pasar la carne. Yo, en la vida he visto una vaca viva. ¡Ah, no, espérate!: una vez vi una en el noticiero de las ocho de la noche por el Canal Seis. Sí aquí tenemos sólo dos canales, el Seis, que es el de la novela, y el Dos, que es el de la pelota y los discursos. Desde que tengo uso de razón veo la telenovela brasileña, es una cosa que me priva, en un televisor marca Caribe, en blanco y negro, pero de que la veo la veo, ¡cómo no! En un futuro no muy lejano, a lo mejor mi mamá, o yo misma, consigamos un aparato a color... ¡No, no, no, tú no te me puedes negar, tienes que hacerle una foto a ese que viene por ahí! Te presento a mi padrino, él es palero, abakuá, y todo lo que tú quieras y mucho más, ¡a su prenda hay que decirle usted! Cuando lo necesites él te puede hacer un buen trabajo, amarrar a tu mujer pa que no te deje nunca, envolver a tu jefe pa que te aumente el sueldo, lo que tú pidas por esa boca él lo logra, ¡es un puñetero volao! Padrino, no se asuste, quieto ahí que lo van a retratar, vas a salir publicao en el mundo entero. *El mundo entero, el imposible.* Ya se aleja indiferente, cantando un bolero, trafucándole la letra. Ahí se va mi padrino, ajustándose la gorra sudá. Te voy a contar un poco de mí, fotógrafo, dime si te interesa, claro. Yo siempre me he destacado por ser tremenda pandillera, pero sana, sin hacerle daño a nadie. A mí lo que me gusta es estar en la calle, mataperreando, jodiendo, riéndome, de marimacha, arrecostá en cualquier pared viendo a los turistas pasar. Debe de ser extrañísimo eso de ser extranjero, ustedes van por la vida así, tirando fotos como en una película, sin inquietarse por si llegó el huevo, o que si la leche se cortó con el calor y por eso no la despacharon. A mí, cuando me preguntaban de chiquitica que qué quería ser cuando fuera grande, respondía que extranjera. A veces odio ser yo, pero otras lo que siento es deseos de seguir aquí, sin hacer ná, mirando a todo el mundo pasar. ¿Estoy despeiná? No, es que no soporto salir desarreglá en las fotos, qué dirán por ahí después, mira a esa chiquita con las pasas paradas. A mí me fascina verme bonita en los retratos, sucede como con las casas, es cierto que aquí la ciudad está desbaratá, pero todavía quedan algunos lugares más o menos elegantes. Lo que es esta zona del casco

histórico la han restaurado de manera b-a-s-t-a-n-t-e acogedora, pero lo que es de ahí pallá, pa envuelta de la iglesia de la Merced, de Muralla hacia Paula, lo que son las calles Santa Clara, Luz, Acosta, Jesús Maria, Merced, San Ignacio, Muralla, Inquisidor, Habana, Cuba, Aguacate, Villegas, todo eso está en ruinas. Por ahí anda un chiste que dice que los americanos deciden bombardear Cuba de una vez, ya, pa que Quien Tú Sabes no se llene más la boca diciendo que los americanos quieren agredirnos y que esto y que lo otro. Entonces envían un cazabombardero pa acabar con nosotros, pero en el momento de tirar la bomba, el piloto mira para la ciudad, toca con el codo al copiloto preguntando: «Oh, Scott, ¿quién se nos habrá adelantado?». Y sin embargo, la vida tiene cada cosa, porque así y todo la ciudad luce simpaticona. Yo he chancleteao este barrio que tú no tienes ni una idea, de cabo a rabo, este niño, no hay familia decente ni bandolero que yo desconozca. Soy socia, ambia, vaya, hasta de los curas de la iglesia de la Merced y del Espíritu Santo. Si supieras la suerte que tengo para las amistades mayores. Mi madre trabajaba en una pizzería que acaban de cerrar, en la calle Obispo, ahora se dedicará a fundar una Paladar, es decir una pizzería en fulas, semiclandestina. La ayudaré, por supuesto. ¿Los materiales? Los ingredientes querrás decir, ¿que de dónde voy a sacarlos? A mí sí que no me preguntes sobre esa situación, yo qué sé. De por ahí. En una ocasión comí gato, sin enterarme, unas albóndigas de miao. ¡No, ahí sí que no, mi vida linda, los perros son sagrados en este país! Tú no ves que los perros pertenecen a san Lázaro, que es un viejito muy santo, milagrosísimo él. Desde que soy gente asisto cada diecisiete de diciembre al Rincón, donde se encuentra el santuario del viejito que me protege, ¡Y de rodillas, de r-o-d-i-l-l-a-s, ni ná ni ná! Porque yo soy de lo más devota. ¿De quién, a quién tú mencionaste? Por favor, cariño, no pronuncies ese nombre que trae mala suerte. Yo me considero única y desinteresadamente devotísima de Babalú Ayé, que no es otro que san Lázaro. A mí nadie me obligó, con ese don se nace, es muy natural. Aquí el que no tiene de congo tiene de karabalí. Acto seguido podrás interpretar que a todo lo largo y ancho de esta islita, por delante, por detrás y por los cuatro costados, toditos tenemos nuestra cosa hecha, su cuestión preparada. ¿El qué? ¿El comu-cuánto? ¡Oye, mira que tú eres cómico! Pues él, ¿el comunismo me dijiste? Él, ahí, de lo más bien, encantado de la vida, saludable y alimentadísimo, como si con él no fuera, haciéndose el de la vista gorda. ¿Qué otras cosas lindas podría contarte? Vaya, para que te lleves una excelente imagen de este país. ¡Ya sé! Pues, tengo una amiguita que vive muerta con el circo, encandilada con los payasos y con los elefantes y con los trapecios y todo cuento. Sí, me confesó que sueña con ser trapecista. Yo, antes, quería ser gimnasta, como aquélla, la Nadia Comaneci, ¿la recuerdas? Pero clausuraron el CB deportivo de la calle Mercaderes, las instalaciones se jodieron por falta de mantenimiento. Ya no quiero ser gimnasta. ¡El CB, niño! ¿Tú no sabes lo que es un CB deportivo? No, para nada, no es se ve, se escribe C y B. ¿Cómo, igual a esa tarjeta? En mi vida había visto yo carta tan brillante. No seas mentiroso, tú. ¿Que con esa postalita se puede pagar? ¡Qué va, pa su escopeta, ni me la acerques, no quiero cuentos con trucos raros! (Ahora me alejo, haciéndome la brava, la rebelde, la salvajona, pero esto de la foto me tiene trastorná; él se detiene en una esquina, el

vecindario lo aborda; retrata a todos cuantos se meten delante del lente, después regala las pruebas que van saliendo, ha alborotado al barrio; le sacó una al tipo que le dicen el cosaco, debido al sombrero y el bigotón, el socio estaba en tremenda pea, con un ojo entretenido y el otro comiendo mierda, manda un feo que ni malanga, pero ¿quién lo iría a decir?, resultó ser superfotogénico, quedó bonito y todo; en la parada sobreviviente de guaguas fotografió a Pepito, quien regresaba del policlínico con una placa de los pulmones en la mano, toda la luz del universo atravesaba la radiografía; sin contención ni remilgos vuelvo a engancharme de mi amigo el fotógrafo, aquí estoy, pegá como un moco, pero él es de lo más cariñoso, pareciera cubano. ¿Que qué? Ya empezó de nuevo, es tremendo preguntón.) ¿Que por fin qué voy a ser cuando sea mayor? (Me la puso en China, ya le conté que me decepcioné con la gimnástica.) Ay, chico, todavía tengo tiempo, no le he dado mucha cabeza a ese asunto. Como soy medio marimacha a lo mejor va y me dedico a técnica de bicicleta. (De súbito, descubro a Lola, la lavandera, sentada en un banco cagao por los sinsontes del parque de la plaza de Armas, ahí está más solita que la soledad misma, con un suetercito rojo, sucio que da grima, con el calor que se está mandando; yo que siempre ando en chores bien corticos, a punta de nalga, sin ná pa arriba, porque como aún no he desarrollao bien. Lola fija la vista en la luna de Valencia, anda por Belén con los pastores, acariciando a otro perrito abandonado, a quien ella de seguro acaba de recoger, es una perrera de ampanga.) Pues, oye lo que te voy a decir, mi curucucucho de mamey, si se pone más dura la situación me dedicaré yo también a lavar pa la calle, o a mirar pa los celajes, igual que Lola, o a recoger perros, o a las tres cosas juntas. ¿No te parece una buena idea? Tal vez, pensándolo mejor, si esto se arregla, si cambia, vaya, quién sabe. ¿Tú de verdad tienes fe en que esto se compondrá algún día? ¿Crees que yo pueda llegar a ser fotógrafa? Sí, como tú.

ANEXO C: VERSÕES FINAIS DAS TRADUÇÕES

TRADUTOR 1

Retrato de uma infância em “La Habana Vieja”

Zoé Valdés

E por que deveria de negar? Sim, sou do bairro La Habana Vieja, e com muita honra, claro! Quem disse pra vocês que eu tenho vergonha da minha origem? Eu faço parte do centro histórico, e você com isso? (Digo tudo isso com as mãos postas na cintura, pernas cruzadas, o pé descansando, um sorriso muito cubano, daqueles: tipo exportação, os ombros desnudos e acentuados inclinados para frente, desafiadores como os da Cecilia Valdés no romance de Cirilo Villaverde; a pobre mulata foi uma prostituta do século XIX, lá pras bandas de Loma del Ángel; o tempo inteiro empinando ombros, boca e ancas, uma baita dor que dá na coluna cervical! O meu caso é um pouco diferente, eu não sou exatamente negra, nem sou cabocla, nem oriental, nem loira, nem trigueira tipo índia, nem parda. Na verdade, eu sou mais uma mistura de toda essa confusão, e um pouco mais). Pois é, minha criança, como agorinha eu tava te contando, eu me criei, desde que abri os olhos para esse céu azul tropical, esses olhinhos que a terra um dia há de comer, ah, você não, Deus nos livre! Pois dei os meus primeiros passos, gatinhei pelos paralelepípedos da cidade monumento, patrimônio da humanidade e de todas essas baboseiras que inventa a Unesco. E daí? Ai, meu filho, fale claro, com esse sotaque que não se entende nada de nada. Você é um fotógrafo? Isso eu já sei, meu anjo, me escute, você acha que eu sou cega ou vesga? Se desde que eu te vi com a câmera pendurada no pescoço, eu grudei em você. Claro, coração de melão, eu adoro que tirem fotos minhas! Não, para que você veja, é a primeira vez que um turista tira uma foto minha, um galego. Ah! Você não é galego? E eu posso saber de onde você é, bonitão? Porque extra-terrestre eu sei que não é, que é isso, você não tem nada de marciano. De Portugal, e mora em Paris? Que interessante! Ai, você está um pouco esquisito. Bom, grande coisa, vamos lá, como você quer que eu fique? Já? Nossa, que rápido que você é, nem os *cupets* te atingem! Menino, os *cupets* são os novos postos onde vendem gasolina em dólares. Enfim, não vou fazer você perder tempo com histórias das bandas de lá, olha! Eu sou nascida e criada em um palácio colonial, um palacete, menino! Só que de palácio não ficou nem o nome. Agora se chama solar, bom, para ser mais concreta, na rua Muralla, 160, entre Cuba e San Ignacio. Não posso te mostrar o edifício porque desmoronou, a um milhão de anos, ninguém nem se lembra disso! Eu era assim de pequena. Sabe, a minha avó estava me dando comida, ainda bem que todo mundo estava na rua, trabalhando, ou fazendo tipo! - pois a minha avó se deu conta de que no prato estava caindo cascalho do teto, ela parecia estar endemoniada recolhendo o mais importante, isto é, eu e vinte dólares que tinha comprado no mercado negro; que luz divina a da minha avó, Virgem Milagrosa,

bendito seja São Lázaro! Nem bem saímos do edifício, e cabum! Pó e pedra, nada mais, igualzinho ao Partenon, esse dos gregos que eu vi num livro emprestado. Depois da catástrofe nos abrigaram dois anos; mais tarde, muito mais tarde, nos deram um apartamentozinho, não, ali anda tem gente esperando que lhe dêem casa! Pense só, nesse albergue da rua Monserrate existem mulheres que já se tornaram velhas bêbadas. Nós contamos com a sorte porque a presidenta da associação do bairro é uma tremenda “relações públicas”, e tinha um contacto que resolveu a situação. Nos deram um apartamentozinho, como eu já te disse, muito do modesto, na rua Empedrado, número 505 entre Villegas e Monserrate. A rua Empedrado é famosíssima pela Bodeguita del Medio, aonde nenhum cubano pode ir, se não for acompanhado de um estrangeiro. Porém você não se engane (olho para todos os lados), cuidado aí, este país me priva, aqui somos muito felizes e sempre adiante! Que calor do caramba, porém olhe como tem praias e recifes, as praias para os turistas e os dentes de cachorro para os nativos. Olhe pra lá, ali vem Maruja, a senhora de lenço na cabeça e com bengala, a velhinha da bolsa de compras. É verdade, que idiota, se todas as velhas levam bolsa de compras! Menino, essa que caminha se apoiando na porta de latão do mercadinho. Essa velha é o que existe de mais massa, isto é, super legal. Ela é filha de gente das ilhas, das Canárias, porém nasceu aqui, essa pobre senhora passa a vida nas filas, do quarto para o mercado e do mercado para o quarto. Um dia, parou na esquina, olhou pras profundezas, para o abismo interior da bolsa de compras e duvidou: *Ai, minha mãe, Cristo bendito, que memória a minha, estou já tão esclerosada que já não sei se venho ou volto do mercado.* Como vê já te disse tudo. Que coisa, meu bem, quer mudar o tema? Sim, sim, sim, eu sei que vocês, os fotógrafos se afligem com estes temas. Pra mim, o que me entristece é ver como nas fotos a pobreza fica assim, tão bonita. Não, meu amor, isso eu não nego para você, aqui sim tem pobreza, e muita! Escute bem, tá vendo essa mulher sentada com o cachorro, e o outro tipo que olha pra lá, e o negro bem vestido, a cabeça está branquinha, cheia de cabelos grisalhos? –diga-se de passagem, esse negro deve ser velho pra caramba, porque para que se vejam cabelos brancos em um negro é porque ele é de um século anterior a nossa era-, pois esse conjunto de personagens que você vê, tira fotos deles e tudo mais, e depois você se manda pro teu país, mas o bom da foto, o que você perde, é esse algo a mais que existe da porta pra dentro, por detrás do negô grisalho. Dessa porta para dentro existe uma obscuridade que deixa de cabelo em pé o maior mau caráter. Uma miséria que as favelas venezuelanas ou brasileiras já desejaram! Cala-te boca, ali chegou a rapa, *brigada central*. A propósito, lá onde você vive não colocaram na televisão *Brigada Central*? É um seriado espanhol, onde trabalha Imanol Arias, aquele que fez o Leonardo Gamboa, com Daisy Granados no papel de Cecilia Valdés. Eu o conheci, menino, fica tranqüilo! muito decente! Me deu um autógrafo e tudo mais, na praça da Catedral. Você ficou perdido, não entendeu? Bom, menos fofoca. E qual é essa história desses dois policiais que se aproximam como quem não quer nada? O que é que está pegando, *companheiro*? *Você mesmo, ô da câmara. Aqui tem muita dignidade, se você quer saber. A jovem está te incomodando? Não, porque por aqui*

sobram uma quantidade de rapazes malcriados, escória, já viu! O que disse? uma foto nossa? os dois juntos? Estamos trabalhando e pode nos custar caro, bem, manda ver, vamos rápido, onde nos colocamos? rimos? É melhor não rir. Isso mesmo! E você já sabe, estamos aqui para te servir. Cuba é um eterno verão, venha viver uma tentação. Me deu um não sei o quê, se nota que eles não gostaram que estivesse pendente de você, fotógrafo. Sim, aqui tem muita dignidade, excessiva, sobra, porém a dignidade não se come, meu bem, enfim, o mar... Falemos dos peixes coloridos. Olha para lá, você não pode perder, olha que menininhas tão bonitas, uma no velocípede, e a outra com o cachorrinho do mais lindinho! Ah, você já as tinha visto, claro, o fotógrafo é quem vê mais rápido, mais profundo e melhor. Qualquer pessoa diria: duas típicas meninas de Habana, graciosas, agora mesmo te perguntam as horas, só pra ver se você é estrangeiro, primeiro para pedir chicletes, depois para que você as retire do país... Para que você veja, as pessoas enganam, elas só queriam uma foto, você viu, ainda existem crianças educadas. Eu também sou, que se saiba eu tenho treze anos, nenhum ano a mais, meu bem, e nem sei em que etapa da vida estou, aqui qualquer uma fica mais velha num piscar de olhos, porém ao mesmo tempo não conheço nada da vida. Para mim o mundo é a La Habana Vieja, na verdade Habana Central. Uma vez fui até Vedado, porém o transporte está em chamas, em fogo, bom, não tem quem empate com um “camelo”, nomezinho que demos aos ônibus hoje em dia, bom, tá certo que ele tem dois andares, que nem os camelos tem duas corcovas. A pé? Meu anjo, não existe tanta comida, não existe energia pra tanto! Você sim, que pode, porque está bem nutrido: carnes, vegetais e frutas. Porém aqui a gente nem vê a carne passar. Eu, na minha vida nunca vi uma vaca viva. Ah, não, espera aí! uma vez eu vi uma no noticiário das oito da noite no canal seis. Sim aqui temos somente dois canais, o Seis, que é o da novela, e o Dois, que é o da bola e dos discursos. Desde que eu me lembro por gente, vejo a novela brasileira, é uma coisa que eu adoro, num aparelho de televisão marca Caribe, branco e preto, porém que eu vejo, a se vejo, como não! Em um futuro não muito distante, talvez a minha mãe, ou eu mesma, consigamos uma televisão colorida.. Não, não, não, você não pode me negar, precisa fazer uma foto desse que vem por ali! Te apresento ao meu padrinho, ele é pai de santo, abakuá, e tudo o que você quiser e muito mais, a sua graça tem que se tratar de senhor! Quando precisar ele pode te fazer um bom trabalho, amarrar a tua mulher para que não te deixe nunca, envolver ao teu chefe para que te aumente o salário, o que você pedir por essa boca ele consegue, é um afortunado! Padrinho, não se assuste, quieto aí que vão lhe fotografar, o senhor será exibido no mundo inteiro. *O mundo inteiro, o impossível.* Se distancia indiferente, cantando um bolero, truncando toda a letra. Por ali vai o meu padrinho, ajeitando o boné suado. Vou te contar um pouco de mim, fotógrafo, me fala se te interessa, claro. Eu sempre chamei a atenção por ser uma tremenda festeira, porém sadia, sem fazer mal a ninguém. O que eu gosto é de ficar na rua, matando o tempo, sacaneando, rindo, tipo homem, encostada em qualquer parede vendo os turistas passar. Deve de ser estranhíssimo isso de ser estrangeiro, vocês passa a vida assim, tirando fotos como num filme, sem se preocupar se chegou o ovo, ou se o leite azedou com o

calor e por isso não o venderam. Quando eu era pequena e me perguntavam o que queria ser quando grande, respondia: estrangeira. Às vezes tenho ódio de ser eu, porém outras vezes o que sinto é vontade de continuar aqui, sem fazer nada, olhando todo mundo passar. Estou despenteada? Não, é que não suporto sair desarrumada nas fotos, o que vão dizer depois por aí, olha essa menina com os cachos parados. Eu gosto de me ver bonita nos retratos, acontece o mesmo com as casas, é certo que aqui a cidade está arruinada, porém ainda ficam alguns lugares mais ou menos elegantes. Esta zona que é o centro histórico a restauraram de maneira b-a-s-t-a-n-t-e aconchegante, porém o que está pro lado de lá, pros lados de igreja da Merced, da Muralla até Paula, aquelas ruas: Santa Clara, Luz, Acosta, Jesús Maria, Merced, San Ignacio, Muralla, Inquisidor, Habana, Cuba, Aguacate, Villegas, tudo isso está em ruínas. Estão contando uma piada por aí de que se os americanos decidem bombardear Cuba de uma vez, para que “aquele que você já sabe” não encha a boca pra dizer que os americanos querem nos agredir, e que isso e que mais aquilo. Então enviam um caça-bombardeiro para acabar com a gente, porém no momento de atirar a bomba, o piloto mira a cidade, cutuca com o cotovelo o copiloto perguntando: “Ei, Scott, quem será que passou por aqui antes?” E sem dúvida, a vida tem cada uma, porque afinal de contas a cidade tem uma aparência simpática. Eu já andei tanto por esse bairro que você nem faz idéia, de cabo a rabo, esse menino, não tem família decente nem bandoleiro que eu não conheça. Sou amiga, amiga, nossa! até dos padres da igreja da Merced e do Espírito Santo. Se você soubesse a sorte que dou para as melhores amizades. A minha mãe trabalhava em uma pizzaria que acabam de fechar, na rua Obispo, agora se dedicará a fundar uma Paladar, isto é, uma pizzaria em dólares, semiclandestina. Eu vou ajuda-la, claro. Os materiais? Você quer dizer os ingredientes, que de onde eu vou tira-los? Não pergunte pra mim sobre essas coisas, e eu sei lá? Por aí. Uma vez comi um gato, sem saber, umas almôndegas de miáu. Não, claro que não, meu anjo, os cachorros são sagrados neste país! Você não viu que os cachorros pertencem a São Lázaro, que é um velhinho muito santo, ele é milagroso. Desde que eu existo vou todo dezessete de dezembro ao Rincón, o lugar onde está o santuário do velhinho que me protege, E de joelhos, de j-o-e-l-h-o-s, nada mais! Porque eu sou muito devota. De quem, quem você falou? Por favor, meu anjo, não diga esse nome que atraí má sorte. Eu me considero única e desinteressada devota de Babalú Ayé, que não é outro senão São Lázaro. Ninguém me obrigou, com esse dom se nasce, é muito natural. Aqui quem não tem alguma coisa de congo tem de karabalí. Logo depois você poderá entender que de norte a sul, e que de leste a oeste, pela frente, e por trás dos quatro cantos, todinhos, temos nossa coisa feita, sua questão preparada. O quê? O quanto? Ei, olha que você é divertido! Pois ele, o do comunismo você me falou? Ele, ali, super bem, encantado com a vida, saudável e bem alimentado, como se não fosse nada com ele, fazendo vista grossa. Que outras coisas bonitas poderia te contar? Bom, pra que você leve uma excelente imagem deste país. Já sei! Pois, tenho uma amiguinha que é louca pelo circo, deslumbrada com os palhaços e com os elefantes e com os trapézios e tudo mais. Sim, me confessou que sonha em ser trapezista. Eu,

antes, queria ser ginasta, como aquela, a Nádia Comaneci, lembra dela? Porém fecharam o CB esportivo da rua Mercaderes, as instalações se acabaram por falta de manutenção. Não quero ser ginasta mais. O CB, menino! Você não sabe o que é um CB esportivo? Não, nem pensar, não é se *be*, se escreve C e B. Como, igual a esse cartão? Nunca na minha vida eu tinha visto uma carta tão brilhante. Não seja mentiroso. Que com esse cartãozinho se pode pagar? Que é isso, pare a sua escopeta, não a aproxime de mim, não quero histórias com truques esquisitos! (Agora me afasto, banco a braba, a rebelde, a selvagem, porém esse lance da foto me deixou transtornada; ele para numa esquina, a vizinhança o aborda; fotografa a todos que se metem na frente da lente, depois presenteia com as provas que ficam prontas, alvoroçou o bairro; tirou uma do cara que chamam de cossaco, devido ao chapéu e ao bigodão, o amigo estava na maior bebedeira, com um olho distraído e o outro comendo merda, feio que dói na alma, porém quem iria dizer?, acabou sendo super fotogênico, ficou até bonito; no ponto de ônibus que restou fotografou Pepito, que voltava do hospital com um raio-X dos pulmões na mão, toda a luz do universo atravessava a radiografia; sem brigas e nem delicadeza volto a me pendurar no meu amigo o fotógrafo, aqui estou grudada que nem unha e dedo, porém ele é tão carinhoso, parecia cubano. O quê? Já começou de novo, é um tremendo perguntão.) O que é que eu vou ser quando crescer? (Me prensou na parede, já te contei que me decepcionei com a ginástica olímpica.) Aí menino, ainda tenho tempo, não pensei muito nesse tema. Como sou meio machona talvez eu me dedique a técnica de bicicleta. (De súbito, descubro a Lola, a lavadeira, sentada em um banco cagado pelos rouxinóis do parque da praça de Armas, ali se está mais sozinha que a própria solidão, com uma blusa de lã vermelha, suja de dar dó, com o calor que está fazendo; eu que sempre uso shorts bem curtinhos, na pontinha do traseiro, sem nada pra cima, porque como ainda não me desenvolvi bem. Lola fixa a vista na lua de Valência, anda por Belém com os pastores, acariciando o outro cãozinho abandonado, a quem ela seguramente acaba de recolher, é uma defensora de cachorros.) Pois, olhe o que eu vou te dizer, meu docinho de coco, se a situação ficar mais dura vou lavar roupa pra fora, ou vou olhar pro céus, igual a Lola, ou vou recolher cachorros, ou as três coisas juntas. Você não acha uma boa idéia? Talvez, pensando melhor, se a coisa se ajesta, se muda, bem, quem sabe. Você na verdade tem fé de que isso um dia se arruma? Você acha que eu posso ser fotógrafa um dia? Sim, como você.

TRADUTOR 2

Retrato de uma infância em Havana Velha¹

Zoé Valdés

E por que havia de negar? Sim, sou de Havana Velha, e com muito orgulho, ora, quem disse a vocês que me envergonho da minha origem? Eu pertenço ao centro histórico, ei, você aí, que aconteceu com essa coisa? (Tudo isto eu digo com as mãos nos quadris, uma perna cruzada sobre a outra, o pé descansando, apontado pro chão, um sorriso cubaníssimo, de exportação, meus ombros nus e salientes, desafiantes como os de Cecilia Valdés no romance de Cirilo Villaverde²; a pobre mulata era uma puta do século XIX, lá pela Loma del Ángel; todo o santo tempo empinando ombros, boca e traseiro, olha só, com a dor que isso dá na coluna! Meu caso é um pouquinho diferente, eu não sou cem por cento negra, e muito menos mestiça, nem cabocla, nem loira, nem parda com feições de índia, nem mulata sarará. Pra ser mais exata, eu sou uma salada desse fuzuê todo, e mais). Pois bem, meu filho, do jeitinho que ia te dizendo, eu me criei, desde que abri os olhos pra esse céu azul tropicalíssimo, estes mesmos olhos que um dia a terra há de comer, ei, você, não, caramba!, pois dei meus primeiros passos, engatinhei pelos paralelepípedos da cidade monumento, patrimônio da humanidade e de todas essas baboseiras que a Unesco inventa. É o quê? Ai, fofinho, fale direito, com esse sotaque não há cristão que entenda. Que o senhor é fotógrafo? Isso eu já sei, meu amor, veja bem, você acha que eu sou cega ou zarolha? Imagina, desde que vi você com a máquina pendurada no pescoço fiquei na sua cola. Claro, docinho, eu adoro quando batem fotos de mim! Não, pra você ver, é a primeira vez que um turista, um espanhol³, me fotografa. Aaaah! Então você não é espanhol? E se pode saber de onde você vem, gracinha? Porque de outro planeta é que não, imagina, você de marciano não tem nada. De Portugal e mora em Paris? Isso é demais! Ai, você está meio esquisito. Bom, não tem importância, vamos lá, como você quer que eu fique? Já? Caramba, que rapidez, você nem dá a mínima para os *cupets*! Meu lindo, os *cupets* são os novos postos onde vendem gasolina em verdinhas. Enfim, não vou mais te empalhar com histórias do além, veja bem, eu sou nascida e criada num palácio colonial, um palacete, menino! Mas de palácio (que é bom) já não resta nem o nome. Agora se chama solar, imagina, pra ser mais exata, na rua Muralla, 160, entre Cuba e San Ignacio. Não posso te mostrar o edifício porque ele veio abaixo, faz um tempão, ninguém lembra mais! Eu era desse tamanhinho. Olha, a minha avó estava me dando de comer, não, e menos mal que todo mundo estava na rua, trabalhando, ou fingindo que trabalhava!, então a minha avó percebeu que dentro do prato estava caindo um pozinho do teto e,

¹ N. do T.: No original, *habanaviejera*. Como tal adjetivo não tem equivalente no PB, optou-se por substituí-lo pelo locativo [em Havana Velha].

² N. do T.: *Cecilia Valdés*, editado pela primeira vez em Havana, 1839, tendo sua edição definitiva em 1888, New York.

³ N. do T.: No original, *gallego* [port.: galego, da Galícia], denominação (geralmente pejorativa) que dão os cubanos aos naturais da Espanha, especialmente os turistas. Como no PB não se encontrou equivalente, traduziu-se simplesmente como “espanhol”.

como uma possessa, arrebanhou o mais valioso, quer dizer, eu e vinte verdinhas que ela tinha comprado no mercado negro; que iluminada a minha avó, Virgem Maria, louvado seja São Lázaro! Nem bem saímos do prédio, pimba! Pedra e pó, nada mais, igualzinho ao tal Partenón dos gregos que eu vi num livro emprestado. Depois da tragédia, nos puseram num albergue por dois anos; mais tarde, deram pra nós um apartamentinho, não, mas lá ainda tem gente esperando casa! Imagina, no tal albergue da rua Monserrate tem mulher que ficou caduca de tanto esperar. Nós tivemos sorte porque a síndica é macaca velha e tinha um pistolão que resolveu o problema. E como já disse pra você, nos concederam um apartamentinho, pra lá de modesto, na rua Empedrado número 505 entre Villegas e Monserrate. A rua Empedrado é famosíssima por causa da Bodeguita del Medio, aonde não pode ir nenhum cubano se não estiver com um estrangeiro do lado. Mas não se engane (olho para todos os lados), calma aí, sou louca por este país, aqui somos felizes pra caramba e bola pra frente que atrás vem gente! Faz um calor dos diabos, mas veja como há praias e arrecifes, as praias pros turistas e as pedras pontiagudas pros nativos. Olha lá, aí vem Maruja, a senhora de bengala e lenço na cabeça, a velhinha da sacola¹. Ai, é mesmo, que boba eu sou, todas as velhinhas levam uma sacola! Menino, essa que vem andando apoiada na porta de latão da mercearia. Essa velhota é de morte, quero dizer superlegal. Os pais dela são de uma ilha, das Canárias, mas ela nasceu aqui, a coitada passa a vida nas filas, de casa pra mercearia e da mercearia pra casa. Um dia parou na esquina, olhou bem no fundo, no abismo interior da sacola vazia e ficou na dúvida: “Ai, meu pai, louvado seja Cristo, que memória a minha, já estou tão arteriosclerótica que nem sei mais se estou indo ou voltando do mercado”. Com isso já te digo tudo. O quê, meu querido, que eu mude de assunto? Tá, tá bom, já sei que pra vocês fotógrafos esses assuntos são desagradáveis. O que me deixa triste é ver como nas fotos a pobreza aparece assim, tão bonita. Não, meu amor, isso eu não vou negar, aqui tem pobreza sim, e muita! Escuta, está vendo essa mulher sentada com o cachorro, e o outro tipo que está olhando pro outro lado, e o negro da ponta, de branco, que até a cabeça é toda branquinha? - diga-se de passagem, esse negro deve ser velho pra caramba, porque quando alguém vê cabelo branco num negro é porque ele tem lá seus cem anos - , pois você vê esses personagens reunidos e os fotografa e pronto, e depois volta pro teu país, mas o melhor da foto , o que você acaba perdendo, é esse algo mais que existe da porta pra dentro, por trás da cabeleira branca. Dessa porta pra dentro tem uma penúria que até o mais corajoso fica de cabelo em pé. Uma miséria de fazer inveja a qualquer favela venezuelana ou brasileira! Cála-te boca, que aí vêm os tiras, *brigada central*. A propósito, lá onde você mora passou *Brigada central* na televisão? É uma série espanhola, na qual trabalha Imanol Arias, aquele que fez o Leonardo Gamboa com Daisy Granados no papel de Cecilia Valdés. Eu o conheci, menino fique tranqüilo!, mais decente! O cara me deu autógrafo e tudo, na praça da Catedral. Você ficou meio tenso, não sacou? Bom, agora disfarça.

¹ N. do T.: No original, *jaba*, espécie de cesta típica de Cuba, que é feita com fibra de junco ou palmeira; por extensão, qualquer sacola de tecido, plástico, etc., que se leva à mão. Como se trata de um cubanismo sem equivalente no PB, optou-se por usar uma palavra genérica na tradução.

E qual é a desses dois pê-emes que estão chegando como quem não quer nada? *O que é que há, companheiro? O senhor aí com a maquininha. Saiba que por aqui tem muita dignidade. A moça está incomodando o senhor? Não, é que por aqui está cheio desses jovens malcriados, escória, vai... O que disse, uma foto da gente? Nós dois juntos? Estamos de serviço e isso pode nos custar caro, tudo bem, vamos lá, manda ver rapidinho, como é que a gente sai, sorrindo? Melhor não sorrir. Clic. O senhor já sabe, a gente está aqui para servi-lo. Cuba é um eterno verão, venha viver essa tentação.* Me olharam dos pés à cabeça, nota-se que não gostaram nem um pouco de me ver pendurada em você, fotógrafo. Sim, aqui tem muita dignidade, bastante, de sobra, mas a dignidade não se come, meu bem, enfim, o mar... Falemos dos peixes coloridos. Vire pra lá, não deixe escapar, ai que meninas tão bonitinhas, uma no velocípede, e a outra com um cachorrinho que mais fofo impossível! Ah, você já tinha visto, é claro, o fotógrafo é quem vê mais rápido, mais a fundo e melhor. Qualquer um diria duas típicas garotinhas havanesas, umas gracinhas, agora mesmo vão te perguntar a hora pra ver se você é gringo, primeiro pra te pedir chicletes, e depois pra você tirá-las do país... Pra você ver, as aparências enganam, elas só queriam uma foto, veja só, ainda restam crianças educadas. Eu também sou, que conste que eu tenho 13 anos e nada mais, meu nego, e nem sei em que fase da vida estou, aqui a gente vira coroa num piscar de olhos, mas ao mesmo tempo não conheço nadica da vida. Pra mim o mundo é Havana Velha, no máximo o Centro. Uma vez me desloquei até o Vedado, mas o transporte público está um caco, nas últimas, vai, não tem quem encare um camelo, que é como apelidamos os ônibus hoje em dia. A pé? Meu anjo, não tem gororoba, não tem proteína pra tanto! Você sim que pode porque está bem colocado nas grandes ligas com respeito a carnes, vegetais e frutas. Mas aqui de carne a gente não vê nem a sombra. Eu nunca vi na vida uma vaca em carne e osso. Ah, não, espera aí!: uma vez eu vi uma no telejornal das oito da noite no Canal Seis. Sim, aqui temos somente dois canais, o Seis, que é o da novela, e o Dois, que é o do esporte e dos discursos. Desde que me entendo por gente vejo telenovela brasileira, que eu adoro, num televisor marcar Caribe, em preto-e-branco, mas que eu vejo vejo, é claro! Num futuro não muito distante, quem sabe minha mãe ou eu mesma não conseguimos uma tevê colorida... Não, não, não, isso você não pode me negar, vai ter que bater uma foto desse que vem aí! Te apresento o meu padrinho, ele é pai-de-santo¹, *abakuá*², tudo o que você quiser e muito mais, diante do bastão dele você tem que se ajoelhar! Precisando, ele pode fazer um bom trabalho pra você, amarrar sua mulher pra ela não te deixar nunca, enredar seu chefe pra ele aumentar seu salário, basta abrir a boca e pedir que ele faz, o desgraçado é bom à beça! Padrinho, não se assuste, quieto aí que vão fotografar o senhor, você vai sair publicado no mundo

¹ N. do T. *Palero* no texto original; segundo o Gredos, designa os praticantes da *Regla del Palo*, vertente das religiões afrocubanas. O nome *palero* deriva do objeto — *palo*, bastão — que o padrinho entrega aos iniciados nessa religião.

² N. do T. Mantido no original, uma vez que não há equivalente no PB. *Abakuá*, segundo o Gredos, é cada um dos membros da sociedade *Abakuá*, associação de origem africana formada unicamente por homens, cuja finalidade é a ajuda mútua. O grupo goza de muito prestígio devido ao estrito código de ética entre seus integrantes.

inteiro. *O mundo inteiro, o impossível.* Já se afasta indiferente, cantando um bolero, confundindo a letra. Lá se vai meu padrinho, ajustando o boné suado. Vou contar pra você um pouco de mim, fotógrafo, diga se te interessa, claro. Eu sempre me destaquei por ser uma tremenda baderneira, mas do bem, sem fazer mal a ninguém. O que eu gosto mesmo é de ficar na rua, batendo perna, de sacanagem, rindo, bancando a machona, encostada em qualquer parede vendo os turistas passarem. Deve ser muito esquisito esse negócio de ser estrangeiro, vocês andam pela vida assim, tirando fotos como num filme, sem se preocupar se chegou o ovo, ou se o leite talhou por causa do calor e por isso não despacharam. Ainda pirralha, quando me perguntavam o que é que eu queria ser quando ficasse grande, eu respondia que estrangeira. Algumas vezes odeio ser eu, mas outras o que eu sinto é vontade de ficar aqui, sem fazer nada, olhando todo mundo passar. Estou despenteada? Não, é que eu não suporto sair desarrumada nas fotos, o que vão dizer por aí depois, olha só essa menina do pixaim assanhado. Fico fascinada quando me vejo bonita nos retratos, acontece o mesmo com as casas, é certo que aqui a cidade está em ruínas, mas ainda restam alguns lugares mais ou menos elegantes. O que hoje é a zona do centro histórico foi restaurada de maneira b-a-s-t-a-n-t-e acolhedora, mas o que fica daí pra fora, pros lados da igreja da Merced, de Muralla em direção a Paula, que são as ruas Santa Clara, Luz, Acosta, Jesús María, Merced, San Ignacio, Muralla, Inquisidor, Habana, Cuba, Aguacate, Villegas, tudo isso está em ruínas. Está rolando por aí uma piada que diz que os americanos decidiram de uma vez por todas bombardear Cuba, sim, para que Quem Você Sabe não encher mais a boca dizendo que os americanos querem nos agredir e que isto e aquilo outro. Então eles enviam um caça-bombardeiro para acabar com a gente, mas na hora de lançar a bomba, o piloto olha a cidade, dá uma cotovelada no co-piloto e pergunta: “Oh, Scott, quem será que chegou antes de nós?” E no entanto, a vida tem cada coisa, porque apesar disso tudo a cidade brilha em toda sua simpatia. Você não faz a mínima idéia de quanto eu já perambulei por este bairro, de cabo a rabo, menino, não tem família decente nem bandido que eu não conheça. Sou cupincha, camarada, vai, até dos padres da igreja da Merced e do Espírito Santo. Se você soubesse a sorte que eu tenho para as grandes amizades. Minha mãe trabalhava numa pizzaria que acabam de fechar, na rua Obispo, agora está empenhada em fundar uma Paladar, quer dizer, uma pizzaria em dólares, semi-clandestina. Vou ajudá-la, é lógico. Os materiais? Os ingredientes você quer dizer, de onde eu vou tirar? A mim é que não me venha perguntar sobre o assunto, eu sei lá. Me viro. Uma vez comi gato, sem saber, umas almôndegas de miau. Não, nem pensar, meu lindo, os cães são sagrados neste país! Você não vê que os cães pertencem a São Lázaro, que é um velhinho muito santo, milagreiríssimo. Desde que me entendo por gente eu vou todo dia dezessete de dezembro ao Rincón, onde fica o santuário do meu velhinho protetor, e de joelhos, de j-o-e-l-h-o-s, nem mais nem menos! Porque mais devota do que eu impossível. De quem, quem você mencionou? Por favor, meu querido, não pronuncie esse nome que dá azar. Eu me considero única e desinteressadamente devotíssima de Obaluaê, que não é outro senão São Lázaro. Ninguém me obrigou a isso, a gente já nasce com esse dom, é muito

natural. *Aquí el que no tiene de congo tiene de karabalí*¹. De imediato você poderá entender que em todo o comprimento e largura desta ilhota, pela frente, por trás e pelos quatro lados, pra nós todinhos a coisa já está feita, as perguntas prontas. O quê? O comu-quê? Olha, você é muito engraçado! Pois ele, foi comunismo que você falou? Ele tá aí, melhor impossível, feliz da vida, saudável e alimentadíssimo, como se não tivesse nada a ver, fazendo vista grossa. Que outras coisas bonitas podia te contar? Ora, pra você levar consigo uma excelente imagem deste país. Já sei! Pois tenho uma amiguinha que morre de amores pelo circo, é fascinada pelos palhaços e pelos elefantes e pelos trapézios e pela coisa toda. Sim, me confessou que sonha ser trapezista. Eu, antes, queria ser ginasta, como aquela, a Nadia Comaneci, lembra dela? Mas fecharam o CV esportivo² da rua Mercaderes, as instalações apodreceram pela falta de manutenção. Não quero mais ser ginasta. O CV, filhinho! Você não sabe o que é um CV esportivo? Não, de jeito nenhum, não é se vê, se escreve C e V. Como, igual a esse cartão? Nunca na vida eu tinha visto um assim tão brilhoso! Não me venha com esa. Que com esse cartãozinho se pode pagar? Imagina, sai fora, pra lá com isso, não quero saber desses negócios esquisitos. (Agora me afasto, bancando a brava, a rebelde, a fera, mas esse lance da foto me deixa transtornada; ele pára numa esquina, a vizinhança o aborda; fotografa a todos os que se põem na frente da lente, depois dá de presente as provas que vão saindo, fez um alvoroço no bairro; tirou uma do sujeito a quem chamam de cossaco, graças ao chapéu e ao bigodão, o camarada estava no maior porre, com um olho parado e o outro dando voltas, mais feio que o diabo chupando manga, mas quem diria? , no final das contas era superfotogênico, ficou bonito e tudo; na única parada de ônibus que restou, ele fotografou Pepito, que estava voltando do hospital com uma chapa dos pulmões na mão, a luz inteira do universo atravessando essa radiografia; sem o menor pudor me agarro outra vez com meu amigo fotógrafo, aqui estou, grudada feito musgo, mas ele é dos mais carinhosos, passaria por cubano. O quê? (Já começou de novo, é um tremendo perguntador.) O que no fim das contas eu vou ser quando crescer? (Me pôs na berlinda, eu já disse a ele que me decepcionei com a ginástica.) Ai, menino, ainda tenho tempo, não esquento muito a cabeça com esse assunto. Como sou meio machona talvez até me dedique a consertar bicicletas. (De repente, percebo Lola, a lavadeira, sentada num banco cagado pelos melros do parque da Praça de Armas, aí está mais solitária que a própria solidão, com um sueterzinho vermelho, sujo que dá nojo, com esse calor; eu é que sempre ando com shorts bem curtinhos, com a bunda quase à mostra, sem nada pra cima, porque ainda não estou bem desenvolvida. Lola está olhando pro nada, no mundo da lua, enquanto acaricia outro cachorrinho abandonado, que certamente

¹ N.do T. Mantemos no original por tratar-se de fragmento de um poema do escritor cubano Nicolás Guillén, no qual se faz referência ao fato de que em Cuba todos têm algo de negro no sangue. Congo e karabalí eram duas das tribos africanas de onde vieram os negros levados a Cuba como escravos.

² N. do T. No original está *CB deportivo*, porém após consultar informanteS cubanos fomos informados de que na verdade é *CV deportivo*, *Centro Vocacional Deportivo* (ou *Complejo Vocacional Deportivo*), uma espécie de ginásio poliesportivo, com muitas instalações e quadras para prática de esportes. Atribuímos o uso de CB a uma confusão “ortográfica” da personagem, já que a pronúncia das consoantes B e V em espanhol às vezes se confundem.

acabou de recolher, ela é louca por cachorro). Então, escute o que eu vou dizer, fofinho, se a situação ficar ainda pior eu também vou começar a lavar pra fora, ou a ficar olhando pro céu, como Lola, ou a apanhar cachorros, ou as três coisas juntas. Você não acha uma boa idéia? Talvez, pensando melhor, se derem uma arrumada aqui, se as coisas mudarem, vai, quem sabe. Você realmente tem fé em que isto vai tomar jeito algum dia? Você acha que eu poderei chegar a ser uma fotógrafa? Sim, como você.

TRADUTOR 3

Retrato de uma infância havanavelheira

Zoé Valdés

Vou negar por quê? Sou daqui da Havana Velha sim, e com muita honra, puxa vida. Quem foi que falou pra vocês que vou ter vergonha das minhas origens? Pertença ao centro histórico, e daí, o que é que você tem com isso? (Digo tudo isso com as mãos na cintura, uma perna cruzada sobre a outra, o pé estendido descansando, um sorriso cubaníssimo, de exportação, os ombros descobertos e acentuados para frente, desafiantes como os de Cecilia Valdés na novela de Cirilo Villaverde; a pobre mulatona foi uma prostituta do século XIX, lá na Lombada do Anjo; o tempo todo empinando os ombros, a boca e a bunda, nossa que dor que isso dá no pescoço! Meu caso é um pouco diferente, não sou totalmente negra, nem tampouco parda, nem índia, nem loira, nem trigueira com jeito de índia, nem nada. Sou é uma salada de todo esse bafafá, mais alguma coisa.) Isso mesmo, filhinho, do jeitinho que tava te dizendo, me criei, desde que abri os olhos para o céu azul tropicalíssimo, estes olhinhos que a terra há de comer, ai, isola! Pois dei meus primeiros passos, engatinhei pelos paralelepípedos da cidade monumento, patrimônio da humanidade e essas sacanagens todas que a Unesco inventa. Que que é? Ai, amor, fala mais claro, que não dá pra entender bulhufas com esse sotaque. Que você é fotógrafo? Isso eu já tô sabendo, amor da minha vida, tá achando que sou cega ou zarolha? Claro, desde que te vi com a câmera pendurada no pescoço fiquei vidrada em você. Claro, meu chuchu, adoro ser fotografada ! Não, pra você ver, é a primeira vez que um turista, um galego, tira uma foto minha . Ah! Você não é galego? E a gente pode saber de onde é que você vem, amorzinho? Porque extraterrestre você não é, não tem nem um tiquinho de marciano. De Portugal e mora em Paris? Essa é de arrasar! Você é bem estranhinho, hem? Bom, não tem importância, vamos lá, como é que você quer que eu fique? Já? Opa, como você é rápido, nem os cupês ganham de você! Filhote, os cupês são os postos novos, superbacanas, onde a gasolina é vendida em dólares. Enfim, não vou te atrasar mais com contos do além, olha só, sou nascida e criada num palácio colonial. Num palacete, menino! Mas de palácio não ficou nem o nome. Agora se chama solar, vá lá, para ser mais exata, na rua Muralha 160, entre Cuba e Santo Inácio. Não posso te mostrar o edifício porque foi derrubado, faz um montão de anos, ninguém nem se lembra mais disso. Eu era bem pequenininha. Olha, minha avó estava me dando comida, e ainda bem que tava todo mundo na rua, trabalhando, ou fingindo trabalhar...Então minha avó percebeu que tava caindo uma coisa parecida com um farelinho do teto no prato, e como uma endemoniada foi pegando o principal, isto é, eu e vinte dólares que tinha comprado no mercado negro; que luz teve minha avó, Virgem Milagrosa, louvado seja São Lázaro! Nem bem saímos do edifício e bum! Nada mais do que pedra e pó, igualzinho a esse Partenão dos gregos que vi num livro emprestado. Depois da catástrofe colocaram a gente num albergue por dois anos; mais tarde, bem mais tarde, nos deram um apartamentinho. Não, ainda

sobrou gente que tá esperando uma casa! Só pra você ver, nesse albergue da rua Monserrate tem umas mulheres que viraram prostitutas velhas. Nós demos sorte porque a presidente do conselho de moradores é uma tremenda raposa e tinha um contato que resolveu a nossa vida. Deram pra gente um apartamentinho, como já te disse, muito modesto, na rua Empedrado número 505, entre Villegas e Monserrate. A rua Empedrado é muito famosa por causa da Bodeguinha do Meio, restaurante onde cubano só entra quando vai junto com estrangeiro. Mas não pense coisas erradas (olho para todos os lados), muito cuidado aí, este país me alucina! Aqui somos felizes da vida e eia avante! Faz um calor do cão, mas como há praias e recifes, as praias ficam pros turistas e as rochas pontudas pros nativos. Chega pra lá, aí vem a Maruja, aquela senhora com o lenço na cabeça e de bengala, a velhinha da cesta. Ai, é verdade, que tonta! Todas as velhas estão com cestas! Menino, essa que anda se apoiando na porta de latão da bodega. Essa velhota é a mais zelosa, quer dizer, superdiligente. É filha de ilhéus, daqueles das Canárias, mas a pobre nasceu aqui e passa a vida inteira nas filas, do quarto à bodega e da bodega ao quarto. Um dia parou na esquina, olhou pra profundidade, pro abismo interior da cesta vazia e duvidou: *Ai minha nossa senhora, Cristo bendito, que memória a minha, estou tão esclerosada que nem sei mais se estou indo ou vindo do mercado.* Com isso te disse tudo. O quê, meu coração? Quer que mude de tema? Não tem problema, sei que vocês fotógrafos detestam esses temas. O que me entristece é ver como nas fotos a pobreza é vista assim, tão bonita. Não, meu amor, isso não vou negar, aqui há pobreza sim, e muita! Presta atenção, tá vendo essa mulher sentada com o cachorro, e o outro cara que olha pra lá, e o negro vestido nos trinquês que tem até a cabeça toda branquinha? - diga-se de passagem, esse negro deve ser velho pra caramba, porque quando um negro fica de cabelos tão brancos é porque é de um século antes da nossa era -, pois você vê e fotografa esse conjunto de personagens e depois se manda pro seu país, mas o bom da foto, o que você perde, é esse algo mais que tem da porta pra dentro, atrás do nicho envelhecido. Dessa porta pra dentro o que tem é uma escuridão de arrepiar qualquer um. Uma miséria de fazer inveja nas favelas venezuelanas ou brasileiras! Cala-te boca, chegou a viatura da polícia, a brigada central. A propósito, onde você mora passou *Brigada central* na televisão? É um seriado espanhol, onde Imanol Arias trabalha, aquele que fez Leonardo Gamboa com Daisy Granados fazendo Cecilia Valdés. Eu fiquei cara a cara com ele, não se espante! Deu um autógrafo pra mim e tudo, na praça da Catedral. Ficou boiando, não entendeu? Bom, esquece. E qual é a história com esses dois policiais que se aproximam como quem não quer nada? *Que está havendo, companheiro? Você mesmo, com a câmara. Fique sabendo que aqui é um lugar de muita dignidade. A jovem está perturbando o senhor? Não, porque o que não falta aqui é gente malcriada, uma escória... Como disse, uma foto nossa? Os dois juntos? Estamos trabalhando e isso pode nos custar caro, bom, tira rápido. Como é que a gente fica? Rindo? Melhor não rir. Manda ver. O senhor já sabe, estamos aqui para servi-lo. Cuba é um eterno verão, venha viver uma tentação.* Deram uma olhada torta pro meu lado, dá pra ver que não gostaram de me ver pendurada em você, fotógrafo. É, neste lugar há muita dignidade, demais da

conta, mas dignidade não se come, coração, enfim, o mar...Falemos dos peixes coloridos. Aponta pra lá, não perca essas, que menininhas tão gracinhas, uma no velocípede, e a outra com o cachorrinho lindo de morrer! Ah, essas você já tinha visto, claro, o fotógrafo é o que vê mais rápido, mais fundo e melhor. Qualquer um diria que são duas típicas havaneirinhas, lindinhas e, daqui a pouco, perguntam a hora pra ver se você é gringo, primeiro pra pedir chicletes e depois pra conseguir sair do país... Pra você ver, a gente se engana, elas só queriam uma foto, ainda tem criança educada. Eu também sou assim, fique sabendo que só tenho treze anos, meu coração, e nem sei em que etapa da vida eu tô, aqui a gente fica caquética num piscar de olhos mas, ao mesmo tempo, não conheço nada da vida. Pra mim o mundo é Havana Velha, no máximo o centro de Havana. Uma vez fui até o Vedado, mas o transporte está um horror, em pandarecos, não há quem consiga um camelo, que é como chamamos os ônibus hoje em dia. A pé? Amor, não tem sustança, não tem proteína pra isso! Você sim pode ir porque está bem colocado nas grandes ligas no que diz respeito a carnes, vegetais e frutas. Mas aqui a gente nem vê passar a carne. Eu, em toda minha vida, não vi uma única vaca viva. Não, espera aí! Uma vez vi uma no noticiário das oito da noite que passa no Canal Seis. Isso, temos por aqui somente dois canais, o Seis, que é o da novela, e o Dois, que é o da bola e dos discursos. Desde que faço uso da razão vejo as telenovelas brasileiras, é uma coisa que me alucina, num televisor da marca Caribe, em preto e branco, mas que vejo vejo! Claro! Num futuro não muito distante, quem sabe minha mãe, ou eu mesma, arranje um aparelho a cores... Não, de jeito nenhum você vai me negar isso, tem que bater uma foto desse que vem aí! Apresento o meu padrinho a você, ele é o pai de santo, abakuá, tudo o que você quiser e muito mais, você é que tem que dizer pra ele qual é a sua precisão! Ele pode te fazer um trabalho bom, amarrar sua mulher para que nunca te deixe, envolver seu chefe para que aumente o seu salário, o que você pedir por essa boca, ele consegue, não dá mancada! Padrinho, não se assuste, quieto aí que vão te retratar, você vai sair publicado no mundo inteiro. *O mundo inteiro, o impossível.* Agora se afasta indiferente, cantando um bolero, fazendo confusão com a letra. Aí vai meu padrinho, ajustando seu gorro suado. Vou te contar um pouco sobre mim, fotógrafo, fala se isso te interessa, claro. Sempre me destaquei por ser uma tremenda bandoleira, mas do bem, sem prejudicar ninguém. Gosto de ficar na rua, vagabundeando, sacaneando, rindo, assim de machona, encostada em qualquer parede vendo passar os turistas. Deve ser muito estranho isso de ser estrangeiro, vocês levam a vida assim, tirando fotos como num filme, sem se preocupar se chegou o ovo, ou se o leite estragou por causa do calor e não foi despachado. Quando era pequena e me perguntavam o que queria ser quando crescesse, respondia que queria ser estrangeira. Às vezes detesto ser quem sou, mas outras o que sinto é vontade de continuar aqui, sem fazer nada, só vendo todo mundo passar. Estou despenteada? Não, é que não suporto sair desarrumada nas fotos, o que dirão depois por aí, olha essa garota com a carapinha arrepiada. Adoro me ver bonita nos retratos, do mesmo jeito que as casas, é verdade que aqui a cidade está em frangalhos, mas ainda restam alguns lugares mais ou menos elegantes. Esta zona do centro histórico eles

restauraram de modo muito acolhedor, mas daqui pra lá, pro lado da Igreja das Mercês, da Muralha indo pra rua Paula e nas ruas Santa Clara, Luz, Acosta, Jesus Maria, Mercês, Santo Inácio, Muralha, Inquisidor, Habana, Cuba, Aguacate, Villegas, tudo isso está em ruínas. Uma piada que contam por aí é a seguinte: os americanos decidem bombardear Cuba de uma vez por todas, para que Aquele não fique mais enchendo a boca pra dizer que os americanos querem nos atacar e coisa e tal. Então enviam um caça-bombardeiro pra acabar com a gente, mas no momento de atirar a bomba o piloto olha na direção da cidade, e dá uma cotovelada no co-piloto perguntando: “Scott, quem será que chegou na nossa frente?”. E no entanto, a vida tem cada coisa, porque mesmo assim a cidade se exhibe bem bonitona. Eu andei por este bairro de um jeito que você não tem nem idéia, de cabo a rabo, por esta criança, não tem família decente nem marginal que eu não conheça. Sou sócia, parceira, vá lá, até dos padres da Igreja das Mercês e do Espírito Santo. Se você soubesse a sorte que tenho pra fazer amizade com gente importante... Minha mãe trabalhava numa pizzaria que acabam de fechar, na rua Bispo, agora vai se dedicar a fundar um Paladar, que é uma pizzaria em dólares, semiclandestina. Claro que vou ajudar. Os materiais? Está querendo dizer, os ingredientes, de onde vou tirar? Não vem perguntar logo pra mim, como é que vou saber? De algum lugar. Uma vez comi gato, sem saber, umas almôndegas de bichano. Não, isso é que não, amor da minha vida, os cachorros são sagrados neste país! Fique você sabendo que os cachorros pertencem a São Lázaro, que é um velhinho muito santo, muito milagrento. Desde que me entendo por gente vou todo dezessete de dezembro ao Rincão, onde fica o santuário do velhinho que me protege. E de joelhos, de j-o-e-l-h-o-s, sim senhor! Porque sou muito devota. De quem, de quem, você falou? Por favor, coração, não pronuncia esse nome que dá azar. Eu me considero única e desinteressada devota de Babalé Ayé, que é o próprio São Lázaro. Ninguém me obrigou, a pessoa nasce com esse dom, é muito natural. Aqui quem não veio de uma tribo africana veio da outra. E aí você pode concluir que por todos os lados desta ilhazinha, de trás pra frente e nos quatro cantos, todos temos a coisa feita, sua questão preparada. O quê? O comu-das quantas? Olha, você é bem engraçado! Então é isso, você disse o comunismo? Vai muito bem, feliz da vida, saudável e bem alimentado, como se não fosse com ele, fazendo vista grossa. Que outras coisas lindas posso te contar? Poxa, para você levar uma excelente imagem deste país. Já sei! Tenho uma coleguinha que morre de amores pelo circo, é apaixonada pelos palhaços, pelos elefantes, trapézios e todo o resto. Sim, já me confessou que quer ser trapezista. Antes, eu queria ser ginasta como aquela uma, a Nadia Comaneci, lembra dela? Mas fecharam o CB esportivo da rua Mercedes, as instalações se ferraram por falta de manutenção. Agora não quero mais ser ginasta. O CB, menino! Você não sabe o que é um CB esportivo? Não, de jeito nenhum, não é se vê, a gente escreve assim, C e B. Como, igual a esse cartão? Nunca vi na minha vida toda um cartão tão brilhante. Não seja mentiroso. Tá me dizendo que dá para pagar as coisas com esse postalzinho? Ah, vai amolar outro! Não quero saber de histórias com truques esquisitos! (Agora me afasto, fingindo-me de brava, rebelde, mas essa coisa da foto me deixou transtornada; ele pára numa esquina,

o pessoal o aborda; retrata todos que ficam na frente da lente, depois dá de presente as provas que vão saindo, fez um alvoroço no bairro; tirou uma do sujeito que chamam de cossaco, por causa do chapéu e do bigodão, o camarada estava num porre danado, com um olho aberto e o outro fechado, feio de doer mas, quem diria? Acabou saindo muito fotogênico, ficou bonito e tudo; na parada de ônibus que ainda restou fotografou Pepito, que voltava do clínico com uma chapa dos pulmões na mão, toda a luz do universo atravessava a radiografia; sem me conter nem me fazer de rogada grudo de novo no meu amigo fotógrafo, cá estou eu, grudada como uma meleca, mas ele é carinhoso que só, parece até cubano. O quê? Já começou de novo, é um grande perguntador.) Ah, filhinho, ainda tenho tempo, não parei pra pensar nesse assunto. Como sou um pouco machona quem sabe me dedico à técnica da bicicleta. (De repente, descubro Lola, a lavadeira, sentada num banco cheio de cocô dos sabiás do parque da Praça de Armas, aí está, sozinha da silva, com um sueterzinho vermelho, sujo de dar dó, com o calor que está fazendo; eu sempre ando de short bem curtinho, com as nádegas aparecendo, sem nada por cima, porque ainda nem me desenvolvi bem. Lola fixa a vista no infinito, passeia por Belém com os pastores, acariciando outro cachorrinho abandonado, a quem acaba certamente de recolher, nunca vi gostar tanto de cachorro assim). Pois, olha o que vou te dizer, meu docinho de coco, se a situação fica mais difícil, também vou começar a lavar pra fora, ou a olhar pras nuvens, como Lola, ou a recolher cachorros, ou as três coisas juntas. Você não acha que é uma boa idéia? Talvez, pensando melhor, quem sabe as coisas se ajeitam, mudam, poxa, quem sabe. Você acha de verdade que isso vai se arrumar algum dia? Acredita que posso chegar a ser fotógrafa? Sim, como você.

TRADUTOR 4

Retrato de uma infância havana-velhense

Zoé Valdés

E por que eu iria negar? É, sou mesmo de Havana Velha, e com muita honra, pô, quem foi que disse que eu iria me envergonhar das minhas origens? Pertencço ao Centro Histórico, e daí, qual é o problema? (Falo tudo isso de mãos na cintura, uma perna cruzada em cima da outra, o pé apoiado na ponta, um sorriso cubaníssimo, de exportação, os ombros nus e acentuados para a frente, desafiantes como o da Cecília Valdés no romance de Cirilo Villaverde; a coitada da mulatona foi uma piranha do século XIX, lá na Loma del Ángel; o tempo todinho empinando os ombros, a boca e a bunda, nossa mãe!..., que dor que isso dá na cervical. O meu caso é um pouco diferente, não sou totalmente negra, nem sequer mulatinha, nem oriental, nem loura, nem trigueira cara de índia, nem sarará de olhos claros. Sou mais uma mistura de toda essa confusão, e de muitas coisas mais. É isso aí, menino, como estava dizendo agorinha mesmo, eu me criei, desde que abri os olhos para o tropicalíssimo céu azul, estes meus olhinhos que a terra há de comer, sai pra lá, belzebu!, dei meus primeiros passos, engatinhei nos paralelepípedos da cidade monumento, patrimônio da humanidade e todas essas besteiras que a Unesco inventa. Como é que é? Puxa, queridinho, fala claro, com este sotaque não te entendo chongas. Que você é fotógrafo? Já sei disso, meu bem, está achando que sou cega ou vesga? Desde que te vi com a máquina pendurada no pescoço grudei em você. Claro, claro, meu docinho de coco, eu adoro que me tirem fotos! Não, imagina só, é a primeira vez que sou fotografada por um turista, um hispano. Ah, você não é espanhol? E pode-se saber de onde você vem, coisinha linda? Porque extra-terrestre não é, na-na-ni-na-não, você não tem nadinha de marciano. É português, e mora em Paris? Isso é ótimo! Ei, você está meio estranho. Tudo bem, não interessa, então como quer que eu fique? Está bem assim? Nossa, como você é rápido, nem os *cupets* te superam, os *cupets* são esses postos novos que vendem gasolina em dólar. Enfim, não vou te prender mais com histórias do além, veja só, sou nascida e criada num palácio colonial, um palacete, menino! Mas de palácio já não resta nem o nome. Agora se chama solar, sabe, e para ser mais concreta fica na rua Muralla nº 160, entre as ruas Cuba e San Ignacio. Não posso te mostrar o prédio porque ruiu há um bocado de anos, ninguém se lembra mais dele! Eu era pequenininha assim. Minha avó estava me dando comida, viu, e ainda bem que todo mundo estava na rua, trabalhando ou fingindo que trabalhava, então minha avó percebeu que uma espécie de poeirinha estava caindo do teto e em dois tempos juntou o principal, quer dizer, eu e vinte dólares que tinha comprado no mercado negro; que inspiração a vovó teve, virgem da Milagrosa, abençoado seja São Lázaro! Assim que saímos do prédio, cataplum! Só pedra e poeira, mais nada, igualzinho àquele Partenon lá dos gregos que eu vi num livro emprestado. Depois do desastre nos meteram dois anos num albergue; mais tarde, muito mais tarde, deram um apartamentinho pra gente, mas ainda tem gente esperando pra

receber casa! Imagina só, nesse albergue da rua Monserrate tem mulheres que viraram velhas corocas. Nós tivemos a maior sorte porque a presidente da associação de moradores é a maior dedo-duro e tinha um contato que resolveu a nossa parada. Deram pra nós um apartamentinho, conforme já te falei, muito modestinho, na rua Empedrado número 505, entre a Villegas e a Monserrate. A Empedrado é famosíssima por causa da Bodeguita del Medio, onde nenhum cubano pode ir se não estiver com um estrangeiro. Mas não me venha com idéias esquisitas (olho para os dois lados), cuidadinho aí, eu adoro este país, aqui somos felizes pra caramba e coisa e tal. Faz um calor do caralho, mas olha com tem praias e recifes, as praias pros turistas e as espinhas de peixe pros nativos. Olha pra lá, está chegando a Maruja, aquela senhora de lenço na cabeça e bengala, a velhinha de sacola. Ah, é mesmo, que besteira!, todas as velhas andam com uma sacola na mão! É aquela ali, rapaz, que vem caminhando apoiada na porta de latão da venda. Essa velhota é super maneira, quer dizer, legal pra caramba. Ela é filha de ilhéus, gente das Canárias, mas nasceu aqui, e a coitada passa a vida nas filas, vai do quarto para a venda e volta para o quarto. Um dia parou na esquina, olhou para as profundezas, o abismo interior da sacola vazia e vacilou: “Ai, minha mãe do céu, Cristo bendito, que memória a minha, já estou tão arteriosclerótica que nem sei mais se estou indo ou voltando das compras!” Com isso já disse tudo. O que foi, meu coração, quer que eu mude de assunto? Sim, tudo bem, eu já sei que vocês, fotógrafos, detestam essas coisas. O que me deixa triste é ver como a pobreza fica tão bonita nas fotos. Não, meu amor, isso eu não vou negar, aqui tem mesmo pobreza, e muita! Olha só, você está vendo aquela mulher sentada com o cachorro, e aquele outro sujeito olhando pra lá, e o negro todinho vestido de branco, de alto a baixo, até a cabeça dele é branquinha? – aliás, esse negro deve ser velho pra caramba, porque pra topar com um negro de cabelo branco deve ser de um século antes da nossa era __, pois você vê esse conjunto de personagens, tira fotos deles e depois, pronto, se manda de volta para o teu país, mas o melhor da foto, o que você acaba perdendo, é aquele negócio a mais que tem da porta pra dentro, atrás do topete grisalho. Nesse da porta pra dentro tem uma escuridão que deixa qualquer um de cabelo em pé. Uma miséria de fazer inveja às favelas venezuelanas ou brasileiras! Bico calado, que chegaram os tiras, *brigada central*. Aliás, lá onde você mora não passaram “Brigada Central” pela televisão? É um seriado espanhol, onde trabalha Imanol Arias, aquele que Leonardo Gamboa interpretou com Daisy Granados fazendo o papel de Cecilia Valdés. Eu conheci o cara, fica quieto, rapaz! cadê a decência? Ele me deu um autógrafo e tudo, na praça da Catedral. Você ficou por fora, não entendeu nadinha do que eu falei? Tudo bem, deixa pra lá. E qual será o lance destes dois policiais que estão se aproximando de mansinho? “O que houve, companheiro? Você mesmo, o da câmera. É bom ficar logo sabendo que aqui tem muita dignidade. Esta moça está perturbando? É, porque aqui tem montes de garotões malcriados, vagabundagem, sabe? Como? Quer tirar uma foto de nós dois? Os dois juntos? Olha, estamos trabalhando e isso pode nos custar caro, mas tudo bem, manda brasa, rápido, como a gente se coloca, temos que rir? Não, não, é melhor não rir. *Clic!* Bem, então já sabe, qualquer coisa que

precisar, estamos aqui. Cuba é um eterno verão, venha viver a tentação". Pra mim eles reviraram os olhos, nota-se que não gostaram de me ver pendurada em você, fotógrafo. É, aqui tem muita dignidade, demasiada, de sobra, mas a dignidade não se come, meu amor, enfim, o mar...Vamos falar de peixinhos coloridos. Aponta a lente pra lá, não perde a chance, olha só que meninas bonitinhas, uma no velocípede, a outra com o cachorrinho que é uma fofura! Ah, você já tinha visto, claro, claro, o fotógrafo é aquele que vê mais rápido, mais profundo e melhor. Qualquer pessoa diria que elas são duas típicas meninas de Havana, engraçadinhas, já-já te perguntam a hora para ver se você é gringo, primeiro pedem chicletes, depois pedem para tirá-las do país... Mas, veja só como a gente se engana, elas só queriam uma foto, viu?, ainda restam crianças educadas. Eu também sou, é bom saber que só tenho 13 anos, meu bem, e nem sei em que etapa da vida estou, aqui a gente vira adulta num piscar de olhos, mas ao mesmo tempo não sei nadinha da vida. Pra mim o mundo é a Havana Velha, no máximo Centro Havana. Uma vez fui até o Vedado, mas o transporte está um inferno, impossível, não dá pra pegar um camelo, que é o nomezinho que deram agora para os ônibus. A pé? Amorzinho, não há recheio, não há proteínas pra tanto! Você pode, porque você está no primeiro time em matéria de carnes, vegetais e frutas. Mas por aqui, nem cheiro de carne. Eu nunca vi uma vaca viva, na minha vida todinha. Ah, não, espera aí: uma vez vi uma no noticiário das 8, no Canal Seis. É, porque aqui só temos dois canais, o Seis, que é o da novela, e o Dois, que é o da bola e dos discursos. Desde pequenininha vejo novela brasileira, é uma coisa que eu curto, numa tevê marca Caribe, em branco e preto, mas vejo mesmo, por que não? Num futuro não muito distante, talvez minha mãe, ou quem sabe eu mesma, consiga um aparelho em cores... Não, não, não, isso você não pode me negar, tem que tirar uma foto daquele homem que vem ali! Te apresento o meu padrinho, ele é da Conga, abakuá, tudo o que você imaginar e muito mais, tem que tratar esse homem com respeito! Se você precisar, ele pode te fazer um bom trabalho, amarrar tua mulher pra que ela nunca te largue, enrolar teu chefe pra aumentar o teu salário, o que você pedir ele consegue, é um danadinho! Padrinho, não se assusta, fica quieto aí que sua foto vai ser publicada no mundo inteiro. *O mundo inteiro, o impossível.* E lá vai ele, indiferente, cantando um bolero, misturando a letra. Lá vai o meu padrinho, ajeitando o gorro todo suado na cabeça. Vou te contar mais um pouco de mim, fotógrafo, se te interessar, é claro. Eu sempre me destaquei por ser uma tremenda patoteira, mas do bem, sem fazer mal a ninguém. O que eu gosto mesmo é de ficar na rua, fazendo molecagem, sacaneando os outros, rindo, dando uma de garoto, recostada numa parede qualquer pra ver os turistas passarem. Deve ser esquisito esse negócio de ser estrangeiro, vocês passam a vida assim, tirando fotos como se fosse num filme, sem se preocupar se o ovo já chegou ou se o leite estragou por causa do calor e por isso não puseram à venda. Quando eu era pequena e me perguntavam o que queria ser quando crescesse, respondia que queria ser estrangeira. Às vezes detesto ser eu, mas outras vezes o que sinto mesmo é vontade de continuar aqui, sem fazer nada, olhando todo mundo passar. Será que estou despenteada? É que não suporto aparecer desarrumada nas fotografias, o que vão falar depois, olha só aquela

menina com o cabelo pra cima. Eu adoro me ver bonitinha nos retratos, é igual ao que acontece com as casas, a cidade aqui está toda esculhambada, com certeza, mas ainda tem alguns lugares mais ou menos elegantes. Esta região do centro histórico foi restaurada de maneira b-a-s-t-a-n-t-e aconchegante, mas um pouco mais pra lá, até em volta da igreja da Mercê, da rua Muralla até a Paula, as ruas Santa Clara, Luz, Acosta, Jesús María, Merced, San Ignacio, Muralla, Inquisidor, Habana, Cuba, Aguacate e Villegas, todo isso está em ruínas. Corre por aí uma piada, dizem que os americanos resolveram bombardear Cuba de uma vez, já mesmo, pra que Aquele Que Você Sabe não fique por aí dizendo que os americanos querem nos agredir e coisa e tal. Então mandam um caça bombardeiro pra acabar com a gente, mas na hora de jogar a bomba o piloto olha pra cidade, cutuca o co-piloto com o cotovelo e pergunta: “Oh, Scott, quem foi que chegou aqui antes da gente?” E no entanto, a vida tem cada coisa, porque mesmo assim a cidade está uma simpatia. Eu já palmilhei tanto este bairro que você nem faz idéia, de cabo a rabo, menino, não tem família decente nem malandro que eu não conheça. Sou amigona, chapa até dos padres da Igreja da Mercê e do Espírito Santo. Se você soubesse como sou boa pras amizades. Minha mãe trabalhava numa pizzaria que acabou de fechar, na rua Obispo, e agora vai abrir uma Paladar, quer dizer, uma pizzaria em dólares, semiclandestina. Claro que eu vou ajudar. A matéria prima? Os ingredientes, você quer dizer, de onde vou tirar? Nem me pergunte sobre isso, não faço a menor idéia. Vou arranjar por aí. Uma vez comi gato sem saber, umas almôndegas de miau. Ah, não!, isso é que não, benzinho, os cachorros são sagrados neste país! Os cachorros pertencem a São Lázaro, que é um velhinho muito santo, milagrosíssimo. Desde que me entendo por gente vou todo dia 17 de dezembro ao Rincón, onde fica o santuário do velhinho que me protege. E de joelhos, de j-o-e-l-h-o-s meeeeeesmo, porque sou devota até dizer chega. De quem, de quem foi que você falou? Por favor, querido, não pronuncie este nome, que dá azar. Eu me considero, exclusiva e desinteressadamente, devotíssima de Babalú Ayé, que é o próprio São Lázaro. Ninguém me obrigou a ser devota dele, isso é de nascença, coisa muito natural. Aqui, quem não é de congo é de karabalí. Você vai perceber já-já que nesta ilhota, de uma ponta até a outra, todo mundo tem sua coisa feita, seus trabalhos preparados. O quê? O comu-quê? Ah, você é mesmo engraçado! Foi dele, do comunismo, que você falou? Ele está ótimo, numa boa, saudável e bem-nutrido, como se não fosse com ele, bancando o distraído. Que outras coisas bacanas posso te contar? Quer dizer, pra você ter uma ótima imagem deste país? Ah, já sei! Tenho uma amiga que é doida por circo, vive maravilhada pelos palhaços, os elefantes, os trapezistas e coisa e tal. É, ela me confessou que sonha com ser trapezista. Eu antes queria ser ginasta, como aquela Nádia Comaneci, sabe quem é? Mas fecharam o CB esportivo da rua Mercaderes, as instalações ruíram por falta de manutenção. Agora não quero mais ser ginasta. O CB, rapaz! Você não sabe o que é um CB esportivo? Não nada disso, não é se vê, escreve-se C e B. Como é que é?, igualzinho a este cartão? Eu nunca tinha visto um cartão tão brilhante. Não seja mentiroso, garotão. Quer dizer que dá pra pagar coisas com este plastiquinho? Sai pra lá, deixa de onda, não me venha com conversa fiada! (Agora saio de

perto, bancando a zangada, a rebelde, a valentona, porque essa história de fotografia me deixa maluca; ele pára numa esquina, o pessoal vai em cima; tira fotos de todo mundo que se mete na frente da câmera, depois distribui as imagens que vão saindo, já tumultuou o bairro inteirinho; tirou uma daquele cara que chamam de cossaco, por causa do chapéu e do bigodão, o sujeito estava num porre total, com um olho na terra e outro no mundo da lua, mais feio que bunda de mico, mas, quem diria, acontece que era superfotogênico, ficou bonito e tudo; no último ponto de ônibus remanescente fotografou o Pepito, que estava voltando da policlínica com uma chapa dos pulmões na mão, toda a luz do universo atravessava a radiografia; sem prudências nem resmungos eu torno a me pendurar no meu amigo fotógrafo, e aqui estou grudada nele que nem meleca, mas ele é supercarinhoso, até parece que é cubano. O quê, o quê? Já começou de novo, é um tremendo mexeriqueiro). Quer saber o que eu vou ser afinal quando crescer? (Me deixou numa sinuca, já contei pra ele que me decepcionei com a ginástica). Ah, menino, ainda falta muito tempo, não esquentei a cabeça com essa história. Como sou meio mulher-macho, quem sabe viro técnica de bicicleta. (De repente descubro Lola, a lavadeira, sentada num banco cagado pelos tordos do parque da praça de Armas, está mais sozinha que a solidão, com um casaquinho vermelho, sujo de dar dó, com o calor que está fazendo; eu sempre estou com um short bem curtinho, mostrando a ponta da bunda, sem nada pra cima porque ainda não estou bem desenvolvida. A Lola fixa a vista na lua de Valência, anda em Belém com os pastores, fazendo carinho em outro cachorro abandonado, que na certa ela acabou de acolher, é uma protetora incrível de animais). Então presta a atenção no que vou te falar, meu docinho de coco, se a coisa piorar para o meu lado vou acabar também lavando pra fora, ou de mãos abanando, igualzinho à Lola, ou cuidando de cachorros, ou as três coisas juntas. Você não acha boa idéia? Quem sabe, pensando melhor, se a situação endireitar, mudar, sei lá. Você acredita mesmo que as coisas vão consertar algum dia? Acha que eu posso chegar a ser fotógrafa? É, que nem você.

ANEXO D: TABELA DE EXEMPLOS

Zoé	Tradutor-1	Tradutor-2	Tradutor-3	Tradutor-4
¿Y por qué tendría que negarlo?	E por que deveria de negar?	E por que havia de negar?	Vou negar por quê?	E por que eu iria negar?
vaya	claro	ova	puxa vida	pô
jinetera	prostituta	puta	prostituta	piranha
culo	ancas	traseiro	bunda	bunda
cervical	cervical	coluna	pescoço	cervical
cuarterona	cabocla	mestiça	parda	mulatinha
china	oriental	cabocla	índia	oriental
rubia	loira	loira	loira	loura
trigeña aindiá	trigueira tipo índia	parda com feições de índia	trigueira com jeito de índia	trigueira cara de índia
jabá	parda	mulata sarará	nem nada	sará de olhos claros
ajiaco	mistura	salada	salada	mistureba
rebumbio	confusão	fuzuê	bafafá	confusão
mi niño	minha criança	meu filinho	filinho	menino
ay, tú, no, solavaya	ah, você não, Deus nos livre	ei, você, não, caramba	ai, isola	sai pra lá, belzebú
sanacás	baboseiras	baboseiras	sacanagens	besteiras
¿Que qué?	E daí?	É o quê?	Que que é?	Como é que é?
ay, mijito	ai, meu filho	ai, fofinho	ai, amor	puxa, queridinho
no se entiende ni pitoche	não se entende nada de nada	não há cristão que entenda	não dá para entender bulhufas	não te entendo chongas
¿usted es fotógrafo?	Você é fotógrafo?	O senhor é fotógrafo?	Você é fotógrafo?	Você é fotógrafo?
mi vida linda	meu anjo	meu amor	amor da minha vida	meu bem
corazón de melón	coração de melão	docinho	meu chuchu	meu docinho de côco

turista / gallego / gallego	turista / galego / galego	turista / espanhol* / espanhol	turista / galego / galego	turista / hispano / espanhol
cosita rica	bonitão	gracinha	amorzinho	coisinha linda
¡eso está fuerte!	que interessante!	isso é demais!	essa é de arrasar!	isso é ótimo!
contrá, ni los cupets te hacen ná	nossa, e nem os cupets te atingem	caramba, você nem dá a mínima para os cupets	opa, nem os cupês ganham de você	nossa, nem os cupets te superam
niño	menino	meu lindo	filhote	—
en un	em um	num	num	num
solar	solar	solar	solar	solar
concreta	concreta	exata	exata	concreta
se derrumbó	desmoronou	veio abaixo	foi derrubado	ruiu
hace un tongón de años	a um milhão de anos	faz um tempão	faz um montão de anos	há um bocado de anos
quién se acuerda de aquello	ninguém nem se lembra disso	ninguém lembra mais	ninguém nem se lembra mais disso	ninguém se lembra mais dele
boronilla	cascalho	pozinho	farelinho	espécie de poeirinha
y cual endemoniá recogió lo principal	ela parecia estar endemoniada recolhendo o mais importante	como uma possessa arrebanhou o mais valioso	como uma endemoniada foi pegando o principal	em dois tempos juntou o principal
virgen de la Milagrosa	Virgem Milagrosa	Virgem Maria	Virgem Milagrosa	virgem da Milagrosa
alabao	bendito	louvado	louvado	abençoado
nos albergaron	nos abrigaram	nos puseram num albergue	colocaram a gente num albergue	nos meteram dois anos num albergue
esperando porque le den casa!	esperando que lhe dêem casa!	esperando casa!	esperando uma casa!	esperando para receber casa!
hay mujeres que se han hecho viejas pellejas.	existem mulheres que já se tornaram velhas bêbadas.	tem mulher que ficou caduca.	tem umas mulheres que viraram prostitutas velhas.	tem mulheres que viraram velhas corocas.

la presidenta del consejo de vecinos es tremenda chivatona y tenía un contacto que nos resolvió.	a presidente da associação do bairro é uma tremenda "relações públicas" e tinha um contato que resolveu a situação.	a síndica é macaca velha e tinha um pistolão que resolveu o problema.	a presidente do conselho de moradores é uma tremenda raposa e tinha um contato que resolveu a nossa vida.	a presidente da associação de moradores é a maior dedo-duro e tinha um contato que resolveu a nossa parada.
Pero no te vayas a equivocar	Porém você não se engane	Mas não se engane	Mas não pense coisas erradas	Mas não me venhas com idéias esquisitas
cuidadito ahí, a mí me priva este país,	cuidado aí, este país me priva	calma aí, sou louca por este país	muito cuidado aí, este país me alucina!	cuidadinho aí, eu adoro este país,
¡aquí somos requetefelices y palante y palante!	Aqui somos muito felizes e sempre adelante!	Aquí somos felizes pra caramba e bola pra frente que atrás vem gente!	Aquí somos felizes da vida e eia avante!	Aquí somos felizes pra caramba e coisa e tal!
Hece un calor del carajo, pro mira cómo hay playas y arrecifes,	Que calor do caramba, porém olhe como tem praias e recifes,	Faz um calor dos diabos, mas veja como ha praias e arrecifes,	Faz um calor do cão, mas como ha praias e recifes,	Faz um calor do caralho, mas olha como tem praias e recifes,
las playas para los turistas y los dientes e'perro para los nativos.	as praias para os turistas e os dentes de cachorro para os nativos.	as praias pros turistas e as pedras pontiagudas pros nativos.	as praias ficam pros turistas e as rochas pontudas pros nativos.	as praias pros turistas e as espinhas de peixe pros nativos.
Pinta pallá,	Olhe pra lá,	Olha lá,	Chega pra lá,	Olha pra lá,
la viejita de la jaba.	a velinha da bolsa de compras,	a velinha da sacola, (colocou nota de rodapé)	a velinha da cesta,	a velinha de sacola,
la puerta de latón de la bodega.	porta de latão do mercadinho.	porta de latão da mercearia.	porta de latão da bodega.	porta de latão da venda.
Esa viejuca es de lo más mortalítica, quiere decir superchévere .	Essa velha é o que existe de mais massa, isto é, super legal.	Essa velhota é de morte, quero dizer superlegal.	Essa velhota é a mais zelosa, quer dizer, superdiligente.	Essa velhota é super maneira, quer dizer, legal pra caramba.

hija de isleños, de los de Canarias,	filha de gente das ilhas, das Canárias,	os pais delas são de uma ilha, das Canárias,	é filha de ilhéus, daqueles das Canárias,	é filha de ilhéus, gente das Canárias,
del cuarto a la bodega	do quarto para o mercado	de casa pra mercearia	do quarto à bodega	do quarto para a venda
arteriosclerótica	esclerosada	arteriosclerótica	esclerosada	arteriosclerótica
mi chino,	meu bem,	meu querido,	meu coração,	meu coração,
a ustedes los fotógrafos les amargan estos temas	vocês, os fotógrafos se afligem com estes temas	pra vocês fotógrafos esses assuntos são desagradáveis	vocês fotógrafos detestam esses temas	vocês, fotógrafos, detestam essas coisas
¿ves al negro de punta en blanco que hasta la cabeza la tiene blanquita en canas?	tá vendo o negro bem vestido, a cabeça está branquinha, cheia de cabelos grisalhos?	está vendo o negro da ponta, de branco, que até a cabeça é toda branquinha?	tá vendo o negro vestido nos trinques que tem até a cabeça toda branquinha?	você está vendo o negro todinho vestido de branco, de alto a baixo, até a cabeça dele é branquinha?
pues ese conjunto de personajes tú los ves y los fotografías y ya, y luego te largas a tú país,	pois esse conjunto de personagens que você vê, tira fotos deles e tudo mais, e depois se manda pro teu país,	pois você vê esses personagens reunidos e os fotografa e pronto, e depois volta pro teu país,	pois você vê e fotografa esse conjunto de personagens e depois se manda pro seu país,	pois você vê esse conjunto de personagens, tira fotos deles e depois, pronto, se manda de volta para o teu país,
detrás del niche canoso.	por detrás do nêgo grisalho.	por trás da cabeleira branca.	atrás do nicho envelhecido.	atrás do topete grisalho.
hay una lobredez que le para los pelos de punta al más pinto.	existe uma obscuridade que deixa de cabelo em pé o maior mau caráter.	tem uma penúria que até o mais corajoso fica de cabelo em pé.	tem é uma escuridão de arrepiar qualquer um.	tem uma escuridão que deixa qualquer um de cabelo em pé.
Una miseria que ya quisieran las favelas venezolanas o brasileñas	Uma miséria que as favelas venezuelanas ou brasileiras já desejaram!	Uma miséria de fazer inveja a qualquer favela venezuelana ou brasileira!	Uma miséria de fazer inveja nas favelas venezuelanas ou brasileiras!	Uma miséria de fazer inveja às favelas venezuelanas ou brasileiras!
Cállate boca, ahí llegó la fiana	Cala-te boca, ali chegou a rapa	Cála-te boca, que aí vêm os tiras	Cala-te boca, chegou a viatura da polícia	Bico calado, que chegaram os tiras

donde actúa Imanol Arias, el que hizo de Leonardo Gamboa con Deisy Granados haciendo de Cecilia Valdés	onde trabalha Imanol Arias, aquele que fez o Leonardo Gamboa, com Daisy Granados no papel de Cecilia Valdés	na qual trabalha Imanol Arias, aquele que fez o Leonardo Gamboa com Deisy Granados no papel de Cecilia Valdés	onde Imanol Arias trabalha, aquele que fez o Leonardo Gamboa com Daisy Granados fazendo Cecilia Valdés	onde trabalha Imanol Arias, aquele que fez o Leonardo Gamboa interpretou com Daisy Granados fazendo o papel de Cecilia Valdés
Yo lo conocí, ¡niño, estate tranquilo!, ¡más decente!	Eu o conheci, menino, fica tranquilo! muito decente!	Eu o conheci, menino, fique tranquilo!, mais decente!	Eu fiquei cara a cara com ele, não se espante!	Eu conheci o cara, fica quieto rapaz! cadê a decência!
Me firmó un autógrafo y todo	Me deu um autógrafo e tudo mais	O cara me deu um autógrafo e tudo	Deu um autógrafo pra mim e tudo	Ele me deu um autógrafo e tudo
¿Te quedaste botao, no entendiste? Bueno, desmaya el chisme	Você ficou perdido, não entendeu? Bom, menos fofoca	Você ficou meio tenso, não sacou? Bom, agora disfarça	Ficou boiando, não entendeu? Bom, esquece	Você ficou por fora, não entendeu nadinha do que eu falei? Tudo bem, deixa pra lá
¿Qué sucede, compañero? Usted mismo, el de la camarita. Aquí hay mucha dignidad pa que lo vaya sabiendo. ¿La joven lo está molestando? No, porque por acá pululan una cantidad de muchachos malcriados, escoria, vaya... ¿Cómo dijo, una foto de nosotros? ¿Los dos juntos? Estamos	O que é que está pegando, companheiro? Você mesmo, ô da câmara. Aqui tem muita dignidade, se você quer saber. A jovem está te incomodando? Não, porque aqui sobram uma quantidade de rapazes malcriados, escória, já viu! O que disse? uma foto nossa? os dois juntos? Estamos trabalhando e pode nos	O que é que há, companheiro? O senhor aí, com a maquininha. Saiba que por aqui tem muita dignidade. A moça está incomodando o senhor? Não, é que por aqui está cheio desses jovens malcriados, escória, vai... O que disse, uma foto da gente? Nós dois juntos? Estamos de serviço e iso pode nos custar caro, tudo bem,	Que está havendo, companheiro? Você mesmo, com a câmara. Fique sabendo que aqui é um lugar de muita dignidade. A jovem está perturbando o senhor? Não, porque o que não falta aqui é gente malcriada, uma escória... Como disse, uma foto nossa? Os dois juntos? Estamos trabalhando e isso pode nos custar caro, bom tira rápido. Como é que a gente fica? Rindo? Melhor não rir. Manda ver. O senhor já sabe,	O que houve, companheiro? Você mesmo, o da câmara. É bom ficar logo sabendo que aqui tem muita dignidade. Esta moça está perturbando? É, porque aqui tem montes de garotões malcriados, vagabundagem, sabe? Como? Quer tirar uma foto de nós dois? Os dois juntos? Olha, estamos trabalhando e isso pode nos custar caro, mas tudo bem, manda brasa, rápido, como a gente se coloca, temos que rir? Não,

trabajando y nos puede costar caro, bien, dale, métele ahí rápido, ¿cómo nos colocamos, nos reímos? Mejor no nos reímos. Chácata. Ya usted sabe, aquí estamos para servirle. Cuba es un eterno verano	custar caro, bem, manda ver, vamos rápido, onde nos colocamos? rimos? É melhor não rir. Isso mesmo! E você já sabe, estamos aqui para te servir. Cuba é um eterno verão, venha viver uma tentação	vamos lá, manda ver rapidinho, como é que a gente sai, sorrindo? Melhor não sorrir. Clic. O senhor já sabe, a gente está aqui para servi-lo. Cuba é um eterno verão, venha viver essa tentação.	estamos aqui para servi-lo. Cuba é um eterno verão, venha viver uma tentação.	não, é melhor não rir. Clic! Bem, então já sabe, qualquer coisa que precisar, estamos aqui. Cuba é um eterno verão, venha viver a tentação.
A mí me han dado un revirón de ojos	Me deu um não sei o quê	Me olharam dos pés à cabeça	Deram uma olhada torta pro meu lado	Pra mim eles reviraram os olhos
se ve que	se nota que	nota-se que	dá pra ver que	nota-se que
apunta pallá, no te las pierdas	olha para lá, você não pode perder	vire pra lá, não deixe escapar	aponta pra lá, não perca essas	aponta a lente pra lá, não perde a chance
la otra con perrito de lo más chulo!	a outra com o cachorrinho do mais lindinho	a outra com um cachorrinho que mais fofo impossível	a outra com o cachorrinho lindo de morrer	a outra com o cachorrinho que é uma fofura
ah, ya las habías visto	ah, você já as tinha visto	ah, você já tinha visto	ah, essas você já tinha visto	ah, você já tinha visto
dos típicas habaneritas, graciositas, ahorita te preguntan la hora	duas típicas meninas de Habana, graciosas, agora mesmo te preguntam as horas	duas típicas garotinhas havanesas, umas gracinhas, agora mesmo vão te perguntar a hora	duas típicas havaneirinhas, lindinhas, e, daqui a pouco, perguntam a hora	duas típicas meninas de Havana, engraçadinhas, já-já te preguntam a hora
luego que las saques del país	depois para que você as retire do país	depois para você tirá-las do país	depois pra conseguir sair do país	depois pedem para tirá-las do país
la gente engaña	as pessoas enganam	as aparências enganam	a gente se engana	a gente se engana
todavía quedan niños educados	ainda existem crianças educadas	ainda restam crianças educadas	ainda tem criança educada	ainda restam crianças educadas

que se sepa que tengo treze años nada más	que se saiba eu tenho treze anos, nenhum ano a mais	que conste que eu tenho 13 anos e nada mais	fique sabendo que só tenho treze anos	é bom saber que só tenho 13 anos
mi chino	meu bem	meu nego	meu coração	meu bem
en qué etapa de la vida estoy	em que etapa da vida estou	em que fase da vida estou	em que etapa da vida eu tô	em que etapa da vida estou
aquí una se hace tembona en un pestañazo	aqui qualquer uma fica mais velha num piscar de olhos	aqui a gente vira coroa num piscar de olhos	aqui a gente fica caquética num piscar de olhos	aqui a gente vira adulta num piscar de olhos
no conozco na de la vida	não conheço nada da vida	não conheço nadica da vida	não conheço nada da vida	não sei nadinha da vida
Pa mí el mundo es La Habana Vieja, cuanto más Centro Habana	Para mim o mundo é a La Habana Vieja, na verdade Habana Central	Pra mim o mundo é Havana Velha, no máximo o Centro	Pra mim o mundo é Havana Velha, no máximo o Centro de Havana	Pra mim o mundo é a Havana Velha, no máximo Centro Havana
el transporte está en llamas, en candela, vaya,	o transporte está em chamas, em fogo, bom,	o transporte público está um caco, nas últimas, vai	o transporte está um horror, em pandarecos,	o transporte está um inferno, impossível,
no hay quien se empate con un camello	não tem quem empate com um "camelo"	não tem quem encare um camelo	não há quem consiga um camelo	não dá pra pegar um camelo
nombrete que les hemos puesto a las guaguas en la actualidad	nomezinho que demos aos ônibus hoje em dia, bom, tá certo que ele tem dois andares, que nem os camelos tem duas corcovas	que é como apelidamos os ônibus hoje em dia	que é como chamamos os ônibus hoje em dia	que é o nomezinho que deram agora para os ônibus
mi cielo, no hay jama	meu anjo, não existe tanta comida	meu anjo, não tem gororoba	amor, não tem sustança	amorzinho, não há recheio
tú sí que puedes porque tú estás ranqueo en las grandes ligas con	você sim, que pode, porque está bem nutrido: carnes	você sim que pode porque está bem colocado nas grandes ligas com respeito a carnes	você sim pode ir porque está bem colocado nas grandes ligas no que diz respeito a carnes	você pode, porque você está no primeiro time em matéria de carnes

respecto a carnes				
pero aqui una ni ve pasar la carne	porém aqui a gente nem vê a carne passar	mas aqui de carne a gente não vê nem a sombra	mas aqui a gente nem vê passar a carne	mas por aqui, nem cheiro de carne
Yo, en la vida he visto una vaca viva.	Eu, na minha vida nunca vi uma vaca viva.	Eu nunca vi na vida uma vaca em carne e osso.	Eu, em toda minha vida, não vi uma única vaca viva.	Eu nunca vi uma vaca viva na minha vida todinha.
y el Dos, que es el de la pelota y los discursos	e o Dois, que é o da bola e dos discursos	e o Dois, que é o do esporte e dos discursos	e o Dois, que é o da bola e dos discursos	e o Dois que é o da bola e dos discursos
es una cosa que me priva.	é uma coisa que eu adoro.	que eu adoro	é uma coisa que me alucina	é uma coisa que eu curto
en un televisor	num aparelho de televisão	num televisor	num televisor	numa tevê
de que la veo la veo, ¡cómo no!	que eu vejo, a se vejo, como não!	que eu vejo vejo, é claro!	mas que vejo vejo! Claro!	mas vejo mesmo, por que não?
Te presento a mi padrino	Te apresento ao meu padrinho	Te apresento o meu padrinho.	Apresento o meu padrinho a você.	Te apresento o meu padrinho.
él es palero, abakuá, y todo lo que tú quieras y mucho más	ele é pai de santo, abakuá, e tudo o que você quiser e muito mais	ele é pai-de-santo *, abakuá*, tudo o que você quiser e muito mais	ele é o pai de santo, abakuá, tudo o que você quiser e muito mais	ele é da Conga, abakuá, tudo o que você imaginar e muito mais
¡a su prenda hay que decirle usted!	a sua graça tem que se tratar de senhor!	diante do bastão dele você tem que se ajoelhar!	você é que tem que dizer pra ele qual é a sua precisão!	tem que tratar esse homem com respeito
cuando lo necesites él te puede hacer un buen trabajo	quando precisar ele pode te fazer um bom trabalho	precisando, ele pode fazer um bom trabalho pra você	Ele pode te fazer um trabalho bom.	Se você precisar, ele pode te fazer um bom trabalho
amarrar a tu mujer pa que no te deje nunca,	amarrar a tua mulher para que não te deixe nunca,	amarrar sua mulher pra ela não te deixar nunca,	amarrar sua mulher pra que nunca te deixe,	amarrar tua mulher pra que ela nunca te largue,
envolver a tu jefe	envolver ao teu chefe	enredar seu chefe	envolver seu chefe	enrolar teu chefe
¡es un puñetero volao!	é um afortunado!	o desgraçado é bom à beça!	não dá mancada!	é um danadinho!

lo van a retratar,	vão lhe fotografar,	vão fotografar o senhor,	vão te retratar,	—
vas a salir publicao en el mundo entero	o senhor será exibido no mundo inteiro	você vai sair publicado no mundo inteiro	você vai sair publicado no mundo inteiro	sua foto vai ser publicada no mundo inteiro,
trafucándole la letra	truncando toda a letra	confundindo a letra	fazendo confusão com a letra	misturando a letra
ajustándose la gorra sudá.	ajeitando o boné suado	ajustando o boné suado	ajustando seu gorro suado	ajeitando o gorro todo suado na cabeça
por ser tremenda pandillera	por ser uma tremenda festeira	por ser uma tremenda bardeneira	por ser uma tremenda bandoleira	por ser uma tremenda patoteira
pero sana, sin hacerle daño a nadie	porém sadia, sem fazer mal a ninguém	mais do bem, sem fazer mal a ninguém	mais do bem, sem prejudicar ninguém	mais do bem, sem fazer mal a ninguém
a mi lo que me gusta es	o que eu gosto é de	o que eu gosto mesmo é de	gosto de	o que eu gosto mesmo é de
mataperreando, jodiendo, riéndome, de marimacha	matando o tempo, sacaneando, rindo, tipo homem	batendo perna, de sacanagem, rindo, bancando a machona	vagabundeando, sacaneando, rindo, assim de machona	fazendo molecagem, sacaneando os outros, rindo, dando uma de garoto
viendo a los turistas pasar	vendo os turistas passar	vendo os turistas passarem	vendo passar os turistas	prá ver os turistas passarem
o que si la leche se cortó con el calor y por eso no la despacharon	ou se o leite azedou com o calor e por isso não o venderam	ou se o leite talhou por causa do calor e por isso não despacharam	ou se o leite estragou por causa do calor e não foi despachado	ou se o leite estragou por causa do calor e por isso não puseram à venda
odio ser yo	tenho ódio de ser eu	odeio ser eu	detesto ser quem sou	detesto ser eu
con las pasas paradas	com os cachos parados	do pixaim assanhado	com a carapinha arrepiada	com o cabelo pra cima
es cierto que aquí la ciudad está desbaratá, pero todavía quedan	é certo que aqui a cidade está arruinada, porém ainda ficam	é certo que aqui a cidade está em ruínas, mas ainda restam	é verdade que aqui a cidade está em frangalhos, mas ainda restam	a cidade aqui está toda esculhambada, com certeza, mas ainda tem
Lo que es esta zona del casco histórico la han restaurado	Esta zona que é o centro histórico a restauraram	O que hoje é a zona do centro histórico foi restaurada	Esta zona do centro histórico eles restauraram	Esta região do centro histórico foi restaurada

pa envuelta de la iglesia	pros lados de igreja	pros lados da igreja	pro lado da Igreja	até envolta da igreja
pa que Quien Tú Sabes no se llene más la boca	para que "aquele que você já sabe" não encha a boca	para que Quem Você Sabe não encher mais a boca	para que Aquele não fique mais enchendo a boca	pra que Aquele Que Você Sabe não fique por aí dizendo
el piloto mira para la ciudad	o piloto mira a cidade	o piloto olha a cidade	o piloto olha na direção da cidade	o piloto olha pra cidade
¿quién se nos habrá adelantado?	quem será que passou por aqui antes?	quem será que chegou antes de nós?	quem será que chegou na nossa frente?	quem foi que chegou aqui antes da gente?
Y sin embargo	e sem dúvida	e no entanto	e no entanto	e no entanto
porque así y todo la ciudad luce simpaticona	porque a final de contas a cidade tem uma aparência simpática	porque apesar disso tudo a cidade brilha em toda a sua simpatia	porque mesmo assim a cidade se exhibe bem bonitona	porque mesmo assim a cidade está uma simpatia
Yo he chancleteao este barrio que tu no tienes ni una idea, de cabo a rabo, este niño, no hay familia decente ni bandolero que yo desconozca	Eu já andei tanto por esse bairro que você nem faz idéia, de cabo a rabo, esse menino, não tem família decente nem bandoleiro que eu não conheça	Você não faz a mínima idéia de quanto eu já perambulei por este bairro, de cabo a rabo, menino, não tem família decente nem bandido que eu não conheça	Eu andei por este bairro de um jeito que você não tem nem idéia, de cabo a rabo, por esta criança, não tem família decente nem marginal que eu não conheça	Eu já palmilhei tanto este bairro que você nem faz idéia, de cabo a rabo, menino, não tem família decente nem malandro que eu não conheça
Soy socia, ambia, vaya, hasta de los curas	Sou amiga, amiga, nossa! até dos padres	Sou cupincha, camarada, vai, até dos padres	Sou sócia, parceira, vá lá, até dos padres	Sou amigona, chapa, até dos padres
Si supieras la suerte que tengo para las amistades mayores	Si você soubesse a sorte que dou para as melhores amizades	Se você soubesse a sorte que eu tenho para as grandes amizades	Se você soubesse a sorte que tenho para fazer amizade com gente importante	Se você soubesse como sou boa pras amizades
que acaban de cerrar	que acabam de fechar	que acabam de fechar	que acabam de fechar	que acabou de fechar
ahora se dedicará a fundar	agora se dedicará a fundar	agora está empenhada em fundar	agora vai se dedicar a fundar	agora vai abrir

La ayudaré, por supuesto	Eu vou ajuda-la, claro	Vou ajudá-la, é lógico	Claro que vou ajudar	Claro que eu vou ajudar
¿que de dónde voy a sacarlos?	que de onde eu vou tirá-los?	de onde eu vou tirar?	de onde vou tirar?	de onde vou tirar?
yo qué sé. De por ahí.	e eu sei lá? Por aí.	eu sei lá. Me viro.	como é que vou saber? De algum lugar.	não faço a menor idéia. Vou arranjar por aí.
En una acasión comi gato	Uma vez comi um gato	Uma vez comi gato	Uma vez comi gato	Uma vez comi gato
albóndigas de miau.	almôndegas de miau	almôndegas de miau	almôndegas de bichano	almôndegas de miau
No, ahí sí que no, mi vida linda	não, claro que não, meu anjo	não nem pensar, meu lindo	não isso é que não, amor da minha vida	ah, não! Isso é que não, benzinho
Tú no ves que los perros pertenecen a san Lázaro	Você não viu que os cachorros pertencem a São Lázaro.	Você não vê que os cães pertencem a São Lázaro.	Fique você sabendo que os cachorros pertencem a São Lázaro.	Os cachorros pertencem a São Lázaro.
milagrosísimo o él.	ele é milagroso.	milagreiríssimo.	muito milagrento.	milagrosíssimo.
¡Y de rodillas, de ro-di-llas, ni ná ni ná.	E de joelhos, de j-o-e-l-h-o-s, nada mais.	E de joelhos, de j-o-e-l-h-o-s, nem mais nem menos.	E de joelhos, de j-o-e-l-h-o-s, sim senhor.	E de joelhos, de j-o-e-l-h-o-s meeeeeemo.
Porque yo soy de lo más devota.	porque eu sou muito devota.	porque mais devota do que eu impossível.	porque sou muito devota.	porque sou devota até dizer chega.
cariño	meu anjo	meu querido	coração	querido
que trae mala suerte	que atrai má sorte	que dá azar	que dá azar	que dá azar
Yo me considero única y desinteresadamente devotísima de Babalú Ayé.	Eu me considero única e desinteressadamente devota de Babalú Ayé.	Eu me considero única e desinteressadamente devotíssima de Obaluaê.	Eu me considero única e desinteressadamente devota de Babalé Ayé.	Eu me considero, exclusiva e desinteressadamente, devotíssima de Babalú Ayé.
com ese don se nace,	com esse dom se nasce,	a gente já nasce com esse dom	a pessoa nasce com esse dom	isso é de nascença
Aquí el que no tiene de congo tiene de karabalí.	Aqui quem não tem alguma coisa de congo tem de karabalí.	<i>Aquí el que no tiene de congo tiene de karabalí.*</i>	Aqui quem não veio de uma tribo africana veio da outra	Aqui, quem não é de congo é de karabalí.

Acto seguido podrás interpretar	logo depois você poderá entender	de imediato você poderá entender	e aí você pode concluir	você vai perceber já-já
que a todo lo largo y ancho de esta islita	que de norte a sul, que de leste a oeste	que em todo o comprimento e largura desta ilhota	que por todos os lados dessa ilhazinha	que nesta ilhota
por delante, por detrás y por los cuatro costados	pela frente, e por trás dos quatro cantos	pela frente, por trás e pelos quatro lados	de trás pra frente e nos quatro cantos	de uma ponta até a outra
toditos tenemos nuestra cosa hecha, su cuestión preparada.	todinhos, temos nossa coisa feita, sua questão preparada	pra nós todinhos a coisa já está feita, as perguntas prontas	todos temos a coisa feita, sua questão preparada	todo mundo tem sua coisa feita, seus trabalhinhos preparados
¿El qué? ¿El comu-cuánto?	O quê? O quanto?	O quê? O comu-quê?	O quê? O comu-das quantas?	O quê? O comu-quê?
¡Oye, mira que tú eres cómico!	Ei, olha que você é divertido!	Olha, você é muito engraçado!	Olha, você é bem engraçado!	ah, você é mesmo engraçado!
Pues él, ¿el comunismo me dijiste?	Pois ele, o do comunismo você me falou?	Pois ele, foi comunismo que você falou?	Então é isso, você disse o comunismo?	foi dele, do comunismo, que você falou?
Él, ahí, de lo más bien, encantado de la vida.	Ele, alí, superbem, encantado com a vida.	Ele tá aí, melhor impossível, feliz da vida.	Vai muito bem, feliz da vida.	Ele está ótimo, numa boa.
¿Que otras cosas lindas podría contarte? Vaya, para que te lleves una excelente imagen	Que outras coisas bonitas poderia te contar? Bom, pra que você leve uma excelente imagem.	Que outras coisas bonitas podia te contar? Ora, pra você levar consigo uma excelente imagem.	Que outras coisas lindas posso te contar? Poxa, pra você levar uma excelente imagem.	Que outras coisas bacanas posso te contar? Quer dizer, pra você ter uma ótima imagem.
vive muerta con el circo,	é louca pelo circo,	morre de amores pelo circo,	morre de amores pelo circo,	é doida por circo,
encandilada con los payasos	deslumbrada com os palhaços	é fascinada pelos palhaços	é apaixonada pelos palhaços	vive maravilhada pelos palhaços
y todo cuento	e tudo mais	e pela coisa toda	e todo o resto	e coisa e tal
sueña con ser trapezista.	sonha em ser trapezista.	sonha ser trapezista.	quer ser trapezista.	sonha com ser trapezista.
clausuraron el CB deportivo	fecharam o CB esportivo	fecharam o CV esportivo*	fecharam o CB esportivo	fecharam o CB esportivo

las instalaciones se jodieron	as instalações se acabaram	as instalações apodreceram	as instalações se ferraram	as instalações ruíram
no es se ve, se escribe C y B	não é se be, se escreve C e B	não é se vê, se escreve C e V	não é se vê, a gente escreve assim, C e B	não é se vê, escreve-se C e B
No seas mentiroso, tú.	Não seja mentiroso.	Não me venha com essa.	Não seja mentiroso.	Não seja mentiroso, garotão.
¡Qué va, pa su escopeta!	Que é isso, pare a sua escopeta!	Imagina, sai fora!	Ah, vai amolar outro!	Sai pra lá, deixa de onda!
ni me la acerques,	não aproxime de mim,	prá lá com isso,	—	—